

EXTENSÃO EM AÇÃO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

ISSN: 2316-400X

V. 24 n° 2

JUL-DEZ 2022

EXPEDIENTE

Editora-Chefe

Cátia Luzia Oliveira da Silva, Universidade Federal do Ceará

Editoras de Seção

Cátia Luzia Oliveira da Silva, Universidade Federal do Ceará
Mírian Narjara Pires Rocha, Universidade Federal do Ceará
Erineuda Ferreira Fernandes de Menezes, Universidade Federal do Ceará
Débora Barros Ximenes, Universidade Federal do Ceará

Editoras-Gerentes

Mírian Narjara Pires Rocha, Universidade Federal do Ceará
Erineuda Ferreira Fernandes de Menezes, Universidade Federal do Ceará

Editoras de Layout e de Texto

Aline Lima Rodrigues, Universidade Federal do Ceará
Francisco Wesley Azevedo Marciano, Universidade Federal do Ceará
Gabriela Regina Feijão da Silva, Universidade Federal do Ceará
Gustavo Cardoso Oliveira, Universidade Federal do Ceará
Jessica Alexandre Almeida, Universidade Federal do Ceará
Kiara Beatriz Viana Duarte, Universidade Federal do Ceará
Lethícia Santos Pereira, Universidade Federal do Ceará
Rosa Márcia de Araújo de Oliveira, Universidade Federal do Ceará

Conselho Editorial

Adryane Gorayeb Nogueira
Aline de Oliveira Viana
Aline Lima Rodrigues
Alysson Andrade Amorim
Andréa Silvia Walter de Aguiar
Antônio Paulo de Hollanda Cavalcante
Cátia Luzia Oliveira da Silva
Beatriz Gondim Matos
Bernardo Diniz Coutinho
Daniela Gardano Bucharles Mont'Alverne
Débora Barros Ximenes

Deisimer Gorczewski
Eduardo Girão Santiago
Elizabeth de Francesco Daher
Erineuda Ferreira Fernandes de Menezes
Felipe Braga Albuquerque
Francisco Wesley Azevedo Marciano
Francisco Wesley Azevedo Marciano
Gabriela Regina Feijão da Silva
Guilherme Diniz Irffi
Gustavo Cardoso Oliveira
Jessica Alexandre Almeida
Jurema Barros Dantas
Kamila Vieira de Mendonça
Kiara Beatriz Viana Duarte
Lara Capelo Cavalcante
Lethícia Santos Pereira
Marco Túlio Ferreira da Costa
Marcos Ronaldo Albertin
Marisete Dantas de Aquino
Mírian Narjara Pires Rocha
Nadja Glheuca da Silva Dutra Montenegro
Neide Fernandes Monteiro Veras
Pollyanna Martins Pereira
Robéria Rodrigues Lopes
Rogério Teixeira Mâsih
Ronaldo Stefanutti
Rosa Márcia de Araújo Oliveira
Walda Viana Moura

NOMINATA DE AVALIADORES DO 24º VOLUME, EDIÇÃO Nº 2, ANO 2022

Alison Barbosa de Oliveira - Universidade Federal da Grande Dourada (UFGD)

Ana Claudia Torres de Medeiros - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Anderson Weiny Barbalho Silva - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Andrea Pereira Pinto - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bruno Miranda Neves - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Edson Vicente da Silva - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fabiane Elpídio de Sá - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fernanda Ruffo Ortiz - Faculdade Meridional (IMED/Passo Fundo)

Francisco Elton Martins de Souza - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Francisco José Aguiar Costa Júnior - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Francisco Wilker Mustafa Gomes Muniz - Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Gabrielle Silva Marinho - Universidade Estadual do Ceará (Uece)

Ítalo de Paula Casemiro - Universidade Federal de Rondônia (Unir)

Luciane Pires Da Costa - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Luis Paulo Cruz Borges - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Marcelo Armijos - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Marcia Betania de Oliveira - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - (Uern)

Nadja Glheuca da Silva Dutra Montenegro - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Natanna Santana de Moraes - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Raissa Magalhães - Universidade de Fortaleza (Unifor)

Renata Heisler Neves - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Sidney Guerra Reginaldo - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Thaís França Badagnan - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Tiago Lima Sampaio - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Yuri Barbosa Soares da Silva - Fundação Paraibana de Gestão da Saúde

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO

- CLUBE DO LIVRO: FORMANDO LEITORES E BIBLIOTECÁRIOS DURANTE A PANDEMIA**
BOOK CLUB: TRAINING READERS AND LIBRARIANS DURING THE PANDEMIC *8-15*
SILVEIRA, N.; SILVA, R. L. da; SANTOS, G. G.
- EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ANTONIETA SIQUEIRA**
HUMAN RIGHTS EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT AT ANTONIETA SIQUEIRA SCHOOL *16-24*
VALE NETO, G. A.; LIMA, A. E. O. de; SILVA NETO, A. N.
- INDISSOCIABILIDADE ENTRE EXTENSÃO, ENSINO E PESQUISA: UM ESTUDO DE CASO**
INSEPARABILITY BETWEEN EXTENSION, TEACHING AND RESEARCH: A CASE STUDY *25-35*
SANTOS, M. G. L. S.; IMBIRIBA, L. A.; SARTI, R.
- LABORATÓRIO DE ENSINO DE MATEMÁTICA: PARA ALÉM DA UNIVERSIDADE**
LABORATORY OF TEACHING MATHEMATICS: BEYOND THE UNIVERSITY *36-46*
BEZERRA, R. C.; CABANHA, R.; ROCHA, A. A.
- POR DENTRO DO PET: UMA ESTRATÉGIA PARA MANUTENÇÃO E VALORIZAÇÃO DE AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO NO CONTEXTO DA PANDEMIA**
INSIDE PET: VALUE OF ACTIONS DURING THE PANDEMIC *47-57*
SIQUEIRA, L. da C.; FERREIRA, I. A. S.; OLIVIEIRA, A. R. de.; SCHAFRANEK, A. R. de M;
ANDRADE, L. dos S; HADDAD, M. F.

MEIO AMBIENTE

- COLEÇÃO ZOLÓGICA EXPOSITIVA DE INVERTEBRADOS TERRESTRES DO PARQUE PARREÃO I**
EXHIBITIONAL ZOOLOGICAL COLLECTION OF TERRESTRIAL INVERTEBRATES FROM PARQUE PARREÃO I *58-69*
MARTINS, J.; MARTE, S. da S.; VIEIRA, R. L. T.; TCHALIKIAN, R. B.; FONTES, D. G. A.; ALENCAR, C. H..

SAÚDE

- AÇÕES DE SAÚDE PARA PESSOAS COM A SÍNDROME DE BERARDINELLI-SEIP**
HEALTH ACTIONS FOR PATIENTS WITH BERARDINELLI-SEIP SYNDROME: RARE LIPODYSTROPHY PREVALENT IN RIO GRANDE DO NORTE
MEDEIROS, J. E. L. de; DANTAS, M. L. F.; BEZERRA, B. C.; LIMA, K. L. da S.; SARMENTO, A. S. C.; CAMPOS, J. T. A. de M. 70-78
- CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE BUCAL DE CUIDADORES DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA, CEARÁ**
INSTITUTIONALIZED CHILDREN AND THE ORAL HEALTH KNOWLEDGE AMONG CAREGIVER
BARBOZA, M. L.; SILVEIRA, P. D.; SARAIVA, A. C. da S.; BEZERRA, F. S. A.; PASSOS, V. F.; FERREIRA, R. L. G. A. 79-92
- CURSO DE EXTENSÃO EM TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA: ANÁLISE DO PERFIL DISCENTE**
EXTENSION COURSE IN COMPUTED TOMOGRAPHY: ANALYSIS OF THE STUDENT PROFILE
SILVA, C. da; EJIDIKE, A. B.; ALVES, M. L. de S.; MÜLLER, J. S.; SOUZA, D. C. B. de. 93-103
- INTERPROFISSIONALIDADE NO SUS: PERCEPÇÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS**
INTERPROFESSIONALITY IN BRAZILIAN PUBLIC HEALTH SYSTEM: PERCEPTIONS ABOUT COMMUNICATION AND CONFLICT RESOLUTION
RANGEL, C. D.; OLIVEIRA, M. G. C. de; TORRES, E. S. de O.; MEDEIROS, L. F. de; GARCIA, L. R. S. 104-115
- SEM DISTÂNCIA PARA O CUIDADO À CRIANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**
NO DISTANCE FOR CHILD CARE DURING THE PANDEMIC: EXPERIENCE REPORT:
COSTA, P. DE A.; DA SILVA, L. C. L.; BARBOSA, M. P. R.; DE PONTES, A. R. L.; DE SOUZA, A. E. B.; SANTOS, N. C. C. de B. 116-124

TRABALHO

- ALTERNATIVAS PARA UMA APOSENTADORIA COM PLANEJAMENTO FINANCEIRO E SAÚDE EMOCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA**
SOLUTIONS FOR RETIREMENT WITH FINANCIAL PLANNING AND EMOTIONAL HEALTH: CASE REPORT
OLIVEIRA, A. N. de; ROICE, A. da S.; MARQUETTI, I. T.; PATROCÍNIO, R. M.; SILVA, A.; MENDES, J. C. 126-136

EDITORIAL

QUE EXTENSÃO QUEREMOS EM 2023?

Caro(a) Leitor(a),

Certamente, ao se aproximar do conceito de extensão universitária, você já ouviu falar do tripé que sustenta a universidade: ensino, pesquisa e extensão. E, adicionalmente, do conceito de indissociabilidade desses três elementos. Inclusive, há um trabalho nesta edição que contempla esse assunto muito bem.

Ocorre que nossa visão ocidental foi historicamente construída para que coloquemos cada coisa em seu devido lugar – a compartimentação do saber. E assim fomos ficando cada vez mais específicos. Para pensar o tripé de uma forma diferente, proponho que façamos um exercício mental: pensemos numa estrutura, assim como uma grande coluna de concreto. Imaginemos que a observamos de muito longe. Assim de longe, ela parece uma só. Agora, vamos nos aproximando e, a cada passo, vamos discernindo mais detalhes daquele imenso bloco. Vamos nos aproximando mais e mais e percebendo que, na verdade, a coluna é tripartida – dividida em três partes, verticalmente. Assim é esse tripé da universidade: uma coluna, cujas partes estão tão próximas e interconectadas que é preciso olhar bem de perto para tentar separá-las.

Contudo, cabe ressaltar que dessas partes constituintes, aquela que mais carece de explanação é justamente a extensão. O público em geral (tanto fora quanto dentro da própria universidade) parece entender bem o papel do ensino e da pesquisa. Mas, e a extensão? O que é? Sempre listada em terceiro lugar, parece um apêndice. Algo que é “quase demais”, mas não chegou a ficar de fora da lista. E, mais grave ainda, parece ter menos importância mesmo.

Tendo nascido com as primeiras universidades europeias, conforme relata Roberto Mauro Gurgel Rocha em seu texto “A Construção do Conceito de Extensão Universitária na América Latina”, a extensão universitária acumulou em sua trajetória diferentes acepções, tais como a mera prestação de serviços e a missão filantrópica. Já em nosso contexto latino-americano, esteve ligada aos movimentos sociais. Formalmente, hoje, entende-se a extensão universitária como o encontro entre

universidade e sociedade, numa interação de saberes, em que se busca promover uma relação mutuamente transformadora, articulando ensino e pesquisa por meio da cultura, da arte, da ciência, da tecnologia e da inovação, visando ao desenvolvimento social, contribuindo com a formação dos alunos de forma engajada, proativa e empreendedora. Nesse sentido, a extensão deve estar consubstanciada como a própria noção de universidade.

Neste ano de 2023 sopram novos ventos e há novas perspectivas para o Brasil nos campos social, econômico e político. Que seja um tempo de revalorização e de reconstrução da universidade pública e, mais especificamente, da extensão universitária. Que ela passe a ser citada em primeiro lugar, ficando longe das acepções de “favor” e “caridade”. Afinal, uma universidade mantida com os impostos dos cidadãos deve a eles um retorno social. Que finalmente a extensão seja entendida como princípio educativo de uma formação universitária cidadã. E que ela esteja cada vez mais atenta à realidade da população, promovendo uma construção coletiva, assumindo a responsabilidade política de que é preciso refletir sobre essa mesma realidade para transformá-la! Em pleno 2023, já é tempo! Você, leitor(a), encontrará nesta edição doze artigos sobre ações extensionistas que partilham dessa visão de que o futuro é agora. Boa leitura!

Profa Dra Cátia Silva

Editora-Chefe da Revista Extensão em Ação

Professor do Instituto UFC Virtual (UFC)

Universidade Federal do Ceará



CLUBE DO LIVRO: FORMANDO LEITORES E BIBLIOTECÁRIOS DURANTE A PANDEMIA

BOOK CLUB: TRAINING READERS AND LIBRARIANS DURING THE PANDEMIC

SILVEIRA, N.

<https://orcid.org/0000-0002-0490-0052>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SILVA, R. L. da

<https://orcid.org/0000-0002-6539-1087>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SANTOS, G. G.

<https://orcid.org/0000-0002-7466-6708>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O texto aborda o incentivo à leitura por meio do clube do livro com encontros virtuais durante a pandemia de covid-19. O Programa de Educação Tutorial em Biblioteconomia (PET-Biblioteconomia), que desde 2017 desenvolve ações de incentivo à leitura com a realização de clube do livro presencial, em 2020, por conta da pandemia, teve os encontros presenciais substituídos por encontros virtuais. Além do incentivo à leitura, o clube do livro busca auxiliar na formação de bibliotecários como agentes ativos do processo de incentivo à leitura no Brasil. Observa-se que o índice de leitura dos brasileiros, em especial entre os adultos, é muito baixo em relação ao resto do mundo, por isso, além do incentivo à leitura em si, é preciso formar profissionais aptos a incentivarem a leitura.

PALAVRAS-CHAVE: incentivo à leitura; clube de leitura; competência leitora.

ABSTRACT

The text addresses the encouragement of reading through the book club with virtual meetings during the covid-19 pandemic. The Tutorial Education Program in Librarianship (PET-Librarianship), which since 2017 develops actions to encourage reading with the realization of a face-to-face book club in 2020, due to the pandemic, had face-to-face meetings replaced by virtual meetings. In addition to encouraging reading, the book club seeks to assist in the training of librarians as active agents in the process of encouraging reading in Brazil. It is observed that the reading rate of Brazilians, especially among adults, is very low in relation to the rest of the world, so in addition to encouraging reading in itself, it is necessary to train professionals able to encourage reading.

Keywords: encouraging reading; reading group; literary competence.

1. Introdução

A leitura traz muitos benefícios para o indivíduo e também para a sociedade. Para os estudantes do curso de Biblioteconomia, além do estímulo do hábito da leitura no papel do próprio leitor, também propiciará a participação de uma atividade relacionada a sua atividade profissional, pois o bibliotecário é um agente promotor da leitura, portanto formador de leitores.

O clube do livro é uma prática bastante conhecida e utilizada não apenas em bibliotecas. Os clubes estão presentes em livrarias, escolas, organizações e fundações dos mais variados tipos. Independentemente do local, do tipo de clube ou de seu curador, o objetivo é sempre o mesmo: discutir obras do interesse do grupo e incentivar a leitura. Tem como principal característica promover encontros mensais para se discutir um livro lido em comum entre seus membros, o foco pode ser uma temática específica ou literatura em geral. Estudos apontam que o bibliotecário é um agente promotor da leitura, mas que nem sempre esse profissional tem o hábito de leitura para si.

A quinta edição de Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro [1] aponta que a média de leitura do brasileiro é baixa, em especial a leitura realizada por adultos por isso, atividades de incentivo à leitura são necessárias para mudar o cenário e tornar o Brasil um país com mais leitores. A leitura muitas vezes é incentivada nas escolas, por isso, as crianças possuem um índice maior de leitura (maior quantidade de livros lidos por ano). Neste caso, o professor é o grande motivador na leitura.

Para o adulto que não frequenta a escola, as bibliotecas públicas podem exercer esse papel de incentivador da leitura, tendo o bibliotecário como seu principal agente. Com a pandemia, o ano de 2020 praticamente fechou todas as instituições de ensino presenciais, em especial as escolas públicas, dificultando o acesso de muitos brasileiros à leitura. Sendo assim, a realização de clubes

de livro virtuais foi ganhando espaço importante na promoção da leitura.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é apresentar a realização de clube do livro como um importante aliado ao incentivo da leitura em adultos e a importância de se formar bibliotecários capazes de realizar ações de incentivo à leitura através de atividades de extensão universitária. Como objetivos específicos: a) incentivar a leitura entre os estudantes do curso de Biblioteconomia; b) incentivar a leitura em estudantes universitários; c) auxiliar na formação profissional do bibliotecário.

3. MÉTODOS

A metodologia adotada neste trabalho é a pesquisa descritiva, pois descreve desde a organização até a realização do clube do livro, ressaltando-o como um instrumento importante para o incentivo à leitura.

Utiliza-se da pesquisa bibliográfica para apresentar a importância da leitura e o seu papel na formação do cidadão, também se recorre a pesquisa bibliográfica que fundamenta a atuação profissional do bibliotecário e também por considerar a biblioteca como um espaço cultural, de troca e incentivo à leitura.

Têm-se assim as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica relacionada à leitura e ao papel no bibliotecário; organização do clube do livro, que envolve a escolha dos livros e mediação dos encontros; reflexão entre os discentes do curso de graduação em Biblioteconomia sobre o seu papel na formação do leitor.

A pandemia de covid-19 anunciada em março de 2020 no Brasil resultou em alteração do planejamento inicial do Clube do livro, que até então era realizado presencialmente. Criou-se um grupo de WhatsApp, que foi divulgado nas redes sociais, e os interessados eram incluídos no grupo.

Para evitar que o grupo fosse utilizado para outros fins, além da discussão da leitura, o grupo foi configurado para que apenas os administradores tivessem permissão para postar mensagens de divulgação fora do dia do encontro proposto. No dia e horário proposto para o encontro virtual, a configuração do grupo era alterada e todos os participantes poderiam se manifestar.

O cronograma dos livros a serem lidos no decorrer do ano foi divulgado e os encontros virtuais eram realizados na última quinta-feira de cada mês, entre 15h30min e 16h30min, algumas vezes as discussões se prolongavam até às 17h. Ao início de cada encontro era enviada uma mensagem com as normas de conduta, por exemplo, que a discussão deveria ser focada no livro e que não seriam aceitos comentários de cunho pejorativo. Em seguida, a configuração do grupo era alterada de restrita aos administradores para aberta a todos, visando à comunicação entre todos os membros. Ao término, era enviada uma mensagem de agradecimentos e o convite para participação do clube no mês seguinte.

A seleção dos livros a serem lidos era baseada na disponibilidade dos livros para aquisição (não poderiam estar com edição esgotada) e, preferencialmente, estarem em domínio público. Sendo assim, a seguir a programação do clube no livro no ano de 2020: em março, a obra *Iracema*, de José de Alencar; em abril, *A peste*, de Albert Camus; maio, *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago; junho, *A revolução dos bichos*, de George Orwell; julho, *Úrsula e outras obras*, de Maria Firmina dos Reis; agosto, *Capitães de areia*, de Jorge Amado; setembro, *Um corpo na biblioteca*, de Agatha Christie; outubro, *Macunaíma*, de Mário de Andrade; e, novembro, *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

Como a pandemia afetou diretamente a vida das pessoas, os meses de abril e maio buscaram abordar livros literários relacionados a cenários pandêmicos também. Isso possibilitou que os leitores pudessem vivenciar por meio da literatura seus sentimentos, base da biblioterapia, como se verá na seção seguinte. A discussão completa relacionada à leitura de cada livro com os resultados da pesquisa bibliográfica

será apresentada na seção “RESULTADOS E DISCUSSÃO”; a próxima seção intitulada “A LEITURA E O BIBLIOTECÁRIO” apresentará o referencial teórico sobre a leitura e também sobre o bibliotecário.

4. A LEITURA E O BIBLIOTECÁRIO

Este trabalho foca por desenvolver as habilidades necessárias para o exercício do futuro profissional bibliotecário, ou seja, auxiliar na formação do estudante através da realização de atividades de extensão como em desenvolver atividades de extensão, relacionadas ao incentivo à leitura.

Juca Ferreira [2], enquanto ocupava o cargo de Ministro da Cultura, apontava que o índice de leitura pelos brasileiros era muito baixo e ressaltava que existem 3 pilares: a família, a escola e a biblioteca. Neste contexto, podemos afirmar que existem diferentes atores que atuam neste cenário, sendo um deles o bibliotecário, principal profissional à frente de uma biblioteca. É sobre este ator que abordaremos a seguir.

O bibliotecário tem sua profissão regulamentada pela Lei N. 4.084 de 1962 [3], que, além de prever que se deve ter diploma de graduação, ainda que de modo singelo, prevê que o profissional deve planejar serviços de bibliotecas sobre difusão cultural. Neste tópico o incentivo à leitura pelo bibliotecário pode ser amparado.

A leitura pelos bibliotecários é de extrema relevância para a sua própria atuação profissional. Um estudo revelou que a leitura literária tem o bibliotecário como um de seus principais mediadores e que este deve se apropriar de metodologias para se aplicar ações de mediação de leitura em bibliotecas, conforme Alencar, Arantes, Casimiro e Silva [4]. Por isso, incluir discentes nas atividades de clube do livro é uma forma de propiciar um espaço de formação do bibliotecário para a promoção da leitura literária.

Se por um lado a leitura literária é um instrumento que melhora a performance profissional, por outro lado ela também pode ser um espaço de atuação, como é o caso da biblioterapia. Santos e Marquez [5] resgatam

o papel do bibliotecário e a sua formação, ressaltando um estudo sobre a contribuição da biblioterapia no tratamento de pacientes internados em unidades hospitalares. Um exemplo da biblioterapia sendo realizada por meio de um projeto de extensão, envolvendo diferentes profissionais, são as oficinas realizadas com pacientes do Centro de Atenção Psicossocial Vovó Tonica [6]. Neste ponto, destaca-se o papel das atividades de extensão na formação dos estudantes universitários.

Embora nem todos os cursos de graduação em Biblioteconomia contemplem disciplinas obrigatórias relacionadas ao incentivo à leitura, a biblioteca e o bibliotecário são responsáveis pela promoção da leitura [7]. Outro espaço para esse assunto ser abordado são as atividades de extensão, que ganham respaldo com o Plano Nacional de Educação [8].

Abordando a relação entre formação do bibliotecário, programa de educação tutorial e extensão, podemos nos aprofundar na relevância que o Clube do Livro tem para a inclusão da extensão como atividade curricular nos cursos de graduação.

Embora há muito se considere como a extensão um dos tripés da universidade, somente em 2014, com o Plano Nacional da Educação [8], é que prevê que 10% da carga horária do curso seja realizada em atividades de extensão pelo estudante. Embora a curricularização da extensão tenha sido aprovada em 2014, ela já compõe o quadro de atividades aos docentes em dedicação exclusiva desde 2012 de modo muito claro:

Art. 8º O ingresso na Carreira de Magistério Superior ocorrerá sempre no primeiro nível de vencimento da Classe A, mediante aprovação em concurso público de provas e títulos [...]

§1º O concurso público de que trata o caput tem como requisito de ingresso o título de doutor na área exigida no concurso. [...]

Art. 20. O Professor das IFE, ocupante de cargo efetivo do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal, será submetido a um dos seguintes regimes de trabalho:

I - 40 (quarenta) horas semanais de trabalho, em tempo integral, com dedicação exclusiva às atividades de

ensino, pesquisa, extensão e gestão institucional; [9].

Sendo assim, a maior parte dos docentes nas instituições de ensino superior públicas são docentes com dedicação exclusiva, portanto, devem exercer atividades de ensino, pesquisa e extensão em suas respectivas áreas de atuação, previstas no concurso, o que envolve dentre as suas atribuições e competências a busca por desenvolver projetos alinhados à atuação do estudante e futuro graduado em ações em prol da sociedade. Neste sentido, atividades que visam incentivo à leitura no Brasil possuem um forte impacto social e também contribuem para a formação de futuros bibliotecários.

Desenvolver com os alunos atividades de extensão vinculadas às atividades relacionadas à profissão de bibliotecário, regulamentada pela Lei N. 4.084, de 30 de junho de 1962 [3], é o início para a conscientização sobre a atuação do bibliotecário e auxilia no reconhecimento do papel social deste profissional. Existem diversos campos de atuação do bibliotecário, desde atuações consideradas mais técnicas como a catalogação e a classificação, até ações relacionadas à difusão cultural, que inclusive compõe uma das finalidades da educação superior:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica,

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização,

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da

pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição;

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares [10].

A proposta de uma integração com a sociedade permeia princípios educadores, como o apontado por Freire [11], que reafirma que ensinar não é transmissão do conhecimento e sim construção e que o sujeito deve ser capaz de entender e comunicar o entendido. Por isso, o contato com a sociedade externa à universitária é uma ação de troca e permite ao estudante aplicar seus conhecimentos e adquirir conhecimentos além da sala de aula tradicional.

A leitura pode ser motivada por diferentes fatores, desde o aprendizado formal até o lazer. Neste trabalho, o foco do incentivo à leitura está relacionado ao lazer e aos benefícios cognitivos que a leitura traz, como o aumento do vocabulário e capacidade de compreensão textual, ou seja, não se teve a obrigatoriedade da realização de uma ficha de leitura ou algo do tipo. Neste contexto, o Clube do livro abordou a leitura literária.

A literatura expressa-se como a materialização do pensamento humano em suas mais diversas formas através da escrita. A leitura, portanto, nos possibilita acessar o conteúdo escrito e experimentar novos mundos e sentidos. No presente trabalho, entende-se a leitura não apenas como ferramenta de decodificação das palavras e de acesso à literatura escrita, como também à leitura do mundo, dos gestos e dos sentidos.

Segundo o sociólogo e crítico literário Antonio Cândido [12]:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da

ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Nesse sentido, a leitura assume um papel relevante no que tange o desenvolvimento dos indivíduos sob uma perspectiva cognitiva e social. O Instituto Pró-Livro [1] define leitor como “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” e não leitor “aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses”. De acordo com dados da última edição da pesquisa, o percentual de leitores no ano de 2019 foi de 52%. Esse cenário representa um decréscimo de 4% com relação à pesquisa anterior realizada em 2015, em que o número de leitores representava 56% da população.

Ainda de acordo com o relatório [1], dentre os indivíduos participantes da pesquisa, há uma expressiva disparidade entre estes leitores. Em primeiro lugar, o número de leitores da Bíblia é maior entre aqueles que não estão estudando (45%) em relação aos estudantes (21%); em comparação entre a leitura de contos e romances é o inverso, leem mais contos (31%) e romances (21%) os estudantes do que os não estudantes (17% e 22% respectivamente).

Além disso, ao fazer um recorte por escolaridade, a maior parte da comunidade leitora de literatura, foco do presente trabalho, encontra-se em estudantes do Ensino Médio, seguidos dos estudantes de nível Fundamental II (Anos finais), Superior e por fim, Fundamental I (Anos Iniciais). Ao adentrarmos nos fatores que influenciam a escolha de um livro de literatura, a pesquisa identifica que 31% dos leitores consideram o tema e o assunto do livro como o principal ponto de influência na decisão.

Outro dado importante que aponta a pesquisa do Instituto Pró-Livro (2020) é que, embora 75% dos leitores utilizem a Internet em seu tempo livre, apenas 7% usam a Internet para ler livros. Tendo em vista todo o contexto do livro e da leitura no Brasil, bem como o tímido percentual de leitores no ambiente universitário exposto na pesquisa Retratos da Leitura [1], o Clube do livro

promovido pelo PET Biblioteconomia busca incentivar e promover a leitura, tendo como base textos literários, de forma que a leitura possa ser vista como algo prazeroso.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história do clube do livro ainda está mais ligada à ideia de comercialização de livros do que à promoção da leitura e à formação de leitores e de profissionais que possam conduzir pessoas ao mundo da leitura. Como discentes de Biblioteconomia, o clube do livro é uma prática interessante que possibilita novos formatos de atuação na comunidade para promoção da leitura. Em 2020, com a Universidade fechada, o Clube de Leitura PET Biblioteconomia precisou se adaptar ao novo cenário de restrições com aplicação das medidas de segurança contra o novo coronavírus as ferramentas digitais foram grandes aliadas e deram a oportunidade de manter ativa a interação entre os participantes, além de tornarem o Clube atrativo para alunos de diferentes localidades, que não necessitam mais de um deslocamento para acompanhar as discussões e também ajudaram na parte da comunicação e informes sobre o Clube de Leitura.

Em um primeiro momento, optou-se por encontros mensais através da rede social Instagram, sempre na última quinta-feira do mês no turno da tarde. Para o primeiro encontro, optou-se por uma obra popular e curta: *Iracema*, um romance indianista do autor brasileiro José de Alencar. O objetivo da escolha foi atrair o público para o Clube com uma obra da literatura brasileira popular e simples de ser encontrada; a facilidade ao acesso aos livros sempre foi o primeiro fator a ser considerado. A partir do segundo encontro, optamos utilizar o aplicativo do WhatsApp para as discussões das obras, pois a condução seria mais enriquecedora para todos. Para divulgação dos encontros foram utilizadas as redes sociais do PET Biblioteconomia como o Instagram e Facebook. Além das informações sobre a data e o horário do clube, divulgamos também pequenas biografias dos autores selecionados, frases escolhidas pelos

participantes do clube sobre as obras e enquetes.

O grupo do WhatsApp é composto por cerca de 45 pessoas. Dentre os 9 livros lidos e discutidos no Clube do livro no decorrer de 2020, destaca-se: *A peste*, de Albert Camus, lido em abril; *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, lido em maio; e, *Úrsula* e outras obras, de Maria Firmina dos Reis, lido em julho.

Os dois primeiros livros estão relacionados à pandemia. Embora ficcionais, proporcionaram ao leitor uma possibilidade de sensações, ora relacionadas à literatura ficcional, ora relacionadas ao momento real, pandêmico. Estes dois livros geraram discussões sobre a pandemia e políticas públicas. Entre ações pessoais e institucionais tomadas pelas personagens. Neste sentido, foi possível quase que realizar uma catarse coletiva entre os integrantes do Clube do livro, que sem dúvidas aprenderam a lidar melhor com seus sentimentos.

O livro de Maria Firmina dos Reis, além da discussão sobre a escravidão, apresentou uma autora negra, mulher, pouco conhecida entre os brasileiros e entre os membros do Clube do livro. A discussão sobre o livro também resultou em uma discussão sobre a história narrada anos atrás com a realidade atual.

Dos 9 livros no ano de 2020, destacaram-se apenas os 3 acima devido o impacto, além do incentivo à leitura; as discussões abordaram de modo mais intenso os sentidos ligados à pandemia e à mulher, em especial a negra, que com a pandemia tem sofrido mais os seus efeitos negativos, como a sobrecarga de trabalho. Essas discussões foram fundamentais para a consciência crítica e formação cidadã dos leitores do Clube do livro e também para os estudantes de Biblioteconomia, que puderam entender de uma maneira mais dinâmica e direta os efeitos da leitura e, conseqüentemente, o importante papel do bibliotecário na formação de leitores.

Ao final do ano, foi enviado um formulário eletrônico com uma pesquisa de opinião sem a identificação dos participantes. Embora o retorno tenha sido pequeno, dentre 45 participantes do grupo de WhatsApp apenas obtivemos 6 respostas

(13%), todos os participantes assinalaram que amaram ou gostaram de terem participado do Clube do livro e 82% responderam que o Clube do livro fez com que ele lesse mais livros em 2020.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, o Clube do livro realizado em 2020 de modo remoto promoveu além do proposto incentivo à leitura e formação do bibliotecário ele a possibilidade de encontros virtuais entre pessoas em isolamento social, que através da literatura puderam conversar, dialogar e se expressar. De uma certa forma, a leitura literária resultou em um alento nesse período tão delicado que todos estamos vivenciando.

Para os estudantes do curso de Biblioteconomia, a realização desta atividade evidenciou o seu papel social e também o papel da extensão em sua formação de modo geral. Têm sido recorrentes discussões acerca da curricularização da extensão, e esta experiência indicou que o processo é mais praticável do que se especula.

Até o presente momento, o curso de Biblioteconomia no qual o PET está inserido e no qual este projeto vem sendo realizado, ainda não conta com as atividades de extensão formalizadas em seu projeto pedagógico, ou seja, a curricularização da extensão ainda não se concretizou. Elas

ainda são contabilizadas nos históricos curriculares dos discentes como atividade complementar. Sendo assim, este trabalho pode ser adotado pelos cursos como formas de se desenvolver atividades de extensão entre estudantes de Biblioteconomia, adotando temáticas diferenciadas, de acordo com as necessidades e demandas do curso e da própria comunidade.

Em 2020, vivenciamos experiências traumáticas relacionadas à pandemia, um negacionismo crescente. Mas, também, vimos as instituições científicas se fortalecerem ao apresentar vacinas e diferentes pesquisas e produtos que podem diminuir a propagação do vírus. Diferentes áreas do conhecimento, das Ciências da Saúde às Humanidades, estudaram o impacto da pandemia no cotidiano. O clube do livro, por exemplo, abordou duas obras literárias com a temática de pandemia e proporcionou momentos de encontros, em meio a tantos desencontros.

O incentivo à leitura é apenas um dos possíveis caminhos para ser considerado como atividade de extensão promovida pela Biblioteconomia. O caminho a ser percorrido abarca o docente, o estudante, a comunidade externa e a realidade social de cada momento. O tripé ensino, pesquisa e extensão nunca foi tão evidenciado como no presente, caberá a cada um de nós nos encontrarmos neste caminho.

REFERÊNCIAS

(1) Instituto Pró-Livro. Retratos da leitura no Brasil. 5a ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro; 2020 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_d ez2020-compactado.pdf

(2) Ferreira J. Ministro da Cultura diz que baixo índice de leitura no Brasil 'é uma vergonha'. O Globo do Rio de Janeiro [internet] 30 de jun. 2015 [acesso em 08 mar. 2021]; Caderno de Cultura. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/ministro-da-cultura-diz-que-baixo-indice-de-leitura-no-brasil-uma-vergonha-16606376>

(3) Brasil. Lei Nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília: Planalto; 2012 [acesso em 08 mar. 2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4084.htm

(4) Alencar PV, Arantes IM, Casimiro LCSR, Silva M. Sequência didática na formação de leitores: uma proposta para a mediação da leitura literária em bibliotecas. Revista Brasileira de

Biblioteconomia e Documentação [internet]. 2020 [acesso em 11 jul. 2021]; 16:1-17. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1322/1213>.

(5) Santos MA, Marquez SOM. Biblioterapia: a contribuição da biblioterapia no tratamento de pacientes internados em unidades hospitalares. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação [internet]. 2017 [acesso em 11 jul. 2021];13(esp.):1588-1609. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/774>

(6) Mello JCR, Nadal LMK, KANO, IT. Biblioterapia: criança laços com livros. Difusão: Revista de Extensão, Arte e Cultura. 2019;1(4):11-13.

(7) Pajeú HM, Santos WAL. Por uma promoção democrática e dialógica da leitura. Encontros Bibli [internet]. 2021 [acesso em 11 jul. 2021];26(2021):01-19. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/78364/46697>

(8) Brasil. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília: Planalto; 2014 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm

(9) Brasil. Lei Nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Brasília: Planalto; 2012 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12772.htm

(10) Brasil. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Planalto; 1996 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm

(11) Freire P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

(12) Candido A. O direito à literatura. Brasília: Portal Vermelho; 2018 [acesso em 20 abr. 2021]. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/antonio-candido-o-direito-a-literatura/>



EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ANTONIETA SIQUEIRA

HUMAN RIGHTS EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT AT ANTONIETA SIQUEIRA SCHOOL

VALE NETO, G. A.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

LIMA, A. E. O. de

Universidade Federal do Ceará

SILVA NETO, A. N.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências vivenciadas pelo Grupo de Estudos em Direitos Humanos (GEDIH) do curso de Gestão de Políticas Públicas durante o projeto desenvolvido na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Antonieta Siqueira, no bairro Pici. Foi elaborada uma disciplina eletiva denominada de “Clube de Direitos Humanos”, para que os alunos pudessem participar das diversas atividades propostas pelo GEDIH semanalmente. As atividades contemplaram temáticas que permeiam os Direitos Humanos. Por meio de filmes, documentários, textos, debates e gincanas, foi possível realizar as discussões e o compartilhamento de informações com os alunos das diferentes turmas do Ensino Médio. Ao término do projeto, puderam avaliar os encontros e realizar uma apresentação relatando o que tinham aprendido. Os referidos relatos foram positivos, pois revelaram uma construção de novos conhecimentos relativos à temática e ao desejo em dar continuidade ao trabalho realizado. Concluiu-se que as atividades desenvolvidas foram determinantes para a disseminação dos Direitos Humanos e para a compreensão de que Direitos Humanos não são favores e, portanto, devem ser respeitados e assegurados.

PALAVRAS-CHAVE: direitos humanos; plano nacional de educação em direitos humanos; educação.

ABSTRACT

The aim of this paper is to report the experiences lived by the Human Rights Studies Group (GEDIH) of the Public Policy Management course during the project developed at the Full Time High School Antonieta

Siqueira. Through the “Human Rights Club” course, students could participate in diverse human rights-related activities. Through films, documentaries, texts, debates, and competitions, it was possible to hold discussions and share information with students from different high school classes. At the end of the project, they were able to evaluate the meetings and make a presentation reporting what they had learned. These reports were positive, as they revealed the construction of new knowledge related to the theme and the desire to continue the work done. It was concluded that the activities developed were decisive for the dissemination of Human Rights and for the understanding that Human Rights are not favored and, therefore, must be respected and guaranteed.

KEYWORDS: human rights; national human rights education plan; education.

1. INTRODUÇÃO

Direitos Humanos tem sido uma pauta recorrente ao redor do mundo desde a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, numa tentativa de promover a paz e de expandir esses direitos para maiores ramos da sociedade. Assim sendo, cada país signatário deve buscar atingir metas e comprometer-se com os princípios que a declaração apresenta. Tais direitos são reconhecidos como inerentes ao ser humano e sua expansão busca promover uma abrangência desses direitos na sociedade sem distinção de sua raça, cor, sexo, religião, opinião, nacionalidade, classe social, dentre outros [1].

No Brasil, no ano de 2003, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), começou a ser elaborado pelo Conselho Nacional de Educação em Direitos Humanos, como uma via para trazer uma maior capilaridade da abordagem desse tema para a sociedade, visando ainda implantar a proposta nas escolas e nos modelos educacionais do país. É importante ressaltar ainda, que tal educação não é tão somente pautada para os âmbitos escolares, mas também aos mais diversos setores, como o Ensino Superior, profissionais do sistema de justiça, dentre outros. No PNEDH

a educação em Direitos Humanos é apresentada como:

A educação em direitos humanos é compreendida como um processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, articulando as seguintes dimensões:

- Apreensão de conhecimentos historicamente construídos sobre direitos humanos e a sua relação com os contextos internacional, nacional e local;
- Afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade;
- Formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, ético e político;
- Desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados;
- Fortalecimento de práticas individuais e sociais que gerem ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos, bem como da reparação das violações. [2].

Consoante com a Resolução nº1 de 30 de maio de 2012 [3], na qual estabelece diretrizes nacionais para a Educação em Direitos Humanos, o PNEDH em 2018 foi atualizado com uma série de ações programáticas e objetivos que buscavam

incluir a sociedade dentro do campo dos Direitos Humanos. Uma das intenções do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos era também disseminar esses direitos para diversos níveis sociais e escolares. Fundamentado nesse plano, o presente trabalho buscou como seu escopo a atuação mais direta do funcionamento e da aplicabilidade do PNEDH nas escolas em torno do bairro Pici, visando promover uma Educação em Direitos Humanos no intuito de desencadear uma parceria do Grupo de Estudos em Direitos Humanos (GEDIH) com a Escola de Ensino Médio de Tempo Integral (EEMTI) Antonieta Siqueira, na busca incessante da promoção e defesa dos Direitos Humanos.

Apesar dos Direitos Humanos serem pauta em debate na conjuntura nacional, percebemos por meio das discussões que envolvem o tema, que as ações de enfrentamento às violações dos Direitos Humanos estão longe de serem liquidadas por diversos fatores. Um deles diz respeito à falta de conhecimento e ao contexto econômico e político que enfrentamos na atualidade, fato que aumenta a desigualdade em todos os segmentos: econômicos, políticos e sociais. Nesta conjuntura, também podemos destacar que as políticas públicas são insuficientes para atender a uma população que carece de atenção aos seus direitos básicos, os quais são constantemente violados, por isso, justifica-se a necessidade de colocar em prática esse projeto e outros que visem suprir parte dessa demanda. Vale ressaltar ainda que o processo de construção da cidadania requer formação de cidadãos conscientes e essa formação se dá pelas parcerias firmadas em prol de um único objetivo: amenizar os problemas da maioria vulnerável na tentativa de fazer valer seus direitos.

Nessa perspectiva, buscou-se uma aproximação com a direção da escola, primeiro com a realização de visitas e, posteriormente, com a anuência da mesma, reuniões sistemáticas. Em uma reunião, durante o período de recesso escolar com o diretor, foi apresentado o projeto e levantado a proposta de intervenções e ações na escola por parte do GEDIH e depois sugerido que o projeto poderia se

estender para algo maior e se consolidar como uma disciplina eletiva durante o período de um semestre. Dessa forma, foi possível envolver os alunos que se inscreveram para participar do trabalho. Mediante esse procedimento, foi realizada a parceria e criado a partir de então, o Clube de Direitos Humanos que passou a atuar nos meses seguintes.

Durante o percurso do projeto de extensão, foi perceptível a enorme escassez de informação acerca dos Direitos Humanos, pois os jovens demonstraram desde o início não compreenderem a questão, pois nunca tinham ouvido falar. Eles relataram não saber do que se tratava e não sabiam descrever quais eram esses direitos e muito menos que eles eram detentores de tais direitos. Não foi fácil para eles compreenderem que os direitos não deveriam ser vistos como favores, como resalta Rabenhorst [4], "...direitos não são apenas demandas por justiça. Eles são também o reconhecimento de que algo nos é devido. Neste sentido, direitos não são favores, súplicas ou gentilezas".

Esse primeiro contato, confirmou a escassez do debate sobre Direitos Humanos e a ausência de ações que promovessem o mesmo. Ficou evidente a necessidade da ação de extensão que ocorreu com grande êxito, pois após essa demonstração clara de que, embora exista um Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, verificou-se que ainda era pouco difundido nas escolas e ambientes educacionais a importância que essas diretrizes possuem para a promoção de uma educação em Direitos Humanos, capazes de formar cidadãos cientes de seus direitos e deveres.

2. O CLUBE DE DIREITOS HUMANOS

O projeto teve início em julho de 2019, após a realização de uma visita até a escola Antonieta Siqueira, onde foi firmado a parceria com o Grupo de Estudos em Direitos Humanos (GEDIH). A parceria possibilitou a criação de uma disciplina eletiva denominada de Clube de Direitos Humanos, que seria ofertada por todo o semestre. Os encontros ocorreram uma vez

por semana, às quartas-feiras, no período de uma hora e quarenta minutos. As disciplinas eletivas são ofertadas pela escola para oferecer aos alunos opções extracurriculares, ou seja, para além das matérias tradicionais. Desta forma, o clube de Direitos Humanos foi inserido no rol dessas opções acompanhadas de outras atividades: a capoeira, o cultivo de horta, escolinha de futebol, etc. Essas atividades eram escolhidas de acordo com a vontade e interesse de cada aluno, para preencherem seus respectivos horários no turno da manhã, uma vez que a escola trabalha em tempo integral, implantada como escola de Ensino Médio em tempo integral no ano de 2017.

O Clube de Direitos Humanos foi idealizado para que funcionasse em um modelo construído com os alunos e com base em temas que atraíssem os interesses da turma. Essa estratégia foi utilizada para que pudéssemos nos aproximar do grupo e trabalhar o mais próximo de suas realidades e de uma maneira menos impactante, uma vez que era a primeira experiência desses alunos com uma equipe da Universidade Pública do Ceará, considerada por eles uma realidade distante, pois acreditavam que o acesso ao Ensino Superior era muito difícil e quase impossível de se conseguir uma vaga. Esse pensamento os deixava inibidos e receosos em se manifestar.

Os temas escolhidos perpassaram por diversas temáticas que foram abordadas dentro da concepção dos Direitos Humanos e apresentado no plano de aula da disciplina tais como gênero, bullying, educação, criança e adolescência, mulher, dentre outros.

Além disso, os encontros contavam com dinâmicas para descontrair os alunos na tentativa de fazê-los se sentirem mais à vontade, antes de iniciarmos as discussões que eram realizadas por meio de textos, filmes, debates, documentários e rodas de conversas. A ideia era que os alunos pudessem participar e compartilhar entre si, por meio do debate, seus conhecimentos

sobre determinados assuntos, suas histórias de vida e os novos conhecimentos que ali estavam sendo adquiridos naquele momento.

Os encontros eram elaborados a partir de reuniões prévias em que se pensava em um determinado assunto que fizesse parte da realidade daqueles jovens, para os mesmos se sentirem mais à vontade, se identificarem e poderem absorver da maneira mais fácil possível, o tema abordado. Para isso, foram utilizadas metodologias, tais como relatos de experiências em pequenos grupos, para aproximar os alunos uns dos outros e participarem ativamente das discussões promovidas. Em nosso primeiro encontro, por exemplo, procuramos, antes de adentrar a temática, compreender quais eram os entendimentos a respeito dos Direitos Humanos [5] que os alunos possuíam.

Nessa oportunidade, foi solicitado que eles escrevessem o que significava Direitos Humanos, qual era a sua compreensão a respeito. Os resultados foram diversos, porém poucos apresentaram o significado mais próximo do que se discute sobre os Direitos Humanos, apenas uma aluna respondeu de maneira mais coerente. Em sua maioria, as respostas eram vazias e se dividiam em: “O direito das pessoas” ou não sabiam responder. Após a leitura de todas as respostas, foi iniciado um debate em que procuramos apresentar uma breve descrição do que seriam os Direitos Humanos e a forma como abordaríamos ao longo do semestre, elucidando eventuais dúvidas a respeito do tema e das metodologias que seriam utilizadas. A resposta ao primeiro encontro foi tão positiva que de quinze alunos matriculados, seis novos alunos ingressaram na semana seguinte durante a fase de reajuste, ultrapassando o limite de vinte alunos por turma. Essa amostra de alunos, no ano em que o Clube de Direitos Humanos foi implantado, em 2019, foi bem representativa, já que essa escola contava com 12 turmas e 230 matrículas.

No encontro seguinte, começamos a discussão mais aprofundada sobre Direitos

Humanos e iniciamos com um texto introdutório que abordava de maneira histórica como esses direitos foram criados, além de um importante debate a respeito do que significa ter um “direito” em si, elucidando que os direitos adquiridos não devem ser vistos como meros favores e que esses devem ser exigidos e lutados por sua aquisição e respeito.

Nesse contexto, buscamos cada vez maior aprofundamento na temática, trazendo em dois encontros a Declaração Universal dos Direitos Humanos para ser amplamente debatida com base na leitura de seus artigos. Era evidente o desconhecimento dos jovens a respeito do que ali continha, muitos ficavam perplexos e não compreendiam, não faziam ideia de que eles eram merecedores desses direitos, muitos estavam conformados com a realidade que os afetavam todos os dias e tão pouco achavam que aqueles direitos poderiam fazer diferença se fossem respeitados. Era perceptível que, com o passar dos quatro encontros iniciais, os alunos se mostraram cada vez mais interessados sobre a temática, até então desconhecida, e passaram a perceber o quão foram prejudicados diariamente por não terem os seus direitos, que nem sabiam que existiam, respeitados e efetivados.

Seguindo adiante, os encontros abordaram outras questões que levantaram vários questionamentos e debates, buscamos por apresentar temáticas que estivessem mais próximas da realidade daqueles jovens e, por isso, temas como educação, escola, juventudes, gênero, crianças e adolescentes, bullying, dentre outros. Ao final do semestre, realizamos uma última atividade por meio da cartilha “João Cidadão: um jeito simples de entender os seus direitos” [5] em que os jovens puderam formar grupos, ler e escolher de três a cinco itens que continham direitos diversos e depois realizar uma breve apresentação de quais foram os direitos lidos e quais eles mais

se interessaram. Nesse mesmo encontro, realizamos uma aplicação de questionário visando à aquisição de uma resposta por parte dos alunos sobre o que acharam do projeto e como aquilo tinha impactado as suas vidas. As respostas revelaram que o desejo de todos os alunos era pela permanência e continuidade da ação com a escola uma vez que, eles gostariam de se aprofundar mais no tema. A direção da escola também sinalizou positivamente, demonstrando interesse pela continuidade do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos fatos, após o período de um semestre, foi identificado claramente uma ampla diferença do pensamento e do aprendizado dos jovens participantes do clube ao conseguirem construir conhecimentos acerca dos Direitos Humanos. Como citado anteriormente, ao início das atividades, foi solicitado aos alunos que comentassem qual era o seu entendimento sobre os Direitos Humanos e foi evidente o desconhecimento e falta de contato não somente no âmbito escolar, como em seus cotidianos.

Os encontros com os jovens foram bem-sucedidos: a princípio, houve uma certa resistência nos dois primeiros encontros por parte dos alunos, uma vez que, tratava-se de pessoas externas à escola e o assunto era algo desconhecido, eles não possuíam nenhum tipo de aproximação com o tema. Entretanto, o que mais impressionou foi o otimismo e a vontade de aprender, era perceptível no olhar de cada um deles, a curiosidade e o anseio de compreender o assunto. Conforme as aulas iam avançando, novas temáticas iriam sendo trabalhadas, os alunos ficavam mais maravilhados com todas aquelas informações que recebiam, principalmente porque não sabiam o quanto aquilo era importante e o quanto estava relacionado diretamente com a vida deles.

Na temática de gênero e da mulher, discutimos sobre a criação e a origem da Lei Maria da Penha, além dos mecanismos de proteção [6]. A temática instigou muito a participação das alunas que demonstraram interesse no assunto. Algumas fizeram uma série de perguntas e se mostraram muito curiosas, pudemos notar, inclusive, que algumas se sentiram mais confortáveis em se manifestar, outras levantaram questionamentos sobre as questões legais, deixando subentendido possíveis acontecimentos pessoais.

Embora o tema fosse direcionado para as mulheres, os homens que estavam presentes também se interessaram muito e até forneceram relatos de pessoas conhecidas que sofreram algum tipo de abuso e se sentiram muito contemplados com o encontro, porque puderam passar a compreender um pouco mais sobre essas questões e o seu papel, como indivíduo em potencial para realizar uma denúncia ou fornecer amparo e informações para indicar como a vítima poderia proceder.

Infelizmente, não tivemos outros encontros com os alunos de forma a desenvolver mais ações sobre as temáticas trabalhadas; algumas planejadas não puderam ser contempladas devido aos contratempos ocorridos e pelo curto espaço temporal. Ressaltamos, pois, que o tema dos Direitos Humanos é muito rico e abrangente, por isso tornou-se difícil conseguir trabalhar os assuntos em tão pouco tempo. Contudo, defendemos que se faz necessário um trabalho contínuo de educação em Direitos Humanos em instituições de ensino, não somente por meio de momentos pontuais como uma palestra, projetos externos, mas que, de fato, se torne uma ação permanente e supervisionada.

Além disso, defendemos também a capacitação dos profissionais de educação, não somente alunos devem ter acesso ao debate no âmbito educacional, mas também toda a equipe: os professores, gestores, etc.

Segundo o Art. 2º, parágrafo 2º da Resolução nº1 de 30 de maio de 2012, a devida efetivação da educação em Direitos Humanos deve ser efetuada pelas instituições de ensino e os sistemas de aprendizado, adotando diretrizes para profissionais envolvidos nos processos educacionais [3], entretanto, isso ainda é pouco presente tanto no âmbito da educação fundamental quanto no ensino médio e no ensino superior.

Tal fator torna-se muito preocupante uma vez que o Brasil, como um país signatário à Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) [1], tem o dever e responsabilidade de atuar dentro do seu território com uma série de medidas que busquem espelhar ações que estejam consoantes com o que reza a declaração. Possuímos a existência de um órgão público federal como o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o qual busca trazer uma abordagem sobre os Direitos Humanos para a sociedade brasileira [7], além ainda de outros dispositivos como o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) [2] como já citado anteriormente e, além disso, a educação em Direitos Humanos se encontra inserida também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com o seu incentivo conforme consta na presente lei em vigor:

§ 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e ao adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o caput deste artigo, tendo como diretriz a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), observada a produção e distribuição de material didático adequado. [8].

Com efeito, podemos observar que, dentro das normas federais, o incentivo à pauta dos Direitos Humanos segue possuindo uma grande força política e jurídica, mas que, infelizmente, não se efetiva

nas escolas, sejam elas privadas ou públicas. Por exemplo, neste trabalho, lidamos com a iniciativa pública por meio de uma escola da rede estadual do Governo do Estado do Ceará e conforme as respostas dos alunos, obtidas por meio de questionários, eles não possuíam nenhum contato com os Direitos Humanos tanto dentro da escola quanto de maneira externa.

É preocupante verificarmos que existem tantos dispositivos que embasam os Direitos Humanos como um fator primordial na educação brasileira em um amplo espectro que vai além das escolas, mas que não atinge a sociedade como deveria, independentemente da idade, classe social, orientação sexual, crença e raça. Fato comprovado pelas respostas dos jovens participantes desse projeto, mas, se considerarmos que são alunos de uma escola no qual eles afirmam não ter contato com os Direitos Humanos, levantamos a hipótese que a escola de uma maneira geral nunca trabalhou com a temática, pois são jovens que sempre estudaram nessa instituição desde o início da etapa educacional ofertada, portanto, acreditamos que outras centenas de jovens que estudaram e ainda estudam na escola também carecem de uma educação em Direitos Humanos e que talvez já teve contato com a temática como algo muito breve e pontual.

Devemos ressaltar ainda que, apesar da ausência do debate em Direito Humanos nessa instituição, o diretor abriu as portas para que o projeto fosse desenvolvido, apoiou a equipe e se mostrou muito receptivo, inclusive sinalizou e expressou a sua gratidão, desejando ainda que o projeto pudesse continuar no ano seguinte, o que é algo muito importante e valioso que devemos levar em consideração. Entretanto, como já destacado, há uma série de normas públicas federais, que não foram observadas, tais normas reforçam que a temática dos Direitos Humanos deveria ser trabalhada de uma maneira transversal. Destarte, as instituições educacionais em seus diversos

segmentos, já poderiam ter começado a implantar ações de forma a corroborar com essas normas, seja por meio de suas disciplinas ou de programas/projetos incluídas em suas grades curriculares. No entanto, sabemos que não é só a boa vontade do gestor escolar, para tornar o debate possível, há outros fatores que inibem essa postura, como falta de incentivo financeiro e humanos, bem como novas políticas públicas.

Quantas escolas da rede pública não possuem nenhum tipo de acesso aos Direitos Humanos? Podemos ainda ir além e questionar as próprias instituições privadas e até as redes de ensino superior, quais são as medidas, diretrizes e ações que elas adotam para levar adiante todas essas normas federais de apoio aos Direitos Humanos? Existe ou deve existir uma fiscalização por parte do Ministério da Educação? Como se espera criar uma consciência cidadã com base em uma educação em Direitos Humanos se esse processo não se iniciar cedo nas escolas e nos ambientes educacionais? São diversos questionamentos que podemos levantar e eles são necessários para que possamos refletir que não basta apenas observar as leis e outros aparatos públicos e jurídicos que debatam o tema, se, ao final, essa dita educação em Direitos Humanos não se efetivar e contemplar à população de fato, porque depende de inúmeros outros fatores já destacados. Ressaltamos que, todo o projeto embasado na educação em Direitos Humanos proposta pelo Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, vai além das fronteiras das instituições de ensino como expresso no documento:

A estrutura do PNEDH estabelece concepções, princípios, objetivos, diretrizes e linhas de ação, contemplando cinco grandes eixos de atuação: Educação Básica, Educação Superior, Educação Não-Forma, Educação dos Profissionais dos Sistemas de

Esse trecho permite perceber mais uma vez o quanto é preocupante a ausência do debate, mesmo apresentando diferentes eixos de atuação, dentre eles a Mídia, os jovens não estejam tendo acesso a nenhum tipo de conteúdo relacionado aos Direitos Humanos, seja dentro ou fora das instituições educacionais, ou por meio de outros eixos de atuação. A própria Mídia é considerada um importante veículo de comunicação que poderia contribuir mais significativamente para o desenvolvimento e a promoção dos Direitos Humanos para as juventudes, mas infelizmente nada é realizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar um relato de experiência de um projeto extensionista de educação em Direitos Humanos, realizado na Escola de Ensino Médio e Tempo Integral (EEMTI) Antonieta Siqueira. Apresentou ainda a experiência vivenciada durante o desenvolvimento do projeto tomando como base as diretrizes propostas no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos – PNEDH. O trabalho realizado apresentou e discutiu o que versa o PNEDH e como essas informações chegavam até os alunos. De fato, as propostas que são apresentadas dentro dessas Diretrizes são muito necessárias, inspiradoras e instigantes, entretanto, será que estas são de fato observadas e/ou efetivadas?

O presente trabalho iniciou suas atividades em agosto de 2019 na escola com uma turma de vinte e um jovens, os quais possuíam diversos pensamentos a respeito dos Direitos Humanos e que puderam, ao longo de um semestre, aprender a respeito do que seriam os Direitos Humanos, sua origem, os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e temas transversais

como Educação, Gênero, Mulher, Criança e Adolescência, dentre outros.

Ao término das atividades no final do semestre, foi aplicado um questionário aos alunos para que pudessem avaliar tanto a sua experiência prévia que possuíam em relação aos Direitos Humanos quanto o funcionamento do clube, os modelos de ensino, quais temas gostariam de ter visto, o que eles aprenderam sobre os temas, etc. Verificamos claramente uma enorme diferença de visão e pontos muito interessantes por meio de suas respostas. Para começar, todos os alunos afirmaram que, até o momento antes do clube de Direitos Humanos, nenhum deles havia tido contato com a temática, seja por meio da internet, palestras na escola ou outras formas de acesso à informação em seu cotidiano.

Além disso, muitos deles afirmaram não possuírem ciência de que tinham tantos direitos, acreditando que tal fato não configurava uma realidade para eles; ficaram impressionados com os direitos que possuíam e, principalmente, que estes não deveriam ser vistos como favores. Por fim, todos os alunos manifestaram interesse de continuar com o clube no ano seguinte, além do próprio diretor da escola que também sinalizou o apoio a essa decisão reforçando o convite para que pudéssemos retornar.

Devemos reiterar a importância da abordagem dos Direitos Humanos dentro dos ambientes escolares, tanto de instituições públicas quanto privadas, em busca de uma educação em Direitos Humanos que promova um desenvolvimento de uma formação cidadã consciente, não somente dos seus deveres, mas também de seus direitos, consoante ao que está expresso no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) [2]. Esse plano, embora traga uma série de diretrizes e princípios que as instituições de educação deveriam observar e aderir, continua sendo muito subutilizado dentro do âmbito escolar.

Urge, portanto, a necessidade de um investimento maior dentro da aplicabilidade da proposta educacional nacional brasileira em Direitos Humanos apresentada pelo PNEDH e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para que as informações sobre o assunto cheguem de fato aos alunos

e se materializem da melhor forma possível, para deixar de ser um mero documento informativo e passar a contribuir com medidas que façam valer a promoção e defesa dos direitos desses sujeitos, na tentativa de uma formação cidadã efetiva.

REFERÊNCIAS

- (1) ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembleia das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 13 jun. 2020.
- (2) GOVERNO FEDERAL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/plano-nacional-de-educacao-em-direitos-humanos>. Acesso em: 25 maio 2020.
- (3) BRASIL. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais Para A Educação em Direitos Humanos. Brasília, 31 maio 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp001_12.pdf. Acesso em: 13 jun. 2020.
- (4) RABENHORST, Eduardo. O que são Direitos Humanos? Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/01/01_rabenhorst_oqs_dh.pdf. Acesso em: 1 ago. 2020.
- (5) ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. O que são os direitos humanos?
- (6) BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Brasília, 8 ago. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 13 jun. 2020.
- (7) GOVERNO FEDERAL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/base-legal-de-governo/ministerios/ministerio-da-mulher-da-familia-e-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- (8) BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 13 jun. 2020.



INDISSOCIABILIDADE ENTRE EXTENSÃO, ENSINO E PESQUISA: UM ESTUDO DE CASO

INSEPARABILITY BETWEEN EXTENSION, TEACHING AND RESEARCH: A CASE STUDY

SANTOS, M. G. L. S.

<https://orcid.org/0000-0002-2376-8229>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

IMBIRIBA, L. A.

<https://orcid.org/0000-0002-9274-7253>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0001-7553-4275>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de caso que busca descrever e analisar a parceria entre o "Encontro de Lá Pra Cá", uma ação de extensão, e a Cinesiologia, uma disciplina obrigatória do curso de licenciatura em Educação Física da UFRJ, refletindo sobre os desdobramentos desta interlocução no processo de construção de espaços indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão. Foram identificadas três etapas históricas: a implementação do encontro; a aproximação entre extensão e ensino; e o aprofundamento na relação ensino, pesquisa e extensão. Deste modo, o estudo de caso observa uma crescente complexidade das relações tecidas, o não protagonismo da pesquisa sobre o ensino e a extensão e a ocorrência de criação de cenários híbridos no decorrer dos anos de parceria.

PALAVRAS-CHAVE: extensão universitária; cinesiologia; educação física.

ABSTRACT

The present work is characterized as a case study that seeks to describe and analyze the partnership between the "Encontro de Lá Pra Cá", an extension action, and Kinesiology, a mandatory discipline of the Physical Education graduation at UFRJ, reflecting on the consequences of this partnership in the process of building inseparable spaces between teaching, research and extension. Three historical stages were identified: the implementation of the meeting; the approximation between extension and teaching; and the deepening on the relationship between teaching, research and extension. In this way, the case study observes an increasing complexity of the relationships woven, the non-protagonism of the research on teaching and extension and the creation of hybrid scenarios during the years of partnership.

KEYWORDS: university extension; kinesiology; physical education.

1. Introdução

A função social da universidade é emoldurada legalmente pelo artigo 207 da Constituição de 1988[1], quando destaca que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Deste modo, nos últimos trinta anos tem se discutido sobre os desafios enfrentados na sustentação do princípio dessa indissociabilidade [2].

Atualmente, a extensão universitária tem se deparado com o desafio da curricularização, ou seja, tem avançado na meta 12 do Plano Nacional de Educação (PNE 2014) e as universidades, gradativamente, vêm incorporando em seus currículos de graduação 10% de atividades de extensão. Tal provocação tem destacado a condição fundamental de valorização do pensamento indissociável entre o ensino, a pesquisa e a extensão, refutando o tradicional protagonismo da pesquisa em relação às outras duas esferas da universidade[3]. No âmbito da América Latina, a extensão tem experimentado uma valorização substantiva, sobretudo no âmbito da interação enriquecedora para universidade/sociedade [4].

No entanto, a trajetória histórica da extensão na universidade tem sido marcada pela centralidade de sua relação assistencialista junto à sociedade, abrindo espaço para a emergência de críticas a este formato e o surgimento de novas concepções. Sustentada por alguns conceitos freirianos, a concepção de extensão popular propõe a ruptura com a “Educação Bancária” como uma transmissão de conhecimentos e avança na valorização

dos saberes populares em articulação com o conhecimento científico[5].

Assim, neste contexto de disputa de concepções, a partir de diferentes formas de interlocução com a sociedade e tendo como horizonte o princípio da indissociabilidade como base, algumas questões importantes precisam ser aprofundadas: como as ações de extensão têm se aproximado do ensino e da pesquisa? E quais são os desafios postos para esses estreitamentos? Deste modo, o presente trabalho caracteriza-se como um estudo de caso que busca descrever e analisar a parceria entre o “Encontro de Lá Pra Cá”, uma ação de extensão, e a Cinesiologia, uma disciplina obrigatória do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O trabalho pretende ainda apresentar os desdobramentos desta parceria no processo de construção de espaços indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão, além de refletir sobre desafios e perspectivas que vêm surgindo nesta trajetória.

Sendo assim, o contexto do referido estudo de caso está emoldurado por um projeto de extensão e um componente curricular obrigatório. O Encontro De Lá Pra Cá apresenta-se como uma ação de extensão do projeto “Educação Física na Baixada Fluminense: autonomia e construção de conhecimento”. Como disciplina do quarto período do curso de licenciatura, a Cinesiologia compreende, em sua ementa [6]:

Estudo do movimento humano: exemplos no cotidiano escolar e questões teóricas. Descrição cinesiológica do movimento humano, com ênfase no estudo da execução motora normal (abordando os anátômicos e neurofisiológicos dos movimentos corpo). Cinesiologia dos segmentos corpo (membros superiores, inferiores e coluna vertebral) no dia-a-dia. Postura, equilíbrio corpo e locomoção humana. Avaliação motora e postural.

Para o entendimento dos desdobramentos desta relação, são mobilizados os conceitos que cercam a extensão universitária, sobretudo, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Em seguida, é apresentada a

estrutura metodológica do referido estudo de caso. E finalmente, desenvolve-se a discussão dos resultados das análises, quando é destacado o trajeto histórico da interlocução entre a ação de extensão e a disciplina da graduação.

2. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE

O início do século XX foi cenário para o surgimento da extensão universitária no país e teve a sua periodização narrada por Rocha (1995), que apresenta as experiências pioneiras na Universidade Popular da Universidade Livre de São Paulo e nas Escolas de Agronomia de Lavras e Viçosa (MG) [7]. A discussão sobre a extensão atravessou o século e tem sua trajetória histórica tracejada pela própria história da Universidade no Brasil.

O termo extensão traz em si o sentido de estender algo a alguém. Nesse prisma, o termo induz a associação com transmissão, messianismo, entrega e invasão cultural[8]. Essa concepção ofereceu base para as primeiras manifestações da extensão universitária no Brasil, no início do século XX, limitando-se à realização de cursos, conferências e prestação de serviços[9].

No final dos anos 1960, com a ditadura militar em vigor, foi promulgada a Lei Básica da Reforma Universitária, nº 5.540/68, que, em seu artigo 20, estabelecia que “as universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes” [10]. Deste modo, tal deliberação conservava a então visão reducionista da extensão. Esta concepção, de caráter assistencialista, começa a sofrer críticas e alguns conceitos freirianos foram mobilizados no debate. O conceito de “Educação Bancária”, por exemplo, posiciona a universidade brasileira, no contexto de uma extensão unilateral, como uma depositária de conhecimento, restando aos demais segmentos da sociedade o papel de receptores. Para Gadotti (2017), os saberes dos demais setores sociais eram ignorados

em uma visão reducionista de extensão e a possibilidade de uma interação dialógica com a universidade acaba por encontrar extrema dificuldade[3]. Deste modo, os conceitos de Paulo Freire foram fundamentais na superação do princípio assistencialista da extensão.

Na década de 1980, quando o contexto brasileiro era de intensa mobilização para a reconstrução do estado democrático, as universidades brasileiras retomam suas pautas e aproximam-se das bases de sustentação da concepção freiriana de extensão. Nesse período, foram redefinidas as práticas de ensino, pesquisa e extensão e questionado o caráter assistencialista das ações extensionistas das décadas anteriores [1; 7]. Todo esse contexto de discussões favoreceu o surgimento de um novo espaço - o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) - em 1987, e o estabelecimento do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como dever para as universidades públicas, no artigo 207 da Constituição Federal de 1988[1].

A garantia constitucional coloca a extensão universitária em um outro lugar e passa a ser parte fundamental dentro da construção do princípio da indissociabilidade, tendo como desafio buscar vinculação com o ensino, dentro dos processos de formação de pessoas, e com a pesquisa, imersa na função de construir conhecimento (FORPROEX, 2012) [9]. Deste modo, percebe-se uma dupla perspectiva para o referido princípio, sendo a primeira relacionada à sua condição enquanto uma das diretrizes da extensão universitária, construídas historicamente no seio do FORPROEX. Como segunda perspectiva, o princípio da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão é um dispositivo constitucional, apontando para o caminho que a universidade deve seguir para cumprir a sua missão[2].

A creditação das atividades de extensão, um avanço significativo no desenvolvimento de tal haste da função social da universidade, ganha status de Lei com a aprovação do Plano Nacional de Educação – PNE 2011-2020 (PL 8053/2013), materializada na meta 12.7: “Assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária” [12]. Para Gadotti (2017), a creditação compõe, de um lado, a valorização da função social da universidade e sua interlocução com a sociedade e, por outro prisma, fortalece o princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. O autor alerta para o risco da extensão tornar-se apêndice nos currículos e defende, como condição fundamental, sua inclusão dentro de uma estrutura inseparável com o ensino e a pesquisa[3].

O princípio da integralidade é fundamental na Extensão Universitária. É preciso conectar as três funções da universidade para que a educação seja integral. O currículo não é a soma de um conjunto de disciplinas. Ele traduz um projeto político pedagógico integrado. Por isso, um dos principais desafios da curricularização da Extensão está na superação de uma prática fragmentada de pequenos projetos por uma prática integral e integradora.

Desta forma, o autor empreende uma importante reflexão em relação ao desafio de conectar as funções da universidade e combater os riscos de hierarquização entre elas, sobretudo, dentro dos novos desafios apresentados no horizonte da curricularização das atividades de extensão nas universidades brasileiras. Assim, esse cenário poderia permitir a compreensão da extensão como um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” [9].

3. METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em um estudo de caso de uma parceria entre uma ação de extensão e uma disciplina obrigatória de um curso de licenciatura. Sobre o estudo de caso, Ventura (2007) destaca o seu potencial em investigar uma unidade, bem delimitada e contextualizada, garantindo o cuidado de compreender o caso como um recorte de um todo[13]. Para Chadderton e Torrance (2015), o estudo de caso deve estar atento, sobretudo, no exercício de reconhecer e descrever, respondendo à pergunta central: O que está acontecendo aqui? Em compêndio, “o estudo de caso é um “enfoque” de pesquisa que procura lidar com a complexidade da atividade social e educacional e descrevê-la” [14].

Sobre a estruturação da pesquisa, Ventura (2007) assinala ainda uma possibilidade de caminho para realização do estudo de caso, partindo da delimitação de uma unidade-caso, seguindo com a coleta de dados, caminhando para a seleção, análise e interpretação dos dados, para, finalmente, construir o relatório[13].

A unidade-caso foi delimitada por uma aproximação entre um espaço de ensino e um espaço de extensão, emoldurados por um contexto de um curso de licenciatura. Sobre a coleta e definição dos dados, inicialmente, foram levantados dez trabalhos publicados em anais de congressos, que contaram com a autoria de graduandos extensionistas e professores da universidade envolvidos no contexto em voga. No decorrer do estudo, foi possível perceber a necessidade de inclusão de quatro monografias desenvolvidas a partir da parceria. Em suma, as produções analisadas foram publicadas entre os anos de 2014 e 2019, em eventos acadêmicos da própria instituição e em congressos de abrangência nacional.

Autores	Título	Ano	Evento
SANTOS, P. <i>et al</i>	De lá pra cá: uma proposta de ação com o ensino fundamental	2014	11º Congresso de Extensão da UFRJ
RODRIGUES, R. <i>et al</i>	Encontro de lá pra cá: ensino, pesquisa e extensão	2015	12º Congresso de Extensão da UFRJ
REIS, L. <i>et al</i>	Trajatória histórica do evento de lá pra cá e a articulação com a disciplina Cinesiologia	2016	7ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ
RODRIGUES, R.; SARTI, R.	Trajatória histórica do evento “de lá pra cá”	2017	XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
CANDAL, E. <i>et al</i>	Construção de jogos e o conhecimento sobre o corpo na formação de professores de educação física	2017a	8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ
CANDAL, E. <i>et al</i>	Mediação didática a partir dos conhecimentos sobre o corpo na educação física escolar: encontro entre ensino e extensão	2017b	8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ
SARTI, R. <i>et al</i>	Impacto social e na formação do estudante: o caso do encontro de lá pra cá	2018	9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ
FERNANDES, D. <i>et al</i>	O evento de lá pra cá como espaço de aproximação entre universidade e escola	2018	I Congresso de Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva
CATTAN, C. <i>et al</i>	Impacto na formação: a ação de extensão - encontro “de lá pra cá”	2019	XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
CONCEIÇÃO, F. <i>et al</i>	Impacto na formação: a ação de extensão - encontro de lá pra cá	2019	10ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ

Fonte: Os autores (2020).

Deste modo, as referidas produções foram analisadas no sentido de organizar o caminho trilhado pela parceria entre a ação de extensão e a disciplina, garantindo uma lente atenta para os desdobramentos originários desta conexão inicial. Os trabalhos foram distribuídos dentro de um intervalo de seis anos e desenvolveram abordagens distintas. Alguns trabalhos descreveram os primeiros anos da ação de extensão, outros estiveram mais interessados em narrar o estabelecimento da parceria e outros detalharam características importantes dos produtos e desdobramentos da ação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto de extensão “Educação Física na Baixada Fluminense: autonomia e construção de conhecimento” (EEFD Baixada) tem por objetivo a criação de espaços de aproximação entre a escola e a

universidade e, para tanto, tem suas ações fundamentadas em três eixos: Ensino; Formação; e Divulgação. O eixo de Divulgação, foco principal do presente trabalho, instaura o diálogo entre a teoria e a prática reflexiva na formação docente. A atuação deste eixo está direcionada à organização da ação de extensão intitulada “Encontro De Lá Pra Cá - EDLPC” [15]. A ação de extensão supracitada é responsável por receber os alunos das escolas públicas parceiras para um dia de evento na UFRJ, onde estes participam de oficinas que tematizam diversas manifestações da cultura corporal, ministradas e planejadas pelos licenciandos das disciplinas colaboradoras [16; 17; 18]. Sobre a criação do Encontro De Lá Pra Cá, Fernandes et al (2018) destacam sua importância na superação da então reduzida aproximação do curso de licenciatura com os espaços e os sujeitos escolares [15].

Durante a leitura e análise dos textos, foi possível acessar os relatos de diferentes

experiências desenvolvidas a partir da relação entre o EDLPC e uma disciplina obrigatória do curso de licenciatura, a Cinesiologia. Os trabalhos analisados foram publicados em anais de eventos entre os anos de 2014 e 2019 e, deste modo, narram diferentes etapas históricas do processo. Neste sentido, para Fernandes et al (2018) [15], a primeira parceria do encontro, a disciplina Cinesiologia, apresenta alguns desdobramentos que têm contribuído para a formação de professores de Educação Física

da UFRJ no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Atenta aos desdobramentos da relação fundada entre estes dois atores (ação de extensão e ensino) no curso de Licenciatura em Educação Física, a presente pesquisa apresenta uma proposta de trajetória histórica marcada por três fases (quadro 1), a saber: a implementação do encontro; a aproximação entre extensão e ensino; e o aprofundamento da relação entre ensino, pesquisa e extensão.

Quadro 2 – Fases da trajetória entre o EDLPC e a Cinesiologia

Fases	Período
Implementação do encontro	2011-2012
Aproximação entre extensão e ensino	2013-2015
Aprofundamento na relação ensino, pesquisa e extensão	2016-2020

Fonte: Os autores (2020)

A criação e implantação do EDLPC ocorreu nos anos de 2011 e 2012 por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O encontro ganhou vida na perspectiva de abrir uma via de mão dupla com as escolas participantes do programa. Entretanto, na fase inicial, os encontros ainda não possuíam a articulação com a Cinesiologia e a programação das oficinas do evento era de exclusiva responsabilidade dos bolsistas do Subprojeto Educação Física - PIBID/UFRJ [17; 15].

Na segunda etapa, a fase de aproximação entre extensão e ensino, foi estabelecida a primeira parceria do EDLPC. Após dois anos de existência do encontro, no segundo semestre do ano de 2013, inaugura-se o diálogo com o professor da disciplina obrigatória Cinesiologia. A edição de 2013 foi a primeira organizada pelo projeto EEFD Baixada, quando o referido professor propôs uma atividade de dinamização dos conhecimentos sobre o corpo com os alunos da educação básica [18; 17].

A partir de 2014, a participação dos licenciandos, inscritos na disciplina Cinesiologia, garantiu a articulação entre a

ação de extensão e a ação de ensino [18]. A nova fase conta com licenciandos e estudantes, que compõem o mesmo cenário, interagindo, ao mesmo tempo, dentro de uma disciplina de graduação e de uma ação de extensão. Neste sentido, para Reis et al (2016), esta interação permitiu o diálogo direto com a educação básica em um curso de licenciatura [17].

A primeira experiência envolvendo os professores em formação contou com o desafio de construção de propostas pedagógicas para as turmas das escolas parceiras. O professor da disciplina sugeriu a organização do processo em quatro etapas: a elaboração das propostas pelos licenciandos; apresentação e discussão dentro da turma; seleção da proposta mais adequada; e a realização do evento EDLPC [19].

Compromissados em descrever a interlocução EDLPC/Cinesiologia, Candal et al (2017a) revelam algumas características da proposta formativa configurada dentro da disciplina obrigatória do curso de licenciatura em Educação Física. Os autores destacaram a aproximação do conteúdo tematizado na disciplina com as reflexões sobre os diálogos tecidos na interação com

a educação básica e “com isso, o espaço da disciplina se torna também meio para refletir a atuação docente e a materialização da relação entre ensino, pesquisa e extensão” [20].

A terceira fase compreende um aprofundamento nas relações estabelecidas entre o encontro e a disciplina, apontando para alguns desdobramentos no âmbito da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. O ano de 2016 é o cenário para o surgimento de duas ações diretamente ligadas às experiências vivenciadas nas fases anteriores, a saber: a criação do Grupo de Estudos de Cinesiologia e Educação Física Escolar (GECEFE); e a abertura da disciplina eletiva Cinesiologia e Educação Física escolar.

O Grupo de Estudos de Cinesiologia e Educação Física Escolar (GECEFE) nasce com o objetivo de refletir sobre o papel da disciplina cinesiologia na formação de professores, estudando as relações entre os conhecimentos sobre o corpo e o conteúdo da Educação Física escolar, a cultura corporal. A criação do grupo é resultado da interação EDLPC/Cinesiologia e revela o amadurecimento desta articulação na direção de estabelecer um pensamento indissociável entre ensino, pesquisa e extensão [20]. Além disso, ao relatar o processo de surgimento do grupo, os autores sublinham estes três eixos acadêmicos como fundamentais no fortalecimento da função social da universidade.

Buscando apresentar as produções do GECEFE, Candal et al (2017a) descreveram duas propostas pedagógicas do grupo[20]. A primeira, intitulada “Corrida Vertebral”, é apresentada como um jogo de tabuleiro, contendo perguntas e desafios, que buscam tematizar os conhecimentos sobre a coluna vertebral e as situações do cotidiano. A segunda proposta narrada no trabalho é o “Dominó Articulado”, que guardava a mesma organização do jogo tradicional, porém, no lugar dos números, articulações de diversos tipos. Em compêndio, as produções do GECEFE “buscam apontar possibilidades para uma prática pedagógica, não sendo receita, mas sim incentivando a criatividade para aproximar os conhecimentos cinesiológicos,

o bloco de conteúdo baseado no conhecimento sobre o corpo, a prática docente e a educação básica” [20].

Além disso, o grupo de estudo favoreceu o desenvolvimento de quatro trabalhos de conclusão de curso, que exploraram a relação EDLPC/Cinesiologia. As monografias abordaram os conhecimentos sobre o corpo na construção de propostas pedagógicas, na literatura científica e em interface com manifestações da cultura corporal.

Deste modo, os referidos trabalhos de conclusão de curso foram analisados no sentido de estabelecer uma relação entre as pesquisas desenvolvidas no âmbito do GECEFE e o impacto na formação de professores da educação básica. Os trabalhos estão distribuídos dentro de um intervalo de dois anos e apresentaram abordagens distintas entre si, com seus devidos afastamentos e aproximações. Os três primeiros trabalhos consistem em propostas pedagógicas que inserem o conhecimento sobre o corpo na Educação Física escolar, a partir do jogo "Corrida Vertebral", das posturas do yoga e de ações didáticas de atividades rítmicas e expressivas, respectivamente [25; 27; 15]. No terceiro trabalho, os autores construíram uma revisão sistemática, analisando 27 artigos, a fim de identificar as diferentes visões sobre o corpo no ambiente escolar[28]. Em suma, o conjunto de monografias apresentou aprofundamentos teóricos e aplicações pedagógicas, fomentando o debate sobre os Conhecimentos Sobre o Corpo [29] enquanto um conteúdo a ser tematizado na Educação Física escolar, juntamente ao Esporte, aos Jogos, às Lutas, à Ginástica e às Atividades Rítmicas e Expressivas. Assim, os sujeitos desta unidade-caso encontram nos Conhecimentos Sobre o Corpo a base teórica para fundamentar a prática docente e os desdobramentos dessa relação, como ficou explicitado no conjunto das monografias supracitadas.

Idealizada dentro do espaço do GECEFE, criado em 2016, a disciplina eletiva Cinesiologia e Educação Física Escolar apresenta-se como o segundo desdobramento desta fase de aprofundamento da relação entre ensino,

pesquisa e extensão. Com carga horária de 60 horas, a disciplina aborda a dimensão específica da ciência que estuda o movimento humano e abre um espaço significativo para os estudos do ensino da Educação Física na escola, com destaque para o espaço de construção de propostas pedagógicas que promovam esta interlocução.

Sobre o contexto de criação da disciplina, dois anos antes de sua criação, Santos et al (2014) já sinalizavam que a demanda dos professores em formação por estudos teórico-práticos sobre a aproximação entre a Cinesiologia e a Educação Física escolar alimentava a proposta de desenvolvimento de uma disciplina eletiva[19]. Diante disso, Candal et al [21] relataram este processo de criação e identificaram como objetivo principal a ideia de explorar o bloco de conteúdo Conhecimentos Sobre o Corpo[29] como um espaço rico para o diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar.

Na realização do Encontro De Lá Pra Cá de 2016, com a participação da primeira turma da disciplina eletiva, foi desenvolvido o jogo da “Articulação Fantástica”, que é descrito por Candal et al [21]. Os autores, em um primeiro momento, desenham o contexto de produção da experiência pedagógica, os sujeitos envolvidos no encontro, alunos do ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro e licenciandos de Educação Física da UFRJ. Em um segundo momento, os autores socializam a experiência pedagógica, como o formato do jogo de tabuleiro e os movimentos corporais da vida cotidiana.

Assim, observando as características destes dois desdobramentos (GECEFE e Disciplina eletiva), os sujeitos envolvidos, as produções realizadas, os cenários construídos e as relações estabelecidas, é possível propor alguns apontamentos e sugerir algumas pistas no que se refere às aproximações e/ou afastamentos da relação EDLPC/Cinesiologia e o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O primeiro apontamento sublinha a complexidade crescente das relações tecidas. O segundo apontamento destaca o não protagonismo da pesquisa

sobre o ensino e a extensão. E o terceiro, e último, apontamento assinala a criação de cenários híbridos no decorrer dos anos de parceria.

As fases da relação EDLPC/Cinesiologia (Quadro 2) apontam para a ampliação de sua complexidade com o decorrer do tempo. Nesse sentido, a criação e a implantação do EDLPC, entre os anos de 2011 e 2012, e a organização do evento sob responsabilidade do EEFD Baixada, a partir de 2013, representam um momento ainda singelo, com envolvimento apenas do projeto de extensão em questão e dos estudantes da educação básica. Quando é construída, em 2013, a primeira parceria do EDLPC com uma disciplina obrigatória do curso de Educação Física (a Cinesiologia), a relação é ampliada, incorporando, além dos estudantes da educação básica, o professor e o conjunto de licenciandos, caracterizando o encontro da extensão com o ensino. Já a partir de 2016, quando são incluídos nesta trajetória histórica os desdobramentos da relação EDLPC/Cinesiologia, é possível observar seu ápice de complexidade. O desenvolvimento do GECEFE garantiu a esta parceria a incorporação do componente da pesquisa, transformando o EDLPC em um espaço híbrido de sujeitos, com estudantes da educação básica, professor da disciplina, professor da educação básica, licenciandos e pesquisadores interagindo num mesmo cenário.

Além disso, como segundo apontamento, as fases supracitadas assinalam a não hierarquização da pesquisa sobre o ensino e a extensão, o que Gadotti (2017) aponta como essencial para o princípio da indissociabilidade e para a construção da via de mão dupla entre a universidade e os demais setores da sociedade [3]. O caminho percorrido pela relação EDLPC/Cinesiologia assume um rumo diferente, demonstrando a influência da extensão sobre as ações de ensino e pesquisa, caminhando para a construção do elo indissociável.

O terceiro e último apontamento ganha sustentação no delineamento de espaços híbridos no âmbito da articulação EDLPC/Cinesiologia. Como definir as oficinas do Encontro De Lá Pra Cá, após

estes anos de parceria? Observando a sua trajetória histórica, é impossível restringi-las à uma atividade de ensino (Cinesiologia; Cinesiologia e Educação Física Escolar). Parece ser também inviável classificá-las exclusivamente como ações de extensão do projeto EEFD Baixada e, tampouco, um

lugar reservado somente para o desenvolvimento de atividades de pesquisa. Deste modo, o percurso desta simbiose indica a possível construção de um lugar emoldurado pelo pleno princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

5. Conclusão

Diante do olhar para o desenvolvimento da trajetória da referida unidade-caso, foi possível perceber a sofisticação das relações tecidas no âmbito do princípio da indissociabilidade e, no cumprimento da função social da universidade, a existência de um equilíbrio entre ensino, extensão e pesquisa. As produções analisadas revelaram os desdobramentos da parceria EDLPC/Cinesiologia, que se traduziram na criação de novas estruturas de ensino e

pesquisa que, por sua vez, encaminharam para novos desafios, sobretudo, na criação de espaços híbridos e indissociáveis de construção de conhecimento.

O princípio da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão fica demarcado pelos três apontamentos sinalizados pela emergência das novas estruturas, com a tessitura de relações mais complexas, com a composição de cenários mistos e, sobretudo, com o equilíbrio entre o pesquisar, ensinar e interagir com os demais segmentos da sociedade.

REFERÊNCIAS

- (1) BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_12.12.2019/CON1988.pdf. Acesso em: 12 abr. 2020.
- (2) GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229 - 1256, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1229>. Acesso em: 11 ago.2020.
- (3) GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: Para quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf Acesso em: 10 mar. 2020.
- (4) RIAGA, M. C.; RUBIANO, M. E. La extensión universitaria en América Latina: concepciones y tendencias, *Rev. Educación y Educadores*, 14(2), 349-366, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-12942011000200007. Acesso em: 19 set. 2022.
- (5) BENINCÁ, D.; CAMPOS, F. S. S. Extensão Popular: uma proposta transformadora para a educação superior. *Dialogia*, São Paulo, n. 27, p. 145-156, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=7247&path%5B%5D=3617>. Acesso em 27 ago. 2022.
- (6) UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.eefd.ufrj.br/sinaes/projeto-pedag%C3%B3gico-do-curso-de-licenciatura-em-educac%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADsica>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- (7) ROCHA, R. M. G. A trajetória da Extensão Universitária no Brasil. In BRASIL. Perfil da extensão universitária no Brasil. Brasília: MEC/SESu, 1995.

- (8) FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4 ed.1977.
- (9) FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012.
Disponível em:
<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- (10) BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 nov. 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 nov. 1968. Retificada em 3 dez. 1968.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm. Acesso em: 11 ago. 2020.
- (11) FORPROEX. Avaliação da Extensão Universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE; PROEX/UFGM, Coleção Extensão Universitária; v.8, 2013. Disponível em:
https://www.ufmg.br/proex/renex/images/avalia%C3%A7%C3%A3o_da_extens%C3%A3o_-_livro_8.pdf. Acesso em: 12 abr. 2020.
- (12) BRASIL. Ministério de Educação. Projeto de Lei nº 8.035/2010. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2010. Disponível em:
https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1029286&filename=Tramitacao-PL+8035/2010. Acesso em: 11 ago. 2020.
- (13) VENTURA, M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. Revista SOCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386. Set./Out, 2007. Disponível em:
http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 11 ago. 2020.
- (14) CHADDERTON, C.; TORRANCE, H. Estudos de Caso In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. Teorias e Métodos de Pesquisa Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- (15) FERNANDES, D.; VASCONCELLOS, D.; CARNEIRO, G. O evento de lá pra cá como espaço de aproximação entre universidade e escola. In: FONSECA, Michele Pereira de Souza da; DIAS, Maria Aparecida. Anais do 1º Congresso de Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva. 1ª. ed. Rio de Janeiro: UNA Editora, 2018. v. 01. ISBN: 978-85-60036-41-7
- (16) RODRIGUES, R.; FREIRE, P. ; IMBIRIBA, L. ; SARTI, R. Encontro De lá pra cá: ensino, pesquisa e extensão. In: VI Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2015, Rio de Janeiro. XII Congresso De Extensão da UFRJ, 2015.
- (17) REIS, L. N. ; BAKKER, L. ; RODRIGUES, R. ; SARTI, R. Trajetória histórica do evento De lá pra cá e a articulação com a disciplina Cinesiologia. In: VII Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2016, Rio de Janeiro. VII SIAC, 2016.
- (18) RODRIGUES, R.; SARTI, R. Trajetória histórica do evento “de lá pra cá”. In: XX CONBRACE - VII CONICE, 2017, Goiânia. Democracia e Emancipação: desafios para a Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina, 2017.
- (19) FREIRE, P. ; RODRIGUES, R. ; SARTI, R. De lá pra cá: uma proposta de ação com o ensino fundamental. In: V Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2014, Rio de Janeiro. XI Congresso de Extensão da UFRJ, 2014.
- (20) CANDAL, E. B.; REIS, L. N.; FERNADES, D. P.; IMBIRIBA, L.; SARTI, R. Construção de jogos e o conhecimento sobre o corpo na formação de professores de Educação Física. A disciplina Cinesiologia, o Grupo de Estudos em Cinesiologia e Educação Física Escolar e o projeto EEFD Baixada como espaços de reflexão da atuação docente e da cultura corporal. In: VIII Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2017a, Rio de Janeiro. VIII SIAC, 2017.
- (21) CANDAL, E. B.; REIS, L. N.; FERNADES, D. P.; SARTI, R. S.; IMBIRIBA, L. Mediação didática a partir dos conhecimentos sobre o corpo na educação física escolar: encontro entre ensino e

extensão. In: VIII Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2017b, Rio de Janeiro. VIII SIAC, 2017.

(22) SARTI, R.; RODRIGUES, R. Impacto social e na formação do estudante: o caso do encontro de lá pra cá. In: IX Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2018, Rio de Janeiro. IX SIAC, 2018. Disponível em:

<http://sistemas.macaue.ufrj.br/9siac/cadernoController/gerarCadernoResumo/35000000>. Acesso em: 11 ago. 2020

(23) CATTAN, C.; CEZARIO, D.; VANDELLI, G.; BARBOSA, C.; VASCONCELLOS, D.; SARTI, R. Impacto na formação: a ação de extensão - encontro “de lá pra cá”. In: XXI CONBRACE - VIII CONICE, 2019, Natal. O que pode um corpo no contexto atual? Controle, regulação e perda de direitos como desafios para Educação Física e Ciências do Esporte, 2019. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/anais/2019>. Acesso em: 11 ago. 2020.

(24) CONCEIÇÃO, F.; SARTI, R.; OLIVEIRA, R.; CARNEIRO, G.; CEZARIO, D.; MACHADO, D. Impacto na formação: a ação de extensão - encontro de lá pra cá. In: X Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2019, Rio de Janeiro. X SIAC, 2019. Disponível em: <https://sistemasiac.ufrj.br/cadernoController/gerarCadernoResumo/35000000>

(25) SALOMÃO, M. Jogos didáticos como instrumento de ensino em Educação Postural. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

(26) FERNANDES, D. Dança e conhecimentos sobre o corpo: Uma sequência pedagógica aplicada ao ensino fundamental I. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

(27) GOMES, L. Conhecimentos sobre o corpo: O yoga e a educação postural no ensino médio. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

(28) FUTEMA, G.; COELHO, J. Conhecimentos sobre o corpo está “incorporado” na escola? Uma revisão sistemática. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

(29) BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.



LABORATÓRIO DE ENSINO DE MATEMÁTICA: PARA ALÉM DA UNIVERSIDADE

LABORATORY OF TEACHING MATHEMATICS: BEYOND THE UNIVERSITY

BEZERRA, R. C.

<https://orcid.org/0000-0002-4461-8473>

Universidade Estadual do
Oeste do Paraná

CABANHA, R.

<https://orcid.org/0000-0002-1348-5030>

Universidade Estadual do
Oeste do Paraná

ROCHA, A. A.

<https://orcid.org/0000-0003-1571-894X>

Universidade Estadual do
Oeste do Paraná

RESUMO

O programa de extensão Laboratório de Ensino de Matemática de Foz do Iguaçu (LEM/Foz) tem se consolidado desde 2001 como apoio para o Curso de Licenciatura em Matemática e como elo com a comunidade. Os projetos desenvolvidos têm o intuito de disseminar a Matemática, ampliar parcerias, trocar conhecimentos, aproximar a universidade da comunidade, desenvolver no mesmo ambiente a formação inicial e continuada de professores, vivenciar e permitir que acadêmicos e docentes vivenciem a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. E, neste artigo temos como objetivo identificar e discutir qual a percepção dos alunos (futuros professores de Matemática) em relação as ações desenvolvidas no/com o LEM/Foz e, para tal, realizamos um questionário com os alunos do curso de Licenciatura em Matemática. Foi possível constatar que os futuros professores de Matemática entendem as ações desenvolvidas no/com o LEM como importantes para sua formação e identificam o laboratório como um agente integrador do e no curso de Licenciatura em Matemática.

PALAVRAS-CHAVE: indissociabilidade; formação de professores; extensão.

ABSTRACT

The extension program Mathematics Teaching Laboratory in Foz do Iguaçu (LEM / Foz) has been consolidated since 2001 as support for the Mathematics Degree Course and as a link with the community. The projects developed are intended to disseminate Mathematics, expand partnerships, exchange knowledge, bring the university closer to the community, develop initial and continuing teacher education in the same environment, experience and allow academics and teachers to experience the

inseparability of teaching, research and extension. And, in this article we aim to identify and discuss the perception of students (future Mathematics teachers) in relation to the actions developed in and with LEM/Foz and for that we carried out a questionnaire with students of the Degree in Mathematics. It was possible to observe that that future Mathematics teachers understand the actions developed in and with the LEM as important for their teacher education and identify the laboratory as an integrating agent of and in the Mathematics Degree Course.

KEYWORDS: inseparability; teacher education; extension.

1. Introdução

O Laboratório de Ensino de Matemática de Foz do Iguaçu (LEM/Foz) está cadastrado na Pró Reitoria de Extensão – PROEX da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como um programa de extensão, vinculado ao Curso de Licenciatura em Matemática desde o ano 2000.

O LEM/Foz é um espaço físico, que dispõem de livros, periódicos, computadores, recursos didáticos e paradidáticos, materiais de apoio para a construção de tarefas matemáticas, materiais pedagógicos e ainda, agrega diversos projetos, no qual articula objetivos comuns e que integram o ensino, a pesquisa e a extensão.

Os professores do curso de Licenciatura em Matemática (licenciados e bacharéis) em sua grande maioria integram o programa e fazem seus projetos de extensão, ensino e pesquisa atrelados ao mesmo.

Temos o LEM/Foz, como um espaço fomentador da produção e disseminação do conhecimento matemático, apoio às disciplinas pedagógicas, responsável pela aproximação do Ensino Superior com o Ensino Básico e ainda, responsável pela troca de experiências e conhecimentos entre a formação inicial e a formação continuada de professores na busca do aprimoramento, do desenvolvimento profissional e da melhoria no processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Ou seja, o LEM/Foz promove

diferentes ações em diferentes vertentes se diferenciando de outros laboratórios de Matemática que existem no Brasil, pois segundo Varizo [1] (2007), os laboratórios geralmente realizam/enfatizam uma única ação. Alguns estão voltados, “[...] para questões pedagógicas da Matemática no Ensino Básico (EB), alguns se dedicam ao ensino da Matemática na universidade, outros priorizam uma única disciplina e poucos se destinam só a pesquisa. Quanto ao foco da formação docente uns visam à formação inicial e continuada de professores de Matemática, outros enfatizam apenas uma delas” (p. 1-2).

Como destaca Maschietto; Trouche [2] (2010), os laboratórios devem “[...] levar, não somente as crianças, mas também os professores, [...] a sociedade a ter uma noção mais exata do que é a matemática e de seu real papel na vida moderna [...]” (p. 39). E, além disso, segundo Lucena [3] (2017) o LEM “[...] é o espaço propício e indispensável ao contexto escolar, em que há um ambiente favorável à aproximação da matemática teórica com a matemática prática [...]”. Neste espaço, há a “[...] utilização de materiais como jogos, livros, vídeos, computadores, materiais manipuláveis, materiais para experimentos com a matemática (tesoura, compasso,

régua, fita métrica, isopor, transferidor, softwares educativos, etc.) [...]” e isso permite ao professor condições melhores para que realize um “[...] planejamento e [...] execução da aula com maior qualidade, tornando-o capaz de fomentar nos seus alunos a curiosidade, a criatividade e a participação nas aulas, fazendo-os sujeitos ativos nos processos de aprendizagem” (p. 9).

Diante disso, o fato de o LEM ser um programa e ter diferentes professores com diferentes formações vinculado, permite que o LEM/Foz por meio dos dados de seus inúmeros projetos se consolide ao longo de mais de vinte anos de existência como um apoio importante para o Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Campus de Foz do Iguaçu/PR, como um elo do curso com a comunidade e a região Oeste do Paraná.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar o programa de extensão LEM/Foz, identificar e discutir qual a percepção dos alunos (futuros professores de Matemática) em relação as ações desenvolvidas no e com o LEM/Foz, a sua importância para formação acadêmica, e a partir disso, buscar subsídios para planejar as ações futuras.

2. Materiais e métodos

O artigo apresenta num primeiro momento projetos realizados em Foz do Iguaçu e região com o apoio do programa. Isto se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica tendo como apoio os relatórios entregues a Pró Reitoria de Extensão (PROEX) da Unioeste e aprovados pelas instâncias da universidade no período de 2011 a 2016.

Num segundo momento apresentamos as percepções e sugestões dos usuários do laboratório no ano de 2019 por meio de um questionário online (Google forms).

E, por fim, apresentamos as perspectivas futuras para o LEM/Foz, pois as ações do programa precisam ser constantemente refletidas e aprimoradas buscando estar em sintonia com os anseios

da comunidade e os avanços da sociedade em que está inserido e que se quer inserir.

3. Resultados

De acordo com Lorenzato [4] (2006) a “[...] construção de um LEM não é um objetivo para ser atingido a curto prazo; uma vez construído, ele demanda constante complementação, que por sua vez, exige que o professor se mantenha atualizado” (p. 11), no entanto, vivenciar a experiência da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão por meio de projetos que acontecem no Laboratório é uma experiência importante para o futuro professor de Matemática e para o professor de Matemática, afinal sabemos que o “[...] desempenho de todo profissional depende também dos ambientes e dos instrumentos disponíveis” (p. 05) e do que ele experiencia/vivencia durante sua formação inicial e/ou continuada.

Há diferentes tipos de laboratório, com diferentes objetivos, o Lem/Foz busca contribuir para a construção de uma formação inicial sólida que colaborativamente trabalhe com a formação continuada e que promova a integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Neste sentido, como defende Rêgo, Rêgo [5] (2006) com o LEM buscamos:

a) aproximar a instituição da comunidade, promovendo parcerias na busca por soluções dos problemas educacionais, na melhoria do ensino e constituindo-se como um espaço para divulgação e implantação da ciência;

b) desenvolver e estimular a prática da pesquisa dentro e fora da sala de aula, aliada a uma sólida formação teórica e prática;

c) elaborar, desenvolver e consolidar projetos em parceria com os sistemas de ensino, incentivando a construção e instalação de laboratórios de Ensino de Matemática, além de promover oficinas e cursos de formação que aproxime a formação inicial da formação continuada de professores.

É na vivência e na troca de experiência entre os diferentes níveis de ensino, que se permite que o professor e futuro professor de Matemática conheça as diferentes

possibilidades de se trabalhar e/ou explorar a Matemática, como afirma Turrioni [6] (2004), pois este é um local propício para a articulação e o desenvolvimento de conhecimentos o que contribui para o início à docência e para o desenvolvimento profissional dos professores.

E, é também neste espaço que o professor descobre/vivencia a certeza de que “[...] por melhor que seja o MD nunca ultrapassa a categoria de meio para auxiliar o ensino [...] o MD não é garantia de um bom ensino, nem de uma aprendizagem significativa e não substitui o professor [...]” Lorenzato [4] (2006), no entanto, “[...] o professor de Matemática, que dispõe de um

bom Laboratório, poderá, com a maior facilidade, motivar seus alunos por meio de experiências e orientá-los mais tarde, com a maior segurança, pelo caminho das pesquisas mais abstratas” Tahan [7] (1962).

E, é exatamente isso que propomos que o professor e futuro professor de Matemática vivencie no LEM/Foz por meio do seu espaço físico e dos seus inúmeros projetos propostos a comunidade, ou seja, a experiência da descoberta!

No Quadro 1, apresentamos alguns dos projetos que foram desenvolvidos no período de seis anos (2011 a 2016) pelo Colegiado de Matemática e que tiveram vínculo com o Laboratório de Matemática – LEM/Foz.

Tabela 1 – Relação de projetos desenvolvidos no e com o laboratório de ensino de matemática – LEM/Foz

ATIVIDADE	PÚBLICO ATINGIDO
Fluxo Contínuo	
Atendimento aos Alunos e Professores.	Alunos do Curso de Matemática, Alunos da Educação Básica, Professores do Curso de Matemática, Professores da Educação Básica do Estado e Município, bem como da Região.
2011	
X Semana Acadêmica de Matemática.	Alunos e Professores da UNIOESTE, Professores da Educação Básica do Estado e Município, e comunidade em geral.
III Feira de Cursos e Profissões.	Alunos do Ensino Médio.
Laboratório de Ensino de Matemática: a universidade auxiliando na passagem da 4a. para a 5a. série.	Professores e Alunos da Educação Básica, e Alunos do Curso de Matemática.
2012	
Discutindo Metodologias de Ensino Aprendizagem da Matemática para Séries Iniciais.	Professores e Alunos da Educação Básica, e Alunos do Curso de Matemática.
Oficinas Matemáticas.	Professores e Alunos da Educação Básica, e Alunos do Curso de Matemática.

IV Feira de Cursos e Profissões.	Alunos do Ensino Médio.
Superando as Dificuldades no Processo de Ensino e Aprendizagem da Matemática Básica através da Integração entre Diferentes Níveis de Ensino.	Professores e Alunos da Educação Básica, e Alunos do Curso de Matemática.

2013

V Feira de Cursos e Profissões	Alunos do Ensino Médio.
I Congresso de Tecnologias, Engenharias e Ciências Exatas.	Alunos e Professores da UNIOESTE, Professores da Educação Básica do Estado e Município, e comunidade em geral.
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – Subprojeto Matemática/Foz do Iguaçu.	Alunos do Curso de Matemática.
Pré-Vestibular: área de exatas e biológicas.	Alunos do Ensino Médio.

2014

VI Feira de Cursos e Profissões.	Egressos e alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas de Foz do Iguaçu.
Investigando o pensamento algébrico de professores da educação básica.	Professores da rede estadual de ensino do município de Foz do Iguaçu.
Contribuindo com a formação inicial dos professores de Matemática.	Alunos do ensino fundamental séries finais e ensino médio.
Aplicações da Matemática financeira no ensino médio com a utilização do BrOffice Calc para professores de Matemática da rede pública estadual de ensino do Paraná.	Professores de instituições públicas estaduais do Município de Toledo/PR.

2015

VII Feira de Cursos e Profissões.	Egressos e alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas de Foz do Iguaçu.
Divulgando o conhecimento matemático e suas curiosidades.	Alunos do ensino fundamental séries finais do Colégio Estadual Professor Flavio Warken Ensino fundamental, médio e profissional, em Foz do Iguaçu.
O Uso Pedagógico do Software JCLIC pelos Professores de Matemática das Salas de Apoio à Aprendizagem.	Professores de Matemática Atuantes em Salas de Apoio à Aprendizagem.
Laboratório de Ensino de Matemática	Estudantes e Professores de

de Foz do Iguaçu: 15 anos.	Matemática.
Formação Continuada de Professores de Matemática: Possibilidades e Desafios.	Professores da educação básica do município de Foz do Iguaçu e região.
18º Encontro de Secretários das Instituições de Ensino Superior do Paraná.	Secretários e Secretárias das Instituições de Ensino do Estado do Paraná, Instituições Federais de Ensino, Instituições particulares de ensino de Foz do Iguaçu e região.

2016

Aplicação de Atividades do PIBID para os Anos Iniciais.	Professores dos anos iniciais da rede municipal de ensino e acadêmicos do curso de Pedagogia.
Cursinho pré-vestibular da Unioeste/Foz do Iguaçu.	Alunos do Ensino Médio e Acadêmicos da Unioeste.
Lesson Study: trabalhando com a Matemática.	Professores da Escola Municipal Cecília Meireles, da Cidade de Foz do Iguaçu/PR.
Oficina de Matemática para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.	Alunos(as) do Magistério e Professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
Teatro e Matemática para as Séries Iniciais da Educação Básica.	Estudantes e Professores das Séries Iniciais da Educação Básica.
Investigando a Matemática por meio da construção de uma casinha de caixas de leite Tetra Pak.	Alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Serranópolis do Iguaçu - PR.

Fonte: Dados organizados pelos autores, 2021.

Escolhemos este período, pois se refere as duas últimas avaliações pela qual passou internamente o programa registrado na Pró Reitoria de Extensão - PROEX.

Muitos projetos apresentam dados quantitativos, como, por exemplo, o número de participantes e/ou o número de interessados, no entanto, há vários dados que não podem ser quantificados, mas que são importantes na avaliação de um projeto desenvolvido no e com o Lem/Foz. Como, por exemplo, o fato de que muitos acadêmicos ganharam maturidade e se decidiram pela docência ao participar de projetos de extensão ou ainda, o fato de que alunos da Educação Básica relataram que aprenderam Matemática por meio das atividades realizadas em projetos do LEM/Foz, ou ainda, pelo fato de que

professores de diferentes níveis de ensino, em diferentes momentos solicitaram/solicitam formação continuada ao LEM/Foz por dizerem que nestes momentos de aprendizagem e reflexão há a possibilidade de troca de conhecimentos entre diferentes níveis de ensino e que eles voltam para a sala de aula mais animados.

É fato que muitos dados gerados a partir dos projetos de extensão são empíricos, mas são importantes na avaliação, reestruturação e compreensão da dimensão que as atividades alcançam.

No ano de 2019, por meio de um questionário pelo google forms buscamos identificar as percepções e sugestões em relação ao LEM/Foz. O questionário foi divulgado em diversos grupos de whatsapp e a participação foi voluntária.

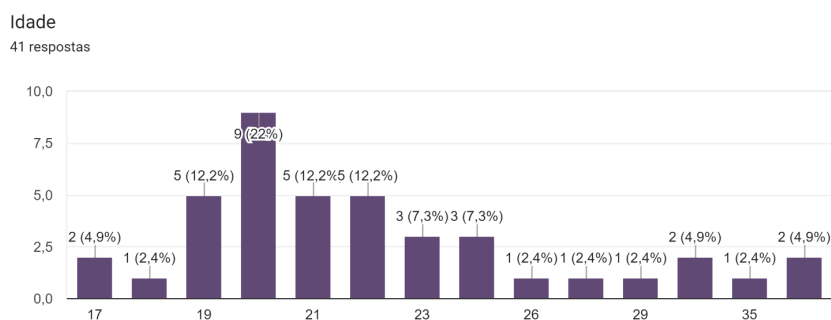
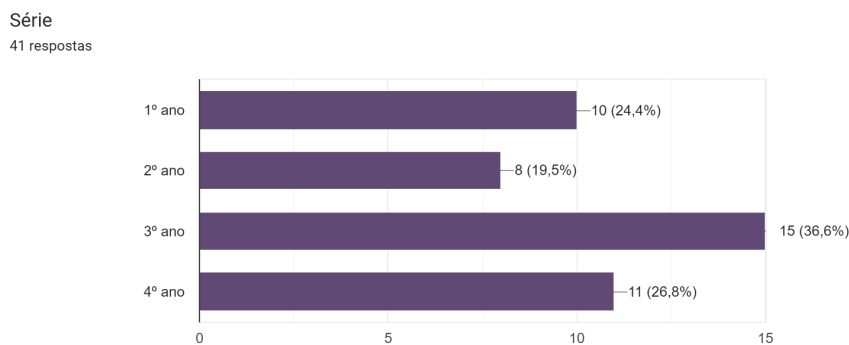
O questionário composto por questões abertas e fechadas, foi dividido em duas

partes, sendo a primeira composta por itens que permitiram caracterizar o aluno (futuro professor de Matemática) como: identificação de gênero, idade, série e se cursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública e/ou privada. A segunda parte teve perguntas relacionadas ao LEM/FOZ, como: Quando e como foi seu primeiro contato com o Laboratório de Matemática? Já utilizou algum material de apoio do LEM/FOZ para estudar? Já utilizou algum material de apoio do LEM/FOZ para lecionar? Com que frequência você utiliza o

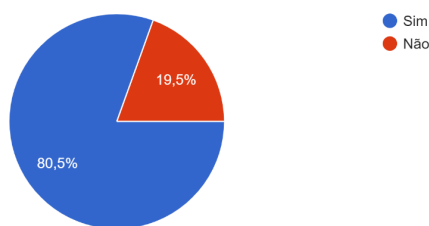
espaço do LEM/FOZ para estudar? Qual a influência que o laboratório traz para sua formação? O que você acha que deveria mudar no LEM/FOZ? Por quê?

Tivemos a participação de 41 sujeitos sem identificação de nome, sendo que todos eram alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Matemática do 1º ao 4º ano. No quadro 2 apresentamos os gráficos que sintetizam de forma visual os dados do questionário respondido.

Quadro 2 – Gráficos que sintetizam de forma visual os dados do questionário realizado

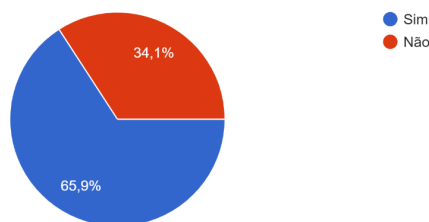


Já utilizou algum material de apoio do LEM/FOZ para estudar?
41 respostas



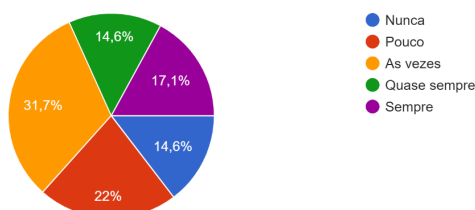
Já utilizou algum material de apoio do LEM/FOZ para lecionar?

41 respostas



Com que frequência você utiliza o espaço do LEM/FOZ para estudar?

41 respostas



Fonte: Dados organizados pelos autores, 2021.

Pudemos constatar que dentre os alunos (futuros professores de Matemática) que responderam voluntariamente o questionário, a idade variou entre 17 (dezessete) e 42 (quarenta e dois) anos, sendo 27 (vinte e sete) alunos que se identificaram como sendo do sexo feminino e 14 (catorze) alunos que se identificaram como sendo do sexo masculino.

Destes alunos, tivemos que 85,4% frequentou o Ensino Fundamental na escola pública e 14,6% no Ensino Privado, já no Ensino Médio o percentual é um pouco diferente, no entanto, ainda é muito maior na escola pública, cerca de 82,9% cursaram o Ensino Médio na escola pública e 17,1% na escola privada.

Dentre os que participaram da pesquisa, temos que 80,5% diz que utiliza ou já utilizou materiais do LEM/Foz para estudar e 19,5% dizem que não utiliza ou utilizou materiais do LEM/Foz, além disso, 65,9% dos alunos disseram que já utilizaram e/ou utilizam materiais do LEM/Foz para lecionar enquanto 34,1% disseram que nunca utilizaram materiais do LEM para lecionar. Isto pode ocorrer por diversos fatores, dentre eles, o fato de o curso ser matutino e o LEM só dispor de um estagiário para empréstimo de materiais a tarde. Cerca de 56,1% dos alunos cursam o 3º ou 4º ano e 43,9% dos

alunos que participaram da pesquisa estão no 1º ou 2º ano do curso.

Quanto a estudar no espaço do LEM, 14,6% dos alunos nunca estudam no local, 22% pouco utilizam o laboratório, 31,7% às vezes ocupam o espaço, 14,6% quase sempre se fazem presente e 17,1% disseram que sempre utilizam o espaço para estudos individuais e/ou coletivo. Isso se dá por diversos motivos, dentre eles o horário de funcionamento do curso e do próprio laboratório. O curso é matutino e o laboratório permanece aberto para o público em geral apenas no período vespertino quando a universidade dispõe de um estagiário de nível superior (geralmente aluno do próprio curso). Embora reconheçamos a necessidade de termos um estagiário também no período da manhã, tal reivindicação já foi encaminhada as instâncias superiores, mas foge de nossas possibilidades para atender já que depende muito mais da estrutura da universidade e dos gestores.

Além disso, fizemos três perguntas abertas nas quais pretendíamos identificar como se dá a relação dos alunos (futuros professores de Matemática) com o laboratório.

Na primeira questão os alunos foram indagados em relação ao primeiro contato

deles com o Laboratório de Matemática – LEM/Foz no curso e obtivemos as seguintes respostas:

- Disciplinas Pedagógicas: foram citadas as disciplinas Tendências em Educação Matemática, Didática da Matemática e Laboratório.

- Projetos: PIBID, Cursos de Extensão e Eventos Acadêmicos.

- Monitoria: diversas monitorias do Curso de Matemática ocorrem no espaço do Laboratório.

- Estudo: espaço para estudo individual e coletivo, espaço para realização de trabalhos individuais e coletivos.

- Influência: colegas disseram que era um espaço para estudo e apoio na realização de trabalhos.

- Outros: em visitas pela universidade e/ou Parque Tecnológico de Itaipu-PTI.

A próxima indagação foi “Qual a influência que o laboratório traz para sua formação?”

Dentre as diferentes respostas que obtivemos podemos sintetizar nas seguintes percepções:

- O LEM é visto como apoio em relação aos materiais para o processo de ensino e aprendizagem da Matemática do próprio aluno do curso e dos alunos que ele irá ensinar no estágio ou em atividades remuneradas.

- Um espaço de estudos individual e coletivo, no qual ocorre a integração e interação entre os alunos do curso, a troca de conhecimentos e tem se favorecido a inspiração para o processo de ensino e aprendizagem da Matemática por meio do desenvolvimento da criatividade do futuro professor e da motivação.

4. Conclusão

No artigo “Laboratório de Ensino de Matemática: Para Além da Universidade” apresentamos o programa de extensão Laboratório de Ensino de Matemática – LEM/Foz que acontece na UNIOESTE campus de Foz do Iguaçu desde o ano 2000.

Além do histórico do programa e dos projetos vinculados ao mesmo que foram desenvolvidos no período de 2011 a 2016, buscamos no ano de 2019 compreender a percepção em relação ao LEM/Foz dos que o

- Local no qual os alunos podem utilizar livros, materiais pedagógicos e computadores para pesquisa.

- Espaço que proporciona contato com metodologias, recursos e materiais didáticos inovadores no ensino da Matemática.

- Na troca de conhecimentos com ex-alunos e professores de Matemática.

E, ainda, dois alunos disseram que o LEM é importante, mas não justificaram e um aluno afirmou que como não utiliza muito, não vê nenhuma influência do laboratório na sua formação.

E, por fim, perguntamos “O que você acha que deveria mudar no LEM/Foz? Por quê?”.

Nesta questão os alunos (futuros professores de Matemática) poderiam indicar várias sugestões ou ainda nenhuma.

A grande maioria disse não ter sugestões e considerar bom o funcionamento do laboratório, onze pessoas sugeriram que o laboratório fique aberto também no período da manhã para que seja possível utilizar o LEM nos horários vagos ou de intervalo das aulas, sete alunos apresentaram como sugestão divulgar as atividades do LEM em redes sociais e um aluno sugeriu realizar uma “Amostra Pedagógica” do LEM para a Educação Básica, ainda como sugestão tivemos a realização de um projeto de extensão direcionado a confecção de materiais pedagógicos para o Ensino Médio, foi sugerido que seja verificado a possibilidade de termos mais espaços para estudos individuais e ainda, cinco alunos reclamaram das condições estruturais dos computadores e solicitaram a troca para facilitar o trabalho de pesquisa no LEM/Foz.

frequentam. Nosso objetivo com isso é ter subsídios para planejar ações futuras e a reestruturação do programa cadastrado na PROEX.

Foi possível aferir que os projetos desenvolvidos buscam não só atingir a comunidade, mas também a formação inicial de nossos futuros professores de Matemática.

O LEM/Foz tem se comprometido e de fato realizado na prática atividades que visam aproximar a formação inicial da formação continuada e o Ensino Superior da

Educação Básica e como também aponta Zuffi [8] (2017) e Oliveira [9] (2018) com isso, professores e futuros professores de Matemática, em processo de colaboração, são instigados a criarem e/ou utilizarem materiais pedagógicos e manipuláveis de forma a auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

Essas relações não são algo simples e tranquilas de acontecer, principalmente porque são sustentadas pelo tripé do ensino, da pesquisa e da extensão e, podem em alguns momentos, serem mais ou menos destacadas pelos docentes que encaminham as atividades, mas é importante frisar que o LEM/Foz tem papel importante na formação do futuro professor de Matemática na UNIOESTE Campus de Foz do Iguaçu, sendo referência inclusive após sua formação.

Muitos dos futuros professores de Matemática enfatizaram a importância do Laboratório para sua própria formação como alunos e destacaram o aspecto lúdico.

A proximidade da Formação Inicial com a Formação Continuada na vivência promovida pelo LEM/Foz em diferentes projetos de extensão, permite que o futuro professor e o professor de Matemática, desperte o interesse e tenha apoio, para implementar nas escolas e nos espaços de atuação, laboratórios de ensino que visem discutir e trabalhar o conhecimento matemático de forma a integrar teoria e prática.

Vale salientar que muitas sugestões foram de cunho estrutural, mas tivemos também a preocupação de enfatizar a

relação LEM/Foz com a sociedade inclusive com sugestões de novos projetos e campos de atuação que devem ser dinamizados futuramente pelo laboratório.

É certo que há muito por fazer ainda, mas nestas mais de duas décadas de trabalho, o LEM/Foz, tem se destacado como um programa de extensão importante e que congrega várias ações no curso de Licenciatura em Matemática e que deve não só ser valorizado, mas como ter suas ações potencializadas.

5. Contribuições de Cada Autor

Renata Camacho Bezerra: participou da concepção do artigo, planejamento da pesquisa, análise dos dados, interpretação dos resultados e redação do artigo. E, além disso, atua como coordenadora do programa de extensão LEM/Foz e orientadora dos acadêmicos.

Rodrigo Cabanha: contribuiu com o planejamento da pesquisa, análise dos dados, interpretação dos resultados e redação do artigo. Além disso, foi bolsista do programa LEM/Foz pelo período de dois anos.

Andressa Albano Rocha: contribuiu com o planejamento da pesquisa, análise dos dados, interpretação dos resultados e redação do artigo. Além disso, foi bolsista da PROEX por um ano, tendo seu projeto de extensão vinculado ao LEM/Foz.

REFERÊNCIAS

- (1) Varizo ZCM. O Laboratório de Educação Matemática do IME/UFG: Do sonho a realidade. In: Anais do 10 Encontro Nacional de Educação Matemática [Internet]. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Matemática; 2007 [acesso em 10 jan de 2020]. Artigo. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/33/o/Trabalho_Zaíra.pdf
- (2) Maschietto M, Trouche L. Mathematics Learning and tools from theoretical, historical and practical points of view: the productive notion of mathematics laboratories ZDM, The International Journal on Mathematics Education; 2021; 42(1): 33-47,
- (3) Lucena R da S. Laboratório de Ensino de Matemática. Fortaleza: UAB/IFCE, 2017.

- (4) Lorenzato S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: Lorenzato S. O Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores. Campinas/SP: Autores Associados; 2006. p. 3-37.
- (5) Rêgo RM, Rêgo RG. Desenvolvimento e uso de materiais didáticos no ensino de matemática. Campinas/SP: Autores Associados; 2006. Cap. 2, p. 39-56. O Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores.
- (6) Turrioni AMS. O Laboratório de Educação Matemática na formação inicial de professores [dissertação]. Rio Claro/SP: Pós-graduação em Educação Matemática e seus fundamentos Filosóficos-Científicos, Universidade Estadual Paulista; 2004.
- (7) Tahan M. Didática da Matemática. São Paulo/SP: Saraiva; 1962.
- (8) Zuffi EM. O Laboratório de Ensino de Matemática On-Line. Revista de Graduação USP. 2017; 2(3):111-115.
- (9) Oliveira RR de M, Zaidan S. Um laboratório de matemática na escola. Belo Horizonte: Online. 2018; 3(7): 1-10.



“POR DENTRO DO PET” VALORIZAÇÃO DE AÇÕES DURANTE A PANDEMIA

“INSIDE PET” VALUE OF ACTIONS DURING THE PANDEMIC

SIQUEIRA, L. da C.

<https://>
Universidade Federal de Alfenas

FERREIRA, I. A. S.

<https://>
Universidade Federal de Alfenas

OLIVIEIRA, A. R. de.

<https://>
Universidade Federal de Alfenas

SCHAFRANEK, A. R. de M

<https://>
Universidade Federal de Alfenas

ANDRADE, L. dos S.

<https://>
Universidade Federal de Alfenas

HADDAD, M. F.

<https://>
Universidade Federal de Alfenas

RESUMO

Além de valorizar o ensino superior, o Programa de Educação Tutorial (PET) tem importância na formação profissional de seus membros. Nesse sentido, a série "Por dentro do PET" tem como objetivo expor à comunidade, por meio de postagens em rede social, as atividades de ensino, pesquisa, extensão e eventos promovidos pelo grupo PET- Odontologia da UNIFAL. Para tal, inicialmente foram definidos os temas a serem abordados e os membros do grupo foram divididos em trios a fim de elaborarem o conteúdo a ser postado. O material foi confeccionado utilizando a plataforma Canva, de forma sucinta, dinâmica e padronizada; e as postagens foram disponibilizadas quinzenalmente na página do grupo na rede social Instagram (@petodontounifal). Os resultados obtidos no período de junho de 2020 a julho de 2021 foram surpreendentes: o número de seguidores da página aumentou 27,9%, obtendo uma média de 40,95 curtidas e 6,96 comentários por postagem. O eixo de Pesquisa obteve a maior média de comentários (10,8) e visitas ao perfil (14,4). Já a área de Extensão obteve o maior número de curtidas (45,67). Quanto ao alcance obtido, o eixo Pesquisa se mostrou com uma taxa de engajamento de 28,76% e o eixo de Ensino apresentou um menor engajamento quando comparado aos demais (21,74%). Portanto, a realização do "Por dentro do PET" se mostrou um valioso aliado na divulgação e valorização das atividades realizadas pelo grupo. Ademais, atuou como um propulsor à visibilidade das ações extensionistas vinculadas ao grupo em seus perfis na plataforma.

Palavras-chave: educação superior; rede social; relações comunidade-instituição; educação em saúde.

ABSTRACT

In addition to valuing higher education, the Tutorial Education Program (PET) is important in the professional training of its members. In this sense, the series "Inside the PET" aims to expose to the community, through posts on social networks, the teaching, research, extension activities and events promoted by the PET-Odontologia da UNIFAL group. To this end, initially, the topics to be addressed were defined and the group members were divided into trios in order to prepare the content to be posted. The material was made using the Canva platform, in a succinct, dynamic and standardized way; and the posts were made available to the public every 15 days on the group's homepage on Instagram (@petodontounifal). The results obtained in the period between June 2020 to July 2021 were surprising: the number of followers on the page increased by 27.9%, with an average of 40.95 likes and 6.96 comments per post. The field of Research had the highest average of comments (10.8) and profile view (14.4). The field of Public Reach area had the highest number of likes (45.67). As for the overall achievement, the field of Research showed an engagement rate of 28.96% while the field of Teaching had a lower engagement rate when compared to others (21.74%). Therefore, with the start of "Inside PET" proved to be a valuable ally in promoting and enhancing the activities carried out by the group.

KEYWORDS: higher education; social network; community-institution relations; health education.

1. Introdução

O Programa de Educação Tutorial (PET), atualmente administrado pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), foi implementado nas Instituições de Ensino Superior (IES) em 1979 (1). Com a proposta de valorizar o ensino superior nas instituições em que está inserido, o PET é orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial (2,3). Na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), o PET foi instaurado no ano de 1991, sendo o segundo grupo dentro da instituição. Desde sua criação, passou pela tutoria de seis professores e, diante de suas

inúmeras transformações e do árduo trabalho de tutores e discentes, tornou-se

referência, tanto interna quanto externamente à universidade.

A notoriedade do programa na vida de seus egressos é imensa, uma vez que ele trabalha como importante ator na formação profissional e aborda inúmeros segmentos acadêmicos que não são englobados no currículo habitual dos cursos de graduação (4). Por meio do desenvolvimento de atividades extracurriculares que complementam o ensino teórico apresentado em salas de aula, bem como a partir do fornecimento de serviços à comunidade externa, o petiano tem, em

larga escala, experiências práticas e extramurais que o tornam um indivíduo com visão crítica e humanística, características ímpares na formação profissional atual (5,6).

Apesar de tamanha importância e impacto no que se digna a fazer em relação à melhoria do Ensino Superior, o PET sempre precisou lutar por sua permanência. Desde a sua criação, foram diversas as tentativas de desmonte e extinção do programa por parte dos órgãos que o geriram (7). E, mesmo que atualmente resista e inspire por suas ações, encontra-se ameaçado frente a uma crise política e econômica, na qual as ações governamentais na área da educação encontram-se enfraquecidas (8). Fato este, sustentado por discursos negacionistas, cortes de investimentos e recursos financeiros, estigmatização e ideologização do espaço da universidade pública (9–12).

Aliada a essas dificuldades, o contexto de pandemia do novo Coronavírus somou-se aos desafios enfrentados pelo programa. Em março de 2020, a Portaria do MEC de Nº 343 (17 de março de 2020), determinou que todas as atividades presenciais de Ensino fossem interrompidas, respeitando as diretrizes do distanciamento social que buscou combater as infecções cada vez mais crescentes no país (13). Impossibilitado de dar seguimento às suas atividades habituais, o grupo PET Odontologia precisou se adaptar a novos meios igualmente eficazes.

Nesse sentido, as ferramentas digitais na internet se mostraram fortes aliadas para este fim. Diversos autores definem os veículos virtuais como o meio mais adequado para o acesso à informação (6,14,15). Além disso, no contexto de isolamento social, as plataformas de mídia se tornaram excelentes ferramentas durante a pandemia, pois facilitaram a comunicação entre as famílias e se tornaram fonte de entretenimento e de informação (16,17).

A partir disso, o grupo lançou mão de novas estratégias para evidenciar todas as atividades realizadas pré-pandemia, bem como explicar e promover aquelas que puderam se perpetuar de forma virtual (6,18). Portanto, objetivando se adaptar à atuação nesta realidade digital, somado a intenção de promover e agregar valor às atividades desenvolvidas, o grupo PET Odontologia UNIFAL-MG concebeu o “Por dentro do PET

(PDP)”, uma ação que visa expor à toda comunidade as atividades de ensino, pesquisa e extensão promovidas pelo grupo, bem como a visão dos petianos atuais e egressos acerca de sua participação nelas.

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo relatar as ações e os resultados alcançados na execução do “Por dentro do PET”, ação que visa apresentar a toda à comunidade interna e externa à IES, as atividades realizadas pelo grupo PET-Odontologia da UNIFAL-MG.

2. Métodos

Durante o momento ímpar proporcionado pela pandemia da COVID-19, foi preciso rearticular as ações do PET Odontologia da UNIFAL-MG. Tendo em vista a necessidade de continuidade das ações desenvolvidas pelo grupo e do cumprimento do tripé universitário, a solução encontrada foi explorar, de forma mais intensa, as possibilidades oferecidas pelas mídias sociais. Assim, maior enfoque foi dado às postagens na página do grupo PET-Odontologia na plataforma do Instagram (@petodontounifal). Por meio dela, foi divulgada a toda a série “Por dentro do PET”, a qual buscou expor, em forma de publicações dinâmicas disponibilizadas para a comunidade, cada atividade desenvolvida ao longo dos anos de trabalho do PET Odontologia.

Para dar início à série de conteúdos na plataforma, inicialmente os 15 integrantes do grupo reuniram-se para articular os detalhes da ação. Nesse momento, foi confeccionado um cronograma de postagens contendo os temas de cada publicação. Buscando o melhor entendimento do público, as postagens foram separadas em quatro eixos temáticos básicos: Ensino, Pesquisa, Extensão e Eventos (Tabela 1). Com os assuntos dos tópicos definidos, os petianos foram divididos em trios, responsáveis por desenvolverem o material a ser divulgado.

Para a produção de cada material, primeiramente um documento contendo a base teórica foi confeccionado. Esse arquivo reuniu documentos do grupo PET, relatos de petianos egressos, experiência pessoal dos petianos atuais e informações provenientes de sites de congressos e eventos

científico-culturais. Cada conteúdo foi abordado de forma sucinta e dinâmica, trazendo informações como o objetivo, o público-alvo e as ações promovidas em cada uma das atividades do grupo.

Em seguida, o material teórico foi adaptado para parágrafos curtos e, através da plataforma Canva, foi aplicado em um layout pré-definido. Em última instância, cada

material passou pela análise minuciosa dos integrantes da equipe, sendo realizadas correções quando necessárias. Após essas etapas, a produção era disponibilizada em formato de postagem (Figura 1 A-E), na página do grupo no Instagram, em uma frequência quinzenal.

Tabela 1 – Temas das publicações divididos de acordo com os eixos temáticos e o conteúdo das postagens

Eixo temático	Tema da publicação	Conteúdo da postagem
Ensino	A história do grupo PET	Dinâmica de funcionamento do PET durante os 30 anos de atuação dentro da universidade;
	Oficina preparatória do processo seletivo	Capacitação dos alunos para a participação do processo seletivo periódico do PET;
	OPA - Odontologia de Portas Abertas	Acolhida aos calouros de Odontologia da universidade e exposição das atividades disponíveis para os graduandos;
	Ciclo de seminários	Evento periódico que aborda temáticas atuais por meio de seminários ministrados pelos petianos sob tutoria de um professor;
	Sala aberta PET	Curso teórico-prático ministrado pelo PET Odontologia;
	Oficinas do grupo PET	Oficinas de capacitação, ministradas por professores e graduandos da universidade;
	CINEPET	Atividade científico-cultural para exposição e debate de produções audiovisuais;
	CINEPET - Readequação na pandemia	Exposição das readequações necessárias à ação "CinePET" durante período pandêmico;
	Oficina Interna	Ação interna de capacitação às ferramentas eletrônicas destinada aos integrantes do grupo;
	De frente com o PET	Série de podcasts em forma de entrevistas, as quais abordam temas ligados a atuação dos Cirurgiões-dentistas;
	Oficina de Fotografia	Oficina externa realizada em 2021 abrangendo a temática do uso de fotografias na clínica e na pesquisa odontológicas;
Estudo da língua inglesa	Atividade coletiva com o intuito de promover o aperfeiçoamento dos integrantes do grupo na língua inglesa;	

	Odonto feita por elas	Simpósio virtual aberto a comunidade e ministrado exclusivamente por mulheres;
Pesquisa	Pesquisas I	Exposição das pesquisas de iniciação-científica realizadas pelos integrantes do grupo PET;
	Pesquisas II	
	Pesquisas III	
pesquisas IV		
	Artigos Científicos	Exposição de publicações científicas realizadas pelos integrantes do grupo PET;
Extensão	Assistência a pacientes geriátricos institucionalizados	Projeto de extensão que visa beneficiar idosos institucionalizados moradores de um lar de repouso da região sul de Minas Gerais;
	Reabilitação de pacientes oncológicos	Projeto de extensão que reabilita pacientes oncológicos mutilados por meio de próteses bucomaxilofaciais;
	Oclusão e distúrbios temporomandibulares	Projeto de extensão que atende pacientes portadores de disfunções do sistema estomatognático;
Eventos	Encontro Virtual PET Odontologia – EVPO	Evento entre grupos PET Odontologia do país para apresentação de trabalhos, encontro de tutores e discussões em grupo;
	Trabalhos apresentados no Simpósio Integrado UNIFAL-MG	Exposição dos trabalhos apresentados no simpósio promovido pela universidade;
	SudestePET	Evento de caráter regional para a interação entre os grupos PET da região Sudeste do país;
	ENAPET	Encontro de caráter nacional que tem como objetivo a discussão sobre temáticas e questões ligadas à manutenção do programa;
	InterPET	Atividade coletiva, realizada anualmente, para a reunião dos grupos PET da universidade.
	SudestePET 2021	Encontro de caráter regional para interação entre os grupos PET da região Sudeste do país;

Fonte: Os autores, 2021.

Figura 1 - Modelo de postagem da série “Por Dentro do PET”. A – Capa da postagem, padronizada para todos os conteúdos publicados. B – Modelo de postagem do eixo “Ensino”. C – Modelo de postagem do eixo “Pesquisa”. D – Modelo de postagem do eixo “Extensão”. D – Modelo de postagem do eixo “Eventos”. (Fonte: Os autores, 2021).



(Fonte: Os autores, 2021).

Para verificar os resultados obtidos em cada publicação, os parâmetros *curtidas*, *comentários*, *compartilhamentos*, *salvamentos*, *alcance* e *visitas ao perfil* foram coletados, utilizando a ferramenta Insights disponibilizada pela plataforma do Instagram. Posteriormente, esses valores foram tabulados e realizada a análise descritivas dos dados, a partir do cálculo da média e desvio padrão, utilizando o

programa Microsoft Excel versão 2016, de forma a separar as publicações e seus resultados nos eixos temáticos previamente estabelecidos.

Por fim, foi avaliado o engajamento de cada postagem, por meio da fórmula exposta abaixo, que considerou o número de curtidas, comentários, compartilhamentos, salvamentos e alcance.

$$Engajamento = \frac{(curtidas+comentários+salvamentos)}{(pessoas alcançadas)} \times 100$$

Em seguida os valores foram comparados, buscando observar as publicações com maior relevância, bem como elencar pontos que justificassem a variação nas taxas de engajamento.

3. Resultados

Durante o período de junho de 2020 a julho de 2021 foram realizadas 27 postagens na página do Instagram do PET-Odontologia UNIFAL-MG sobre a temática “Por dentro do PET”. As publicações abordaram os eixos de ensino, pesquisa e extensão preconizados pelo grupo, além de exporem ao público os eventos e encontros virtuais que a equipe

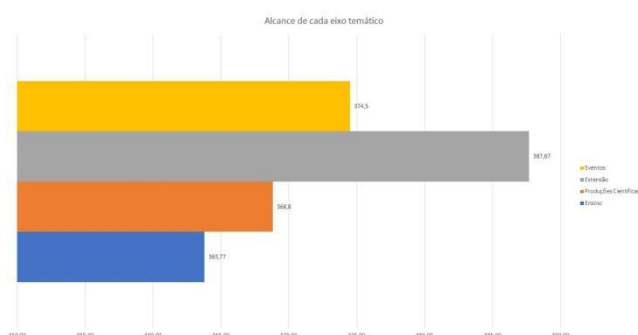
participou e discorreram sobre sua importância dentro da Educação Tutorial.

Nesse intervalo de tempo, a página apresentou uma variação de 883 seguidores, até a 4ª postagem realizada, para 1233 seguidores até a 27ª postagem, a qual foi realizada em 2021. Dessa forma, houve aumento correspondente a 27,9% no número de seguidores entre junho de 2020 e julho de 2021. Ainda analisando as métricas obtidas a partir da plataforma do Instagram, verificou-se que a média de *curtidas* das postagens foi de 40,95 e a de *comentários* foi de 6,96. Além disso, viu-se que cada publicação obteve em média 373,68 pessoas alcançadas.

Para melhor análise dos resultados, as publicações foram separadas nos seguintes eixos temáticos: ensino, pesquisa, extensão e eventos acadêmicos. A segunda área temática (pesquisa), demonstrou as maiores médias no número de comentários (10,8) e visitas ao perfil a partir das postagens (14,4). Já a área de extensão obteve o maior número de *curtidas* (45,67) entre as demais temáticas (Tabela 2).

Ao analisar o alcance obtido por cada modalidade de publicação, não foram verificadas grandes diferenças entre elas. No entanto, a área de extensão apresentou ligeiro aumento quando comparada às demais modalidades (Figura 2).

Figura 2 - Alcance das postagens avaliado segundo o eixo temático. (Fonte: Os autores, 2021).



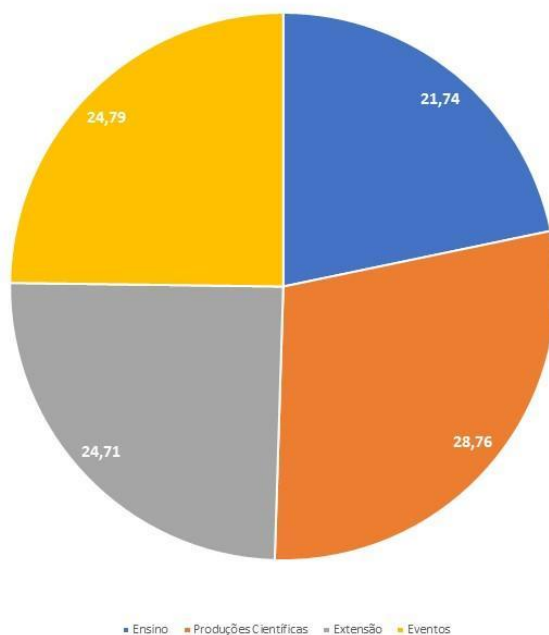
(Fonte: Os autores, 2021).

Por fim, foi analisado o engajamento alcançado por cada publicação. O eixo de “Ensino” obteve média de engajamento de 11,88; o eixo “Produções Científicas” destacou-se com 15,71; as publicações relacionadas a “Extensão” mostraram o valor de 13,50; e, por fim, os conteúdos direcionados a “Eventos” obtiveram

engajamento de 13,54. Analisando a contribuição de cada eixo no engajamento das postagens, verificou-se que os conteúdos direcionados às pesquisas desenvolvidas pela equipe contribuíram grandemente com a página (Figura 3).

Figura 3 - Engajamento promovido pelas postagens segundo o eixo temático.

Contribuição de cada eixo temático no engajamento das publicações (%)



(Fonte: Os autores, 2021).

4. Discussão

Os resultados obtidos evidenciam a importância das mídias sociais, com ênfase na plataforma Instagram, como ferramentas para a continuidade das ações desenvolvidas pelo PET na pandemia. Tal relevância e eficácia pode ser observada em outros projetos, os quais precisaram se adaptar ao contexto do COVID-19 utilizando o Instagram (15,19,20). Argumentando a respeito da utilização das redes de informatividade, vê-se que a efetividade desses meios ocorre principalmente por sua acessibilidade, tendo em vista que esses veículos facilitam o processo comunicativo, além de possibilitar interações, participações sociais e a aquisição de conhecimentos (21).

A necessidade da divulgação e valorização das ações do grupo através do preceito do Por dentro do PET estimularam uma articulação entre os petianos, de forma que fossem desenvolvidas estratégias para a reformulação dos conteúdos postados na página e conseqüentemente alcançadas melhorias no engajamento do público dentro de suas postagens. Nesse sentido, observou-se aumento expressivo do número de seguidores durante o período de

realização da ação. Esse resultado pode ser explicado pelo esforço do trabalho coletivo em pesquisar, estudar, trocar informações sobre as temáticas, bem como em entender o funcionamento da plataforma, realizando publicações com maior frequência dentro de um design mais chamativo ao público (20,22).

Dentre as temáticas postadas, o eixo Pesquisa se mostrou com taxa de engajamento superior às demais. Tal fato pode estar relacionado ao interesse do público no desenvolvimento e resultados das publicações científicas, que em contexto geral são pouco divulgadas nos meios abertos. Pois, mesmo que a busca pelos saberes na internet seja de fácil acesso, grande parte da população ainda tem dificuldade em encontrar tais informações. Essa limitação da informação científica voltada para o espaço acadêmico corrobora com o distanciamento entre o pesquisador, o resultado de seu trabalho e a população (23). Somando-se a isso, há de se considerar a importância do desenvolvimento de ações extensionistas por meio das mídias sociais, garantindo assim, a continuidade do trabalho desenvolvido antes da pandemia e seu impacto na sociedade (15).

Enquanto isso, mesmo que não tenha a maior taxa de engajamento, o eixo Extensão demonstrou maior relevância no parâmetro *curtidas*, evidenciando maior apreciação deste tema por parte do público. Tal fato pode ser associado à identificação da audiência com o conteúdo, considerando o impacto direto dessas ações no que tange os benefícios do serviço prestado à população. Haja vista que a extensão universitária exerce um compromisso com a sociedade de retornar à mesma os saberes adquiridos no ensino e pesquisa, e neste contexto exerce a função de integrar, aproximar e prover uma relação mútua entre universidade e comunidade (22). Além deste fato, vale destacar a importância da divulgação destas ações extensionistas durante a pandemia, uma vez que estas não puderam continuar a se desenvolver diretamente com a comunidade, exigindo, quando possível, a adaptação de diversos projetos para as mídias sociais (15,20,22). Portanto, para o PET Odontologia, essa divulgação através do PDP pode ter contribuído como um propulsor na visibilidade das ações extensionistas do grupo, as quais foram adaptadas posteriormente em perfis específicos no Instagram.

Foi observado, também, que o eixo Ensino apresentou menor engajamento quando comparado aos demais. A primeira vista esse resultado pode parecer desanimador, mas, se analisado a fundo, revela que os eventos englobados por essa temática já são bem conhecidos por boa parcela do público, uma vez que, mesmo antes do contexto de pandemia e da necessidade de adaptação às mídias sociais, já eram divulgados no perfil do PET no Instagram. Além disso, o resultado contrasta com o aumento de participações nos eventos de Ensino promovidos durante o distanciamento social. Dessa forma, notou-se menor interesse ou empolgação para com este, quando contraposto como os demais, até então não apresentados, sendo eles novidades para todos os seguidores.

Por fim, os eixos Extensão e Eventos se mostraram muito próximos em suas taxas de engajamento. Tal resultado pode se justificar como maior do que o eixo Ensino pela curiosidade de uma fração dos seguidores acerca das atividades desenvolvidas pelo

grupo, mas, menor que o eixo Produções Científicas, por se tratar de assuntos mais específicos e voltados a comunidade da Universidade, principal público da página. Assim, mesmo que inseridas num contexto interno que precisa ser divulgado, as publicações acerca dessas temáticas exibem a importância de eventos que buscam aprimorar e garantir a existência do Programa e conseqüentemente das ações supracitadas.

Assim, o Instagram pode ser considerado um perfeito aliado para a divulgação e valorização das ações do grupo (20) através do preceito do Por dentro do PET, uma vez que se tornou o principal meio de comunicação do PET Odontologia UNIFAL.

5. Conclusões.

Os resultados obtidos através da ação Por dentro do PET revelam a potencialidade das mídias sociais, neste caso o Instagram, como uma grande ferramenta que atua de forma eficaz na divulgação, na adaptação e continuidade de ações desenvolvidas pelo PET Odontologia. Assim, por mais que tenha sido observada uma variância no engajamento entre os eixos, seus impactos e importância foram equivalentes e representaram igualmente a pesquisa, o ensino e a extensão universitária. Dessa forma, o Instagram se mostrou uma ferramenta valiosa, contribuindo essencialmente para o desenvolvimento e avaliação do PDP, além de endossar a relevância de ações que promovam os pilares que fundamentam o PET.

Aliado a isso, notou-se um grande aumento no alcance ao público, atingindo uma parcela de usuários que antes da pandemia não era possível, contribuindo, dessa forma, para alavancar as atividades realizadas pelo grupo, bem como, a troca de experiências com os mesmos.

Agradecimentos

Agradecemos ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) pela concessão de bolsa pelo Programa de Educação Tutorial (PET) a todos os autores deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- (1) Brasil. Manual de Orientações Básicas PET. 2002.
- (2) Feitosa RA, Dias AMI. Articulação Entre Ensino, Pesquisa e Extensão: Contribuições do Programa de Educação Tutorial (PET) para a formação de graduandos em biologia. *Educação Formação*. 2019;4(12):169–90.
- (3) Drebes LM, Ortigara C, Artuzo FD, Jandrey WF, Silva VR. A dinâmica do Programa de Educação Tutorial (PET). 2012;8(15):2334–51
- (4) Soares FF, Duplat CB, Palma L, Ferreira LUZ, Regina S, Reis DEA. Impacto do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia na formação profissional dos seus ex-bolsistas. *Revista de Pós-Graduação (RPG)*. 2010;17(3):143–50.
- (5) Cerquinho AC, Silva FMV da. Influências do Programa de Educação Tutorial (PET) sobre a vida profissional: um estudo de caso do PET Administração da UFAM. *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*. 2020;119–40.
- (6) Santos MF, Santos CB, Mascarenhas ACM, Santos CA, Batista CL da C. Ações do PET Odontologia UEFS em tempos de pandemia. *Journal of Chemical Information and Modeling*. 2013;53(9):1689–99.
- (7) Tosta RM, Calazans D de L, Santi GS de, Tumulo IB, Brochado K, Faggian LF, et al. *Psicología para América Latina*. [Internet]. *Psicologia para América Latina*. Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología (ULAPSI); 2006 [cited 2021 Jul 18]. 0–0. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- (8) Carvalho CR, Barros R de O, Reis EP dos, Araújo LB de, Sousa HMH de. O Programa de Educação Tutorial (PET) no contexto da crise econômica brasileira. *Revista Extensão em Foco*. 2018;1(15).
- (9) Martins MF. Editorial - Ciência e educação em risco de sobrevivência no Brasil (Editorial - Science and education at risk of survival in Brazil). *Crítica Educativa*. 2017;3(1):1.
- (10) Ximenes SB, Pino IR, Adrião T, Almeida LC, Zuin AÁS, Moraes CSV, et al. Reafirmar a defesa do sistema de ciência, tecnologia e ensino superior público brasileiro. *Educacao e Sociedade*. 2019;40:1–4.
- (11) Aguilar LE, Neves Franca E. A mudança de governo no Brasil e os efeitos nas políticas de Educação Superior: uma análise preliminar. *Universidades*. 2020;71(85):53–64.
- (12) Aragão DS de S, Souza AM da C, Silva SA da, Jucá SCS. Cenário político e contribuições da mídia no processo de desvalorização da Ciência no Brasil. *Research, Society and Development*. 2020;9(1):1–9.
- (13) BRASIL. PORTARIA N° 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Ministério da Educação. 2020;1–79.
- (14) Rodrigues AÁA de O, Mendes Carvalho B, Melo MDA, Oliveira IAM de, Santos MF dos, Mascarenhas ACM. Disseminação de conhecimento durante a pandemia do Sars-Cov-2 por

meio de ações inovadoras e extensionistas do PET Odontologia UEFS. *Expressa Extensão*. 2020;26(1):620–6.

- (15) Cardoso MC, Ferreira CP, Silva CM da, Medeiros G de M, Pacheco G, Vargas RM. Utilização das redes sociais em projeto de extensão. *Expressa Extensão*. 2021.
- (16) González-Padilla DA, Tortolero-Blanco L. Social media influence in the COVID-19 Pandemic. *Int Braz J Urol [Internet]*. 2020 [cited 2021 May 27];46(1):120–4. Available from: <http://orcid.org/0000-0002-5853-8845>
- (17) Chan AKM, Nickson CP, Rudolph JW, Lee A, Joynt GM. Social media for rapid knowledge dissemination: early experience from the COVID-19 pandemic. *Anaesthesia*. 2020;75(12):1579–82.
- (18) Silva AL da, Assis L, Huther L, Cabral IM, Bosges CJ. Mídias Sociais PET Enfermagem: Atualizações no Instagram frente ao contexto da COVID-19. *Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX)*. 2020; 4, 102.
- (19) Melo JAC, Silva C, Alves MLS, Machado IS, Laurindo M, Fin APC. Extensão Universitária na pandemia de COVID-19: Projeto Radiologia na Comunidade , o uso da rede social e ambiente virtual de aprendizagem. 2020; 4.:49–60.
- (20) Calderoni TL, Lemos YR, Braga IR, Silva LL, Ribeiro YG, Rodrigues ACC, et al. O uso do Instagram para divulgação das informações de um projeto de extensão sobre alimentação e nutrição de crianças menores de dois anos: o antes e durante a Covid-19. *Raízes e Rumos*. 2020;8(9):1689–99.
- (21) Montandon FM, Siqueira CS, Holanda DM de, Feitoza JL, Martins MMM, Seabra MM, et al. Dossiê - Relatos de experiência o instagram ® como ferramenta de educação e multiplicação do conhecimento em saúde bucal. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*. 2020;7 (4):185–189.
- (22) Mello-Carpes PB, Lima KR, Martini VÁ, Ribeiro PLE, dos Anjos EC, Sosa PM. Experiências vivenciadas na manutenção do programa de extensão Popneuro durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19. *Expressa Extensão*. 2020;26(1):350–61.
- (23) Mateus WDD, Gonçalves CB. Discutindo a divulgação científica: O discurso e as possibilidades de divulgar ciência na internet. *Revista Amazônica de Ensino de Ciências*. 2012;5(1):29–43.



COLEÇÃO ZOOLOGICA EXPOSITIVA DE INVERTEBRADOS TERRESTRES DO PARQUE PARREÃO I

EXHIBITIONAL ZOOLOGICAL COLLECTION OF TERRESTRIAL INVERTEBRATES FROM PARQUE PARREÃO I

MARTINS, J. J.

<https://orcid.org/0000-0002-6204-4282>
Universidade Federal do Ceará

MARTE, S. da S.

<https://orcid.org/0000-0002-7848-5779>
Universidade Federal do Ceará

VIEIRA, R. L. T.

<https://orcid.org/0000-0002-5727-5246>
Universidade Federal do Ceará

TCHALIKIAN, R. B.

<https://orcid.org/0000-0003-0711-9963>
Universidade Federal do Ceará

FONTES, D. G. A.

<https://orcid.org/0000-0001-5870-448X>
Universidade Federal do Ceará

ALENCAR, C. H.

<https://orcid.org/0000-0003-2967-532X>
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Inventários de fauna são amplamente utilizados para difundir a biologia e a importância geral das espécies zoológicas para visitantes em áreas verdes, especialmente para os invertebrados. Esses inventários são pouco utilizados em práticas de educação ambiental com esses animais, dado o tamanho de sua diversidade. O objetivo deste trabalho foi construir uma coleção faunística de invertebrados terrestres do Parque Parreão I para exposições. O material biológico compreende moluscos e artrópodes coletados no Parque Parreão I no ano de 2021. O parque é um fragmento de mata ciliar localizado no bairro de Fátima em Fortaleza – CE. Os espécimes armazenados no Laboratório de Entomologia Médica do Departamento de Patologia e Medicina Legal (DPML/UFC) foram devidamente separados, identificados e quantificados. A montagem consistiu em conservar os espécimes e seus produtos em via seca e líquida, revitalizar a caixa entomológica anterior e construir uma caixa aracnológica. A coleção de insetos passou a conter 59 exemplares distribuídos em: 1 Odonata (libélula), 4 Orthoptera (gafanhotos, esperanças, grilos), 4 Blattodea (baratas), 7 Hemiptera (cigarras, percevejos, soldadinhos), 10 Coleoptera (besouros), 4 Lepidoptera (borboletas), 26 Hymenoptera (vespas, formigas, abelhas) e 3 Diptera (moscas). Em relação aos novos grupos zoológicos, adicionou-se 36 Gastropoda (caramujos, lesmas), 37 Arachnida (aranhas, escorpiões, falsos-escorpiões, ácaros), 2 Chilopoda (lacrarias), 27 Diplopoda (gongolos) e 16 Isopoda (tatuzinhos-de-jardim). Por fim, a coleção poderá ser

utilizada na exposição de fauna de invertebrados em meio as ações extensionistas no Parque Parreão I.

PALAVRAS-CHAVE: coleção biológica; fauna; parque urbano; projeto de extensão.

ABSTRACT

Fauna inventories are widely used to disseminate zoological species' biology and general importance to visitors in green areas, especially invertebrates. These inventories are little used in environmental education practices with these animals, given the size of their diversity. This work aimed to build a faunal collection of terrestrial invertebrates from Parreão I Park for exhibitions. The biological material comprises mollusks and arthropods collected in Parreão I Park in the year 2021. The park is a forest fragment located in the neighborhood of Fatima in Fortaleza - CE. The specimens stored in the Medical Entomology Laboratory of the department of Pathology and Forensic Medicine (DPML/UFC) were properly separated, identified and quantified. The set-up consisted of preserving the specimens and their products in dry and liquid form, revitalizing the previous entomological box, and building an arachnological box. The insect collection now contains 59 specimens distributed in 1 Odonata (dragonfly), 4 Orthoptera (grasshoppers, hoppers, crickets), 4 Blattodea (cockroaches), 7 Hemiptera (cicadas, bed bugs, soldiers), 10 Coleoptera (beetles), 4 Lepidoptera (butterflies), 26 Hymenoptera (wasps, ants, bees) and 3 Diptera (flies). Regarding new zoological groups, 36 Gastropoda (snails, slugs), 37 Arachnida (spiders, scorpions, false scorpions, mites), 2 Chilopoda (centipeds), 27 Diplopoda (millipeds), and 16 Isopoda (garden armadillos) were added. Finally, the collection can be used in the exhibition of invertebrate fauna during extension activities at Parreão I Park.

KEYWORDS: biological collection; fauna; urban park; extension project.

1. Introdução

A fauna silvestre remanescente na cidade de Fortaleza integra uma diversidade continental e marinha ainda subestimada. Dentre as espécies continentais e marinhas

estimadas pela Secretaria do Meio Ambiente do Ceará – SEMACE são 1275 vertebrados e 2593 invertebrados. Entre os filos de invertebrados representados por animais de

ambiente terrestre e de água doce, são documentados no Ceará: 670 moluscos (33 terrestres), 192 anelídeos e 1410 artrópodes (aracnídeos, miriápodes, crustáceos e insetos) (1).

Esses animais prestam diversos serviços ecológicos, como: a regulação da cadeia alimentar, a aceleração da decomposição, a ciclagem de nutrientes, a dispersão de microrganismos, a propagação de sementes e pólen, a descontaminação do solo, assim como a indicação da qualidade da água, solo, vegetação e microclima; mas alguns geram malefícios, seja como transmissores de doenças ou causadores de acidentes e danos econômicos (2).

Comumente, os invertebrados e outros pequenos animais terrestres são classificados de forma leiga em um mesmo grupo (3), segundo um critério que leva em consideração percepções negativas, como: repulsão, medo, perigo e nojo (4); quando não, são invisíveis ou irrelevantes.

Uma maneira de preservar a biodiversidade para divulgar à população a importância dessa fauna temida e/ou negligenciada é através de coleções biológicas que, entre outras funções como pesquisa, ensino e conservação, podem ser destinadas à exposição, com o manuseio ou não (5).

Sendo assim, Resende (6) reforça o pensamento pedagógico-participativo de Reis (1995) apud (6), demonstrando a importância da coleta de espécimes da

fauna silvestre regional para montá-los a fim de preparar uma coleção zoológica para pesquisa e ensino capacitivo-extensivo universitário nas comunidades.

A partir dessa ideia, inventários de fauna podem ser amplamente utilizados para difundir a biologia e a importância geral das espécies zoológicas para alunos e visitantes em áreas verdes urbanas. Por sua vez, áreas verdes como os parques urbanos, são importantes refúgios de vida nativa e silvestre e, por isso, se apresentam como ótimos espaços não formais para ações em educação ambiental com esses animais (7, 8).

Diante disso, o objetivo desse trabalho foi construir uma coleção faunística com invertebrados terrestres e oportunamente revitalizar a caixa entomológica de um parque urbano de Fortaleza - CE, para fins expositivos.

2. Materiais e métodos

Análise de Amostras

Primeiramente foi analisado o material biológico coletado no ano de 2021 na área de mata do Parque Parreão I, um parque urbano localizado adjacente ao Terminal Rodoviário Engenheiro João Thomé localizado entre as Avenidas Borges de Melo e Eduardo Girão no bairro de Fátima (Figura 1).

Figura 1 – Área de coleta no Parque Parreão I, bairro de Fátima, Fortaleza - CE.



Fonte: Modificado do Google Earth, 2022.

Essa é uma área verde que faz parte de uma Área de Preservação Permanente (APP) relevante na cidade de Fortaleza, pela presença do Riacho Parreão e de resquícios de vegetação de Mata Atlântica. Sua riqueza natural, cultural e histórica é disseminada desde 2015 pelo Projeto Pró-Parreão I, um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC).

O material coletado através de armadilhas de queda do tipo pitfall e captura manual estava armazenado no Laboratório de Entomologia Médica do Departamento de Patologia e Medicina Legal (DPML) que se localiza no Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará, Campus do Porangabuçu, Fortaleza - CE. Os espécimes fixados em álcool 70% foram triados, quantificados e identificados até o menor nível taxonômico possível em etiquetas, com o apoio de chaves de identificação e especialistas.

Também foram avaliadas as condições de conservação da caixa entomológica construída por Marte, (9) com exemplares de insetos encontrados mortos e coletados em pontos diferentes do Parque Parreão I. Previamente, o insetário era utilizado como ferramenta de educação ambiental junto a uma coleção de morcegos e a um esqueleto montado de garça-branca-grande *Ardea alba* Linnaeus, 1758, durante a visita guiada ao parque.

Nas etiquetas constam a nomenclatura taxonômica zoológica e nome popular de cada um dos táxons representados.

Montagem de Amostras Preservadas Via Seca

Inicialmente, os espécimes de moluscos tiveram a sua parte mole (cabeça + pé muscular) separadas da sua parte dura (concha) com o auxílio de uma mini-espátula de alumínio. Para remover os restos de tecido mole e o odor, as conchas foram escovadas em recipiente com solução de água morna [H₂O] e 15 ml de detergente e, em seguida, expostas de molho por 12 horas.

Posteriormente, as conchas foram transferidas para uma solução com a mesma proporção de água destilada e água

oxigenada ou peróxido de hidrogênio 20% [H₂O₂], a seguir, o recipiente foi tampado e deixou a desinfecção ser processada por 24 horas. Após a limpeza, as conchas foram deixadas secando em local aberto e com temperatura ambiente por aproximadamente 3 dias.

Outros dois exemplares de aracnídeos de procedência desconhecida também foram adicionados no desenvolvimento da coleção. Uma fêmea grávida de escorpião-amarelo-do-nordeste *Tityus stigmurus* (Thorell, 1876) e uma muda de macho jovem de tarântula arborícola *Avicularia avicularia* (Linnaeus, 1758) foram alfinetados, desidratados em temperatura ambiente e armazenados em um recipiente de plástico individual com isopor e tampa, cada um.

Foram selecionados os espécimes de insetos em melhor estado de conservação de cada táxon para a revitalização da caixa entomológica. A etapa seguinte foi a montagem dos insetos com a utilização de alfinetes, e a secagem do material com o uso de uma estufa.

Por fim, foi necessária a limpeza interna da caixa com a retirada de componentes antigos e a reposição de espécimes, atualizando-a com os novos exemplares.

Montagem de Amostras Preservadas Via Líquida

As partes moles dos exemplares de moluscos que restaram em boa qualidade juntos a um exemplar de lesma, os exemplares de miriápodes e de crustáceos foram fixados separadamente em álcool 70%.

Para a confecção da caixa aracnológica, um ou mais exemplares de aracnídeos em melhor qualidade de alguns táxons foram depositados com alfinetes, em tubos eppendorfs ou tubos falcons contendo álcool-gel, em caixa média de madeira (MDF), com 330 mm de comprimento, 230 mm de largura e 50 mm de altura, além de uma tampa de puxar e uma base para alfinetagem (EVA) de 6 mm de espessura.

Se escolheu pela metodologia de imersão líquida em frascos plásticos transparentes eppendorfs para as aranhas, em função de Marte (9) definir por esse método para alguns de seus insetos

himenópteros (Hymenoptera), pois assim, exemplares que apresentam um tamanho pequeno tornam-se manipuláveis e melhor visualizados pelo aumento da imagem proporcionada pela refração da luz.

No entanto, dois exemplares de sexos opostos do araneídeo (Araneidae) *Argiope argentata*, foram separados em um tubo falcon em virtude do espécime fêmea possuir grandes dimensões.

Esse método de fixação via líquida também apresenta vantagens à montagem via seca, que desidrata o abdômen das aranhas e prejudica a sua qualidade. E, o álcool-gel não requer reposição diferente do álcool 70%, facilitando sua manutenção, a fim de se preservar permanentemente o

material biológico e além de fixar melhor os exemplares.

Mostra de Animais

Por fim, foi realizada uma mostra aberta ao público durante a Semana do Meio Ambiente no Parque Parreão I, no dia 18 de junho de 2022.

3. Resultados

Foram inventariados 176 espécimes para exposição distribuídos em 2 filós, 6 classes, 18 ordens, 45 famílias, 45 gêneros e 17 espécies/subespécies identificadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Lista de espécimes para exposição de acordo com a sua classificação taxonômica, até nível de família, e seu meio de preservação.

Táxons superiores	Família	Grupo	Meio de preservação	Número de indivíduos
Mollusca: Gastropoda		Caramujos e Lesma	Via Seca e Líquida	24
	Achatinidae	Caramujos-gigantes-africanos	Via Seca e Líquida	9
	Ampullariidae	Aruás	Via Seca	2
	Odontosmidae	Caramujos	Via Seca	1
Arachnida: Scorpiones	Buthidae	Escorpiões	Via Seca	1
Arachnida: Araneae	Araneidae	Aranhas-de-teia-orbicular	Via Líquida	8
	Corinnidae	Aranhas-formiga	Via Líquida	2
	Gnaphosidae	Aranhas-da-terra	Via Líquida	1
	Lycosidae	Aranhas-lobo	Via Líquida	3
	Oxyopidae	Aranhas-lince	Via Líquida	1
	Pisauridae	Aranhas-pescadoras	Via Líquida	1
	Salticidae	Aranhas-saltadoras	Via Líquida	5
	Scytodidae	Aranhas-cuspideiras	Via Líquida	1
	Tetragnathidae	Aranhas-de-corpo-longado	Via Líquida	3
	Theraphosidae	Aranhas-caranguejeiras	Via Seca	1
	Theridiidae	Aranhas-de-teia-irregular	Via Líquida	5
	Thomisidae	Aranhas-caranguejo	Via Líquida	2
	Uloboridae	Aranhas-de-pernas-plumosas	Via Líquida	1
Arachnida: Pseudoscorpiones	Olpiidae	Falso-escorpiões	Via Líquida	1
Arachnida: Acari		Ácaros-escaravelhos	Via Líquida	1
Myriapoda: Chilopoda	Scolopendridae	Lacraias	Via Líquida	1
		Lacraias	Via Líquida	1

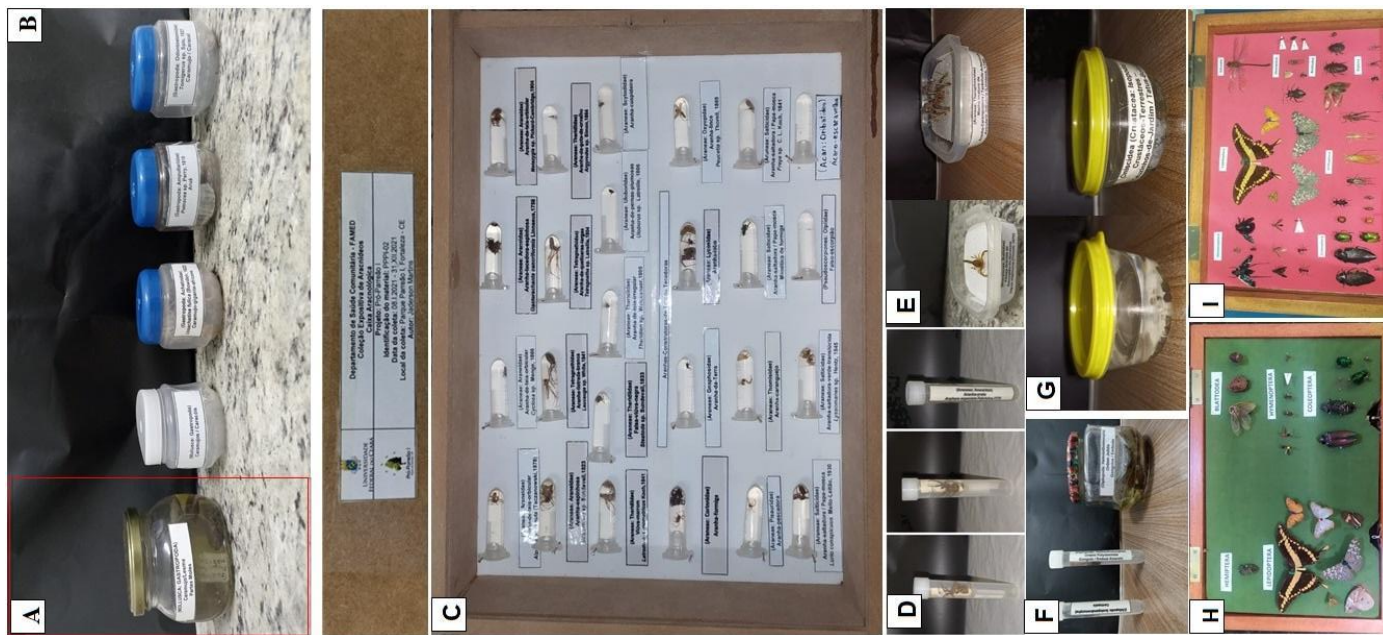
Myriapoda: Diplopoda	Paradoxosomatidae	Embuás-amarelos	Via Líquida	11
		Embuás	Via Líquida	16
Crustacea: Isopoda		Tatuzinhos-de-jardim	Via Líquida	16
Insecta: Odonata	Libellulidae	Libélulas	Via Seca	1
Insecta: Orthoptera	Romaleidae	Gafanhotos	Via Seca	1
	Gryllidae	Grilos	Via Seca	1
	Tettigonidae	Esperanças	Via Seca	2
Insecta: Blattodea	Blaberidae	Baratas-cascudas	Via Seca	4
Insecta: Hemiptera	Cicadidae	Cigarras	Via Seca	1
	Coreidae	Percevejos	Via Seca	1
	Membracidae	Soldadinhos	Via Seca	3
	Pentatomidae	Percevejos-fedidos	Via Seca	2
Insecta: Coleoptera	Buprestidae	Besouros-joia	Via Seca	2
	Carabidae	Besouros-tigre	Via Seca	2
	Chrysomelidae	Besouros-tartaruga	Via Seca	2
	Scarabaeidae		Via Seca	2
	Staphylinidae	Besouros-rola-bosta		
		Potós	Via Seca	1
	Tenebrionidae	Besouros-tenébrio	Via Seca	2
Insecta: Lepidoptera	Hesperiidae	Borboletas	Via Seca	1
	Nymphalidae	Borboletas	Via Seca	2
	Papilionidae	Borboletas-caixão-de-defunto	Via Seca	1
Insecta: Hymenoptera	Apidae	Abelhas	Via Seca e Líquida	6
	Formicidae	Formigas	Via Seca e Líquida	7
	Pompilidae	Vespas-caçadoras-de-tarântula	Via Seca	1
	Vespidae	Vespas	Via Seca e Líquida	10
Insecta: Diptera	Calliphoridae	Moscas-varejeiras	Via Seca	1
	Neriidae	Moscas-de-cactos	Via Seca	1
	Stratiomyidae	Moscas-soldado	Via Seca	1
Total				176

Fonte: Próprio Autor.

Os moluscos gastrópodes (Mollusca: Gastropoda), caramujos e lesma, distribuem-se entre exemplares preservados em via seca de *Lissachatina fulica* (Bowdich, 1822) (N = 4), *Pomacea* sp.

Perry, 1810 (N = 2) e *Tomigerus* sp. Spix, 1827 (N = 1). Entretanto, duas morfoespécies separadas entre 1 e 22 exemplares não foram identificadas. Também, há exemplares de 1 lesma e 5 *L. fulica* preservadas em via líquida (Figura 2).

Figura 2 – A - Gastrópodes preservados em via líquida; B - Gastrópodes preservados em via seca; C - Caixa aracnológica com aracnídeos preservados em via líquida; D - Morfotipos de aranhas preservados em via líquida; E - Aracnídeos preservados em via seca; F - Miriápodes; G - Crustáceos isópodes; H - Caixa entomológica (Antes); I - Caixa entomológica (Depois).



Fonte: Acervo pessoal.

Em relação aos artrópodes quelicerados, os exemplares de aracnídeos (Arachnida) preservados em via líquida na caixa distribuem-se em 1 ácaro oribatídeo (Acari, subordem Oribatida), 1 pseudoescorpião (Pseudoscorpiones) da família Olpiidae e 33 aranhas (Araneae) araneomorfas adultas de tamanho pequeno à médio, organizadas alfabeticamente por ordem zoológica e superfamília. A organização alfabética por superfamília permite separar as aranhas entre aquelas que constroem teia e as que não constroem.

A ordem das aranhas é representada pelos 14 membros da guilda das construtoras de teia ou tecedoras a seguir: *Argiope argentata* (Fabrício, 1775) (N = 8); *Cyclosa* sp. Menge, 1866 (N = 1); *Gasterachanta cancriformis* Linnaeus, 1758 (N = 2); *Metazygia* sp. Pickard-Cambridge, 1904 (N = 1); *Micrathena* sp. Sundevall, 1823 (N = 1); *Leucauge* sp. White, 1841 (N = 2); *Tetragnatha* sp. Latreille, 1804 (N = 1); *Argyrodes* sp. Simon, 1864 (N = 1), *Latrodectus geometricus* C. L. Koch, 1841 (N = 2); *Steatoda* sp. Sundevall, 1833 (N = 1); *Theridion* sp. Walckenaer, 1805 (N = 1), *Uloborus* sp. Latreille, 1806 (N = 1) e *Scytodidae* sp. (N = 1). E pelas não construtoras de teia: *Corinnidae* spp. (N = 2), *Gnaphosidae* sp. (N = 1), *Lycosidae* spp. (N = 3), *Peucezia* sp. Thorell, 1869 (N = 1), *Pisauridae* sp. (N = 1), *Thomisidae* sp. (N = 1), *Salticidae* sp.

(N = 1), *Freya* sp. C. L. Koch, 1841 (N = 1), *Lurio conspicuus* Mello-Leitão, 1930 (N = 1) e *Lyssomanes* sp. Hentz, 1845 (N = 2).

Dentre esses exemplares, há cinco casais de aranhas, respectivamente, de *A. argentata*; *G. cancriformis*, *Leucauge* sp., *L. geometricus* e *Lyssomanes* sp. para demonstrar o dimorfismo sexual das aranhas. Além do mais, por se tratarem de organismos de maior porte, a aranha migalomorfa *A. avicularia* e o escorpião (Scorpiones) *T. stigmurus* estão preservados em via seca (Figura 2).

Os artrópodes que pertencem aos subfilos dos miriápodes (Myriapoda) e crustáceos (Crustacea) continuam imersos em álcool 70%, preservados em via úmida. A amostra de miriápodes possui 2 exemplares de quilópode (Chilopoda) da ordem Scolopendromorpha (lacrãia) e, exemplares de diplópodes (Diplopoda) da superordem Juliformia (N = 16) e da família Paradoxosomatidae, ordem Polydesmida (N = 11). Os gongolos pertencem ao clado dos diplópodes em forma de verme e estão separados em dois diferentes tipos ecomorfológicos, isto é, escavador e forma de cunha, que diz respeito à relação entre suas distintas morfologias e os hábitos que assumem em seus habitats (Figura 2).

Já a amostra de crustáceos contém 27 exemplares de isópodes terrestres (Isopoda),

subordem Oniscidea (tatuzinhos-de-jardim), do tipo ecomorfológico rolator (Figura 2).

Sobre a coleção de insetos (Insecta), previamente a sua revitalização, a caixa entomológica elaborada em 2019 (9) contava com um total de 23 exemplares das ordens Hemiptera, Lepidoptera, Blattodea, Hymenoptera e Coleoptera, em que se constataram 10 famílias distintas de insetos.

Após o acréscimo do novo material coletado em 2021, a caixa passou a conter 43 exemplares de insetos das ordens supracitadas, bem como integrantes de ordens antes sem representação, como Diptera, Odonata e Orthoptera, totalizando 19 famílias de insetos.

A nível de gênero e espécie, o insetário é composto por: libélula (Libellulidae) *Orthemis* sp. Hagen, 1861 (N = 1); grilo-doméstico (Gryllidae) *Acheta domesticus* (Linnaeus, 1758) (N = 1); gafanhoto (Romaleidae) *Xyleus discoideus* (Serville, 1831) (N = 1); baratas blaberídeas (Blaberidae) *Blaberus* sp. Serville, 1831 (N = 4); soldadinhos (Membracidae) *Membracis* sp. Fabricius, 1775 e *Enchophyllum* sp. Amyot & Serville, 1843 (N = 3); percevejos pentatomídeos (Pentatomidae) *Proxys* sp. Spinola, 1837 (N = 2); besouros buprestídeos (Buprestidae) *Euchroma giganteum* (Linnaeus, 1758) (N = 2); besouros carabídeos (Carabidae) *Tetracha* sp. Hope, 1838 (N = 2); besouros crisomelídeos (Chrysomelidae) *Crimissa cruralis* Stål, 1858 (N = 2); besouros escarabeídeos (Scarabaeidae) *Macraspis festiva* Burmeister, 1844 (N = 2); besouro

estafilínídeo (Staphylinidae) *Xenopygus* sp. Bernhauer, 1906 (N = 1); borboletas nimfaleídeas (Nymphalidae) *Hamadryas* sp. Hübner, [1806] (N = 2) e *Euptoieta hegesia* (Cramer, 1779) (N = 1); borboleta papilionídea (Papilionidae) *Heraclides thoas brasiliensis* (Rothschild & Jordan, 1906) (N = 1); vespa pompilídea (Pompilidae) *Pepsis decorata* Perry, 1833 (N = 1); vespa vespídea (Vespidae) *Polistes* sp. Latreille, 1802 (N = 3); formigas cortadeiras (Formicidae) *Atta* sp. Fabricius, 1804 (N = 2) e formiga estralo *Odontomachus* sp. Latreille, 1804 (N = 1); abelha melífera (Apidae) *Apis mellifera* Linnaeus, 1758 (N = 1); abelhas mamangava *Neoxylocopa* sp. Michener, C. D. 1954 (N = 3), com a adição de um espécime fêmea na caixa desde sua elaboração; abelhas sem ferrão ou arapuás *Trigona spinipes* (Fabricius, 1793) (N = 1); mosca califorídea (Calliphoridae) *Lucilia* sp. Robineau-Desvoidy, 1830 (N = 1) e mosca estratiomídea (Stratiomyidae) *Hermetia* sp. Latreille, 1804 (N = 1) (Figura 2).

Após a conclusão das coleções, elas foram expostas em uma atividade de extensão do Projeto Pró-Parreão I que abrangeu um público de várias faixas etárias, adaptando a linguagem científica para transmitir o conhecimento zoológico para crianças e adultos leigos.

A atividade também compreendeu o uso de uma lupa estereoscópica que propiciou uma experiência visual e participativa, proporcionando aos visitantes uma visão ampliada dos organismos antes invisíveis ou inacessíveis a eles (Figura 3).

Figura 3 – Exposição de aracnídeos e insetos no Parque Parreão I.



Fonte: Acervo do Projeto Pró-Parreão I, 2022.

4. Discussão

Coleções expositivas de insetos, como caixas entomológicas, são frequentemente úteis no ensino dinâmico e despertam o fascínio das pessoas em processos educacionais (10). Essas coleções podem ser usadas como forma de conectar as pessoas a insetos já carismáticos e desconstruir a imagem negativa de outros.

Dessa forma, suas funções ecológicas podem ser melhor compreendidas, como: o controle de larvas de mosquitos e pequenos animais em ambientes aquáticos pelas libélulas; o controle da flora pelos grilos, gafanhotos, esperanças, cigarras, soldadinhos, percevejos, lagartas, besouros-joia e besouros-tartaruga; a dispersão de micro-organismos no solo pelas baratas-cascudas; a dispersão de sementes pelas formigas e besouros-rola-bosta; a polinização pelas borboletas, abelhas, vespas e moscas-dos-cactos; a reciclagem de materiais vegetais pelas vespas, formigas e abelhas; a ciclagem de nutrientes pelos besouros-rola-bosta; e a decomposição de matéria orgânica morta pelas moscas, besouros-tigre, potós e tenébrios (11).

Por esse motivo, também se submeteu essa técnica didática aos aracnídeos que também são alvos de repulsa, assim como são os insetos. O material de Arachnida se destaca entre várias coleções expositivas de aracnídeos, como as do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP (12), do Museu de História Natural do Ceará Prof. Dias da Rocha (13) e do Laboratório de Ecologia e Recursos Naturais da UNILAB (14).

Nesses locais é apresentado ao público escorpiões e aranhas de médio a grande envergadura, como as próprias tarântulas, outras aranhas migalomorfos (aranhas-de-alçapão e aranhas-pedreiro) e grandes aranhas de importância médica. Mas essa coleção abrange a diversidade de aranhas araneomorfos (aranhas verdadeiras), grupo geralmente não englobado nesses tipos de coleções em virtude do seu pequeno tamanho.

Embora alguns aracnídeos, os quilópodes e insetos como os besouros estafilínídeos (potós), vespas, formigas, abelhas com ferrão e algumas lagartas sejam

animais peçonhentos ou venenosos associados a acidentes, a maioria não traz riscos ao ser humano. Além de que aranhas, escorpiões, falsos-escorpiões e lacraias são cruciais para o controle biológico de outros invertebrados em ambientes naturais e urbanos, bem como baratas, moscas e mosquitos vetores de doenças (2).

Os ácaros, por sua vez, associados genericamente a crises respiratórias, a inflamações na pele e a danos agrícolas, também participam na regulação de ciclos ecossistêmicos, como os ácaros oribatídeos que consomem os detritos orgânicos do solo (2).

Por vários lugares ao redor do mundo, os diplópodes são criados como mascotes (15) e associados culturalmente ao presságio de chuvas, a medicamentos e alimentos tradicionais e até a rituais relacionados à gravidez e a negócios (16, 17, 18, 19).

Algumas espécies provocam acidentes (20) e, infestações em casas (21) e colheitas (22). Além de tudo isso, sua importância se estende à engenharia de transportes (23), à medicina (24) e aos estudos de fisiologia animal (25).

Os isópodes terrestres têm seu uso em práticas de educação ambiental, como descontaminadores de metais pesados no solo, para crianças e adultos e se mostram como excelentes instrumentos no estudo de princípios ecológicos, pelo fato deles não desencadarem qualquer dano à saúde humana e serem facilmente coletados em jardins e matas. Além de que é comum que as pessoas já tenham tido contato com eles ao menos uma vez na vida, geralmente na infância, e por essa razão têm um apelo sentimental (26, 27).

Não distante disso, os moluscos acendem o interesse da maioria da população através de suas conchas e é possível usá-las no ensino extensionista de processos ecossistêmicos entre o ambiente terrestre e aquático.

Sendo assim, a espécie de Pomacea, um caramujo de água doce da América do Sul, possui um enorme papel nas práticas extensionistas do parque. Este molusco serve de alimento para o gavião-caramujeiro da espécie *Rostrhamus sociabilis* (Vieillot, 1817)

(28), ave que se alimenta no Riacho Parreão, que percorre todo o parque.

Por outro lado, se ressalta que o caramujo-gigante-africano *L. fulica* é uma espécie exótico-invasora que foi introduzida no Brasil para a alimentação humana e, eventualmente, se proliferou pelo país. No estado do Ceará, ele já foi reportado e se tornou uma praga primeiramente nos municípios de Caucaia, Maracanaú e Fortaleza (29).

Essa espécie é conhecida por seus prejuízos provocados na flora, fauna e também na saúde humana por transmitir o *Angiostrongylus cantonensis* (Chen, 1935), nematódeo que causa a meningoencefalite eosinofílica do sudeste asiático (30).

5. Conclusão

Desenvolveram-se produtos que prestam uma contribuição significativa às coleções de fauna para atividades de educação ambiental e divulgação científica do projeto de extensão Pró Parreão I, auxiliando com o conhecimento e preservação desses animais, culturalmente

repudiados e negligenciados, em um espaço público e florestado de Fortaleza.

6. Agradecimentos

Agradeço a oferta de bolsa do Programa de Extensão Universitária pela Pró-Reitoria de Extensão da UFC (PREX), a todos os alunos voluntários ou bolsistas extensionistas, e sem dissociar, os servidores do Parque Parreão I que possibilitaram a realização deste trabalho.

6. Contribuições de Cada Autor

Os autores A.A.A. e C.C.C. escreveram o texto final; B.B.B. e D.D.D. forneceram informações e seus materiais para a elaboração do projeto; A.A.A., E.E.E. e F.F.F. conceberam e planejaram o projeto, e E.E.E. e F.F.F. atuaram como coordenadores e orientadores dos bolsistas e na revisão intelectual crítica do texto.

REFERÊNCIAS

- (1) Ceará. Secretaria do Meio Ambiente. Governo do Estado do Ceará. Fauna do Ceará. Fortaleza (CE): SEMACE; 2021 [acesso em 03 jul. 2022]. Disponível em: <https://www.sema.ce.gov.br/fauna-do-ceara/#:~:text=Na%20data%20do%20seu%20lan%20C3%A7amento,400%20marinhos%20e%20102%20continentais>).
- (2) Brusca RC, Moore W, Schuster S. Invertebrados. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2018. 1254 p.
- (3) Shipley NJ, Bixler RD. Beautiful Bugs, Bothered Bugs, and FUN Bugs: Examining Human Interactions with Insects and Other Arthropods. [local desconhecido]: Anthrozoös. 2017;30(3):357-372.
- (4) Kellert SR. Values and perceptions of invertebrates. [local desconhecido]: Cons Biol. 1993;7(1):845-855.
- (5) Aranda AT. Coleções Biológicas: Conceitos básicos, curadoria e gestão, interface com a biodiversidade e saúde pública. In: Anais eletrônicos do 3ª Simpósio sobre a Biodiversidade da Mata Atlântica [Internet]. Santa Teresa: SAMBIO; 2014 [acesso em 18 out. 2021]. Disponível em: <http://www.sambio.org.br/simbioma/simbioma%20iii/03.pdf>.
- (6) Resende AL, Ferreira JR, Kloss DF, Nogueira DJ, Assis JB. Coleção de animais silvestres, fauna do cerrado no sudoeste goiano, o impacto em educação ambiental. Maringá: Arqmudi. 2013;6(1):1-35.
- (7) Lima AMLP, Cavalheiro F, Nucci JC, Sousa MADLB, Fialho NDO, Picchia PCD. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: Anais

eletrônicos do 2^a Congresso Brasileiro de Arborização Urbana [Internet]. São Luiz: Imprensa EMATER/MA; 1994 [acesso em 01 jul. 2022]. Disponível em: <https://www.erambiental.com.br/var/userfiles/arquivos69/documentos/12925/LimaEtAl-AreasVerdes-1994.pdf>.

(8) Bargas DC. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. Curitiba: Revsbau. 2011;6(3):172-188.

(9) Marte SDS. Proposição e desenvolvimento de atividades de educação sobre insetos em área verde urbana de Fortaleza [trabalho de conclusão de curso na internet]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Departamento de Biologia; 2019 [acesso em 21 mar. 2022]. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/48258?mode=full>.

(10) Munhoz BEM, Silveira MS, Lima JS. Confecção de caixa entomológica como estratégia de mediação do conhecimento científico no ensino fundamental. In: Anais eletrônicos do 7^a XII Congresso Nacional de Educação [Internet]. Paraná: EDUCERE; 2015 [acesso em 5 mar. 2021]. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22097_10720.pdf.

(11) Rafael JA, et al. Insetos do Brasil: diversidade e taxonomia. 1^a ed. Ribeirão Preto, SP: Holos Editora; 2012. 810 p.

(12) Museu de Zoologia da USP – MZUSP. Coleções Científicas, Orientações e Procedimentos [Internet]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2022 [acesso em 23 set. 2022]. Disponível em: <https://mz.usp.br/pt/pagina-inicial/>.

(13) MHNCE Prof. Dias da Rocha [atualização de status de Instagram]. [2022, Junho 20]. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfB_slvrlvA/?utm_source=ig_web_copy_link.

(14) Ecologia e Recursos Naturais [Instagram]. [2018]. Disponível em: https://www.instagram.com/ecolab_unilab/.

(15) Stoev, P., Zapparoli M, Golovatch S, Enghoff H, Akkari N, Barber A. Myriapods (Myriapoda). In: Roques A, Kenis M, Lees D, Lopez-Vaamonde C, Rabitsch W, Rasplus JY, et al. Alien terrestrial arthropods of Europe. [local desconhecido]: BIORISK. 2010;4:97-130.

(16) Costa-Neto EM. The perception of Diplopoda (Arthropoda, Myriapoda) by the inhabitants of the county of Pedra Branca, Santa Teresinha, Bahia, Brazil. [local desconhecido]: Acta Biológica Colombiana. 2007;12(2):123-134.

(17) Lawal OA, Banjo AD. Survey for the usage of arthropods in traditional medicine in southwestern Nigeria. [local desconhecido]: Journal of Entomology. 2007;4(2):104-112.

(18) Negi CS, Palyal VS. Traditional uses of animal and animal products in medicine and rituals by the Shoka tribes of district Pithoragarh, Uttaranchal, India. [local desconhecido]: Studies on Ethno-Medicine. 2007;(1):47-54.

(19) Enghoff H, Manno N, Tchibozo S, List M, Schwarzingler B, Schoefberger W, et al. Millipedes as food for humans: their nutritional and possible antimalarial value: a first report. [local desconhecido]: Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine. 2014;(1):1-9.

(20) Hudson B, Parsons G. Giant millipede 'burns' and the eye. [local desconhecido]: Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene. 1997;91(2):183-185.

(21) Enghoff H, Kebapçı Ü. Calyptophyllum longiventre (Verhoeff, 1941) invading houses in Turkey, with the first description of the male (Diplopoda: Julida: Julidae). [local desconhecido]: Journal of Natural History. 2008;42(31-32):2143-2150.

(22) Ebregt E, Struik PC, Odongo B, Abidin PE. Pest damage in sweet potato, groundnut and maize in north-eastern Uganda with special reference to damage by millipedes (Diplopoda). [local desconhecido]: NJAS – Wageningen Journal of Life Sciences. 2005;53(1):49-69.

(23) Beattie A, Ehrlich P. Wild Solutions: How Biodiversity is Money in the Bank. 2^a ed. New Haven: Yale University Press; 2001. 239 p. ISBN 978-0-300-10506-3.

- (24) Jiang TL, Feng GW, Shen JH, Li LF, Fu XQ. Observation of the effect of *Spirobolus bungii* extract on cancer cells. [local desconhecido]: Journal of Traditional Chinese Medicine. 1981; 1(1):34-8.
- (25) Hopkin SP, Read HJ. The Biology of Millipedes. [local desconhecido]: Oxford University Press. 1992. ISBN 0-19-857699-4.
- (26) Matrangolo WJR, Cruz I, Miranda GA, Nascimento RA, Inacio VM, Abreu VM. Tatu-Bolinha (artrópodo, gênero *Armadillium*) como ferramenta de ecoalfabetização. In: Anais eletrônicos do 6^a Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2^a Congresso Latino Americano de Agroecologia [Internet]. Curitiba: ABA: SOCLA, Revista Brasileira de Agroecologia. 2009; 4(2):2729-2733 [acesso em 11 out. 2022]. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/660429>.
- (27) Miranda GA, Matrangolo WJR, Nolasco AAR, Calazans GM, Nunes T. Tatu-Bolinha Como Ferramenta de Educação Ambiental na Embrapa Milho e Sorgo. [local desconhecido]: Embrapa Ambiental Milho e Sorgo. 2010;(1):1-5.
- (28) Wikiaves - Enciclopédia das Aves. Gavião-caramujeiro [Internet]. 2015 [acesso em 23 set. 2022]. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/gaviao-caramujeiro>.
- (29) Gonçalves T. Praga de caramujo africano. Diário do Nordeste [Internet]. 10 fev. 2007 [acesso em 22 set. 2022]. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/praga-de-caramujo-africano-1.160028>.
- (30) Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Vigilância e Controle de Moluscos de Importância Epidemiológica - Diretrizes Técnicas: Programa de Vigilância e Controle da Esquistossomose (PCE). Brasília (DF): Série A. Normas e Manuais Técnicos. 2008;(2): 178 p. [acesso em 22 set. 2022]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigilancia_controle_moluscos_import_epidemiologia.pdf.



AÇÕES DE SAÚDE PARA PESSOAS COM A SÍNDROME DE BERARDINELLI-SEIP

HEALTH ACTIONS FOR PATIENTS WITH BERARDINELLI-SEIP SYNDROME: RARE LIPODYSTROPHY PREVALENT IN RIO GRANDE DO NORTE

MEDEIROS, J. E. L. de

<https://orcid.org/0000-0002-8755-0253>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DANTAS, M. L. F.

<https://orcid.org/0000-0002-5761-6776>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

BEZERRA, B. C.

<https://orcid.org/0000-0003-4433-9973>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

LIMA, K. L. da S.

<https://orcid.org/0000-0001-5907-490X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SARMENTO, A. S. C.

<https://orcid.org/0000-0003-1207-830X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

CAMPOS, J. T. A. de M.

<https://orcid.org/0000-0002-8501-5521>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

A Síndrome de Berardinelli-Seip (SBS) é uma rara doença genética autossômica recessiva, de alta prevalência no Rio Grande do Norte (RN), Brasil. O presente trabalho objetivou relatar a experiência dos acadêmicos de enfermagem, nutrição, psicologia e fisioterapia da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA) durante ações multiprofissionais que englobavam pais e pessoas com a SBS no RN. Nesse projeto, foram realizadas orientações sobre alimentação saudável; escuta ativa para a compreensão do convívio social das pessoas com SBS; divulgações de materiais didáticos previamente produzidos; alongamento e relaxamento; e apresentações teatrais sobre a morfofisiologia e genética da SBS. Por meio desse projeto, tem sido possível propagar os conhecimentos sobre a SBS para a comunidade norte-rio-grandense que, em sua maioria, desconhece essa lipodistrofia tão prevalente na região. Adicionalmente, mudanças comportamentais mediadas por intervenções sistematizadas junto às famílias foram promovidas, melhorando a qualidade da assistência ofertada às pessoas com a SBS.

PALAVRAS-CHAVE: lipodistrofia generalizada congênita; equipe multiprofissional; educação em saúde.

ABSTRACT

Berardinelli-Seip Syndrome (SBS) is a rare and highly prevalent autosomal recessive genetic disease in Rio Grande do Norte (RN), Brazil. The present work aimed to report the experience of nursing, nutrition, psychology and physiotherapy students at Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA) during multiprofessional actions involving parents and people with SBS in RN. In

this project, guidance was given on healthy eating; active listening for understanding the social life of people with SBS; dissemination of previously produced teaching materials; stretching and relaxation; and theatrical presentations on SBS morphophysiology and genetics. Through this project, it has been possible to spread the knowledge about SBS to the community of Rio Grande do Norte, which is unaware of this lipodystrophy so prevalent in the region. Additionally, behavioral changes mediated by systematic interventions with families were promoted, improving the quality of care offered to people with SBS.

Keywords: generalized congenital lipodystrophy; multiprofessional team; health education.

1. Introdução

A Síndrome de Berardinelli-Seip (SBS) é uma doença genética autossômica recessiva rara cuja prevalência mundial é 1 caso para 12 milhões de pessoas nascidas vivas. Entretanto, acredita-se que para cada 4 casos existentes, apenas 1 seja relatado (PATNI; GARG, 2015). Dos cerca de 500 casos registrados na literatura, estimou-se a prevalência de 3,23 casos para cada 100.000 habitantes no estado do Rio Grande do Norte (RN), no Nordeste do Brasil, resultando na maior prevalência do Brasil e do mundo (MEDEIROS et al., 2017). Embora o primeiro caso de SBS tenha sido relatado no Brasil, sua prevalência no país ainda não foi completamente investigada. Informações limitadas estão disponíveis sobre a prevalência de SBS em algumas regiões do Brasil e apenas o RN apresenta dados epidemiológicos definidos (MEDEIROS et al., 2017).

Os projetos de extensão intitulados “Atuação Multiprofissional frente à Síndrome de Berardinelli-Seip” e “Desmistificando a Síndrome de Berardinelli no interior do Rio Grande do Norte” surgiram em 2015 no interior do Rio Grande do Norte (RN), Brasil, com o objetivo de promover ações de saúde multiprofissionais sobre a Síndrome de Berardinelli-Seip (SBS) nessa região. Frente à

elevada prevalência dessa síndrome no estado do RN e ao desconhecimento pela população em geral, incluindo os profissionais da saúde, a atuação multiprofissional vêm auxiliando as pessoas com a SBS, seus familiares e os profissionais de saúde acerca dos cuidados adequados para o seu tratamento.

2. Referencial teórico

As lipodistrofias são doenças raras caracterizadas pela perda de gordura corporal. O padrão e extensão dessa perda são heterogêneos e podem se apresentar em regiões anatômicas pontuais, ou até mesmo no corpo inteiro (PATNI; GARG, 2015). A forma generalizada congênita foi citada pela primeira vez pelo médico endocrinologista Waldemar Berardinelli, em 1954, em duas crianças no Brasil, e confirmada por Martin Seip em outros três casos (BERARDINELLI, 1954; SEIP; TRYGSTAD, 1963). Portanto, esse tipo de lipodistrofia ficou conhecida como Síndrome de Berardinelli-Seip (SBS).

Clinicamente, as principais características apresentadas pelas pessoas com SBS são: a ausência quase completa do tecido adiposo subcutâneo, o que resulta na insuficiência em metabolizar e estocar material lipídico de maneira adequada nos adipócitos, provocando o acúmulo de gordura em órgãos não habituais, como: fígado, baço, pâncreas, coração, endotélio arterial e pele (MACHADO et al., 2013). Esse acúmulo de lipídios no baço e fígado pode

culminar em hepatoesplenomegalia (BERARDINELLI, 1954; GARG, 2000). Por outro lado, pessoas com SBS apresentam gordura preservada em áreas como: órbitas oculares, palmas das mãos, plantas dos pés, couro cabeludo, períneo e regiões periarticulares (AGARWAL; GARG, 2006; BELTRAND et al., 2010; GARG, 2000).

Outras características são identificadas nesses pacientes como: face grosseira, acromegalia, acantose nigricans, protusão umbilical, hipertrigliceridemia, esteatose hepática, diabetes melito, resistência à insulina e aterosclerose de início precoce, entre outras (BERARDINELLI, 1954; GARG, 2000). Como existem relações consanguíneas em certas regiões do RN, todos os anos ainda se fazem alguns novos diagnósticos desta síndrome. Em alguns casos, esse diagnóstico é realizado já no primeiro ano de vida, mas, em outros, o diagnóstico pode ser muito tardio, com o paciente já apresentando complicações crônicas, como o diabetes melito (LIMA et al., 2016).

3. Materiais e métodos

O presente trabalho trata-se de uma coletânea de relatos de experiências vivenciadas por estudantes de graduação nas áreas biomédicas durante a realização das ações de extensão denominadas: “Atuação Multiprofissional frente à Síndrome de Berardinelli-Seip” e “Desmistificando a Síndrome de Berardinelli no interior do Rio Grande do Norte”. Com a colaboração da Associação dos Pais e Pessoas com a Síndrome de Berardinelli do estado do Rio Grande do Norte (ASPOSBERN), localizada na cidade de Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil, essas ações vêm acontecendo desde 2015.

Por meio dos projetos supracitados, foram produzidos diferentes materiais didáticos para 37 pessoas com a SBS, seus familiares e profissionais da saúde obterem acesso às informações básicas de como funciona o corpo humano, o papel das moléculas biológicas para a manutenção do

equilíbrio corporal e as disfunções metabólicas que acometem uma pessoa com a SBS. Foram elaborados jogos lúdicos a partir de metodologias de ensino criativas, participativas e inovadoras para as atividades voltadas para as crianças com a SBS.

Participaram 30 estudantes de graduação da FACISA. Os estudantes de nutrição, fisioterapia e enfermagem realizaram o acompanhamento das pessoas com a SBS desde 2015, com o intuito de promover uma educação alimentar adequada, práticas de alongamento e relaxamento e verificação dos níveis de glicemia e da pressão arterial. Por sua vez, os estudantes de psicologia analisaram o convívio social das pessoas com a SBS como estratégia para perceber as afetações e sentimentos dessas pessoas frente à doença, além de entender o papel da ASPOSBERN na vida delas. Ademais, também buscaram compreender como eles se sentiam enquanto pessoas com a SBS ou como os familiares se sentiam em relação a ter um(a) filho(a) com essa síndrome rara. As principais experiências pessoais e sociais narradas pelos entrevistados foram agrupadas em categorias que concatenaram o relevante papel da ASPOSBERN na vida dessas pessoas.

4. Resultados e discussões

Os materiais didáticos desse projeto foram elaborados pelos discentes dos cursos de enfermagem, fisioterapia, nutrição e psicologia da FACISA/UFRN utilizando uma linguagem acessível, com o objetivo de evidenciar as causas e consequências da SBS, focando nos aspectos morfofisiológicos e genéticos da doença. Foram produzidos jogos lúdicos, cartilhas, livro, peças de teatro, banners, entre outros. Um dos materiais didáticos produzido foi a peça teatral ‘O Sumiço do Tecido Adiposo’, a qual retrata detalhadamente a SBS e tem sido apresentada nos eventos anuais da ASPOSBERN (Figura 1).



Figura 1- Encenação da peça teatral 'O Sumiço do Tecido Adiposo'

SEIP; TRYGSTAD, 1963). Dessa forma, o controle dietético é uma das intervenções terapêuticas extremamente necessárias visto que a má alimentação pode resultar em inúmeros problemas metabólicos, afetando os diversos sistemas orgânicos.

Tendo em vista a escassez de material bibliográfico sobre a SBS, foi desenvolvido um livro sobre os aspectos morfofisiológicos e genéticos da doença com foco para os profissionais da saúde e estudantes universitários. Cartilhas com uma linguagem mais acessível à comunidade externa, com foco nas pessoas com SBS e seus familiares, também foram elaboradas e distribuídas durante as ações de extensão junto à ASPOBERN e nos hospitais universitários que são referência para o tratamento da doença no RN. Esses materiais têm como objetivo auxiliar na promoção da melhoria da qualidade de vida das pessoas com SBS e desmistificar essa síndrome mundialmente tão rara, mas altamente prevalente no RN.

A confirmação clínica e genética de que uma criança tem SBS pode causar grande impacto na família, principalmente porque a discriminação e o preconceito são os fatores que mais prejudicam. Dessa maneira, a criança deverá ser avaliada em relação aos riscos identificados ao nascer e sobre as alterações metabólicas, comportamentais que possam desenvolver durante seu crescimento, além de fatores que influenciam na sua saúde, como a alimentação inadequada. A partir da identificação dos fatores de risco, condições socioeconômicas, qualidade de vida e

panorama epidemiológico, é possível definir os grupos mais vulneráveis (OMS, 2009). Nesse contexto, tendo em vista que tais parâmetros já foram mapeados anteriormente pela nossa equipe, incluindo as crianças com SBS (MEDEIROS et al., 2017), as atividades lúdicas realizadas foram fundamentais para a educação alimentar desse público, tendo em vista que desde muito cedo as crianças com SBS já apresentam problemas metabólicos, inclusive diabetes melito.

No atendimento da pessoa com SBS, nada é exato ou pré-definido; sempre é possível se deparar com variações de pessoa para pessoa. Elas apresentam certa dificuldade em encontrar o tratamento multiprofissional adequado em virtude do desconhecimento por parte dos profissionais da saúde. DANTAS (2015) e SANTOS (2017) realizaram ações de saúde com as equipes de enfermagem de dois hospitais do RN e da atenção básica, uma vez que o profissional de enfermagem possui eventualmente um contato direto com estes pacientes, e deve ser melhor orientado sobre a SBS, suas manifestações clínicas e formas de tratamento. Essas ações de saúde foram fundamentais para esclarecer as dúvidas sobre a síndrome e orientar familiares e as pessoas com a SBS sobre os cuidados que devem ter com a saúde de uma pessoa lipodistrófica, possibilitando uma assistência de enfermagem de forma mais eficaz (DANTAS, 2015; SANTOS, 2017). Estes profissionais devem sintetizar as realidades conhecidas e vividas por estes pacientes, de maneira a atuar como uma ponte entre a

pessoa com SBS, seus familiares e a equipe multiprofissional de saúde.

A equipe enfermagem também avaliou as condições de saúde dos homens com SBS, uma vez que estudos revelaram que algumas doenças estão relacionadas a comportamentos tipicamente masculinos, fazendo com que a morbimortalidade dos homens seja superior à das mulheres (BRASIL, 2008; PASCHOALICK; LACERDA; CENTA, 2006). Posto isso, durante o encontro anual da ASPOBERN foi realizada uma abordagem individual com os homens com a SBS, explanado os objetivos do plano de cuidado a saúde do homem e, a partir disso, foram realizadas entrevistas abordando temas sobre cuidado, sexualidade masculina e suas implicações. Essa fase se caracterizou pela formação de vínculos com os sujeitos eleitos por meio da escuta ativa. Nestas entrevistas, os homens inicialmente se mostraram tímidos, tendo dificuldade de expor seus pensamentos e seu cotidiano. No entanto, do decorrer da entrevista eles foram se mostrando mais colaborativos. Foi possível observar a discrepância de informações sobre a própria condição de alguns sujeitos em relação a outros, demonstrando que o entendimento em relação ao cuidado e a própria saúde merecem uma atenção especial de maneira assistencial e integral, pois as concepções sociais e culturais desses sujeitos afetam seu tratamento.

Em relação ao cuidado pessoal, foi questionado ao público-alvo como eles tratavam da própria saúde e se costumavam procurar os serviços de saúde de maneira regular para tratar das implicações geradas pela SBS. Alguns afirmaram procurar profissionais especializados como endocrinologistas, cardiologistas e seguir o tratamento prescrito pelos profissionais de saúde à risca. No entanto, alguns afirmaram que não faziam uso de quaisquer medicações ou terapias. Durante as entrevistas foi possível perceber que, para alguns, a sexualidade ainda é um tema constrangedor, evidenciando suas inseguranças. Em relação ao conhecimento desse público a respeito da SBS e suas implicações, foi observado que os fatores culturais e sociais influenciam bastante no seguimento correto do tratamento. Dessa maneira, foi observado que os homens com

melhor instrução seguiam o tratamento corretamente, pois sabiam as implicações das alterações que seu corpo sofreria na ausência de alguma medicação ou de uma dieta equilibrada.

Diante do exposto, foi possível observar a percepção dos homens com a SBS em relação ao cuidado com a saúde e, portanto, estabelecer estratégias que possam favorecer a efetivação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), promovendo melhorias na saúde da população masculina com a SBS e também evidenciar que é muito importante o trabalho conjunto da enfermagem e psicologia, buscando a adaptação das necessidades especiais e um ambiente familiar que promova autonomia e diferentes possibilidades de descobertas do potencial da pessoa com a SBS.

Em relação ao público infantil e, tendo em vista a realização de uma assistência integral de enfermagem na puericultura, os alunos de enfermagem puderam avaliar as crianças com SBS em relação aos riscos identificados ao nascer e alterações que possam adquirir durante seu crescimento, além observar e esclarecer dúvidas aos seus pais de fatores que influenciam na produção da saúde ou da doença nesse público infantil.

A equipe da fisioterapia atuou com relaxamentos, alongamentos, educação em saúde e diversas atividades para aumentar o bem-estar e o vínculo entre as pessoas com SBS das diferentes cidades do RN e Paraíba (PB). Todos os momentos foram previamente planejados e discutidos com o intuito de incluir todas as pessoas com a SBS, tendo em vista que a grande maioria das pessoas com SBS que participa das ações são de outras cidades, estados e até países diferentes, como o Chile. O relaxamento é uma importante intervenção na diminuição da ansiedade e depressão em indivíduos adultos (KLAININ-YOBAS et al., 2015). Nesse sentido, técnicas de relaxamento foram utilizadas durante o evento para diminuição do estresse dos participantes. Já os alongamentos musculares surgiram da necessidade de envolver todos os participantes em uma atividade dinâmica e motivá-los a realizar a prática de exercícios físicos constantes, tendo em vista que

podem ajudar no controle glicêmico (BALDUCCI et al., 2014).

A equipe de nutrição realizou o acompanhamento do índice glicêmico e forneceu orientações acerca dos alimentos mais indicados para o consumo por pessoas lipodistróficas, além de ter realizado atividades lúdicas sobre alimentação saudável tanto para as crianças como para os adultos. Esse é um desafio muito grande, tendo em vista que a maioria das pessoas com a SBS acabam consumindo alimentos que pioram o perfil metabólico, resultando no aumento do comprometimento das comorbidades já descritas para esses pacientes.

A equipe de psicologia realizou entrevistas semiestruturadas e contou com a participação espontânea dos participantes. A entrevista contemplou aspectos da experiência subjetiva dos entrevistados no que concerne a ser uma pessoa com a SBS, ao seu convívio social, preconceitos aos quais estão expostos, à relevância da ASPOSBERN em sua vida e às perspectivas futuras em relação ao próprio desenvolvimento pessoal e profissional. Por meio do discurso dos entrevistados, foi possível observar que o preconceito é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas pessoas com a SBS e também um dos principais motivos para que eles deixem a escola precocemente. Quando crianças, recebem alcunhas como “anão (ã)” e “cara amassada”. Quando adolescentes, as pessoas do sexo masculino com a SBS adotam uma forma física musculosa e o preconceito se reduz paulatinamente entre os homens, na medida em que se eleva entre o público feminino, uma vez que a forma física do corpo feminino remete aos aspectos masculinos, vinculado com dizeres preconceituosos como “macacas”, “travestis”, etc., como relatou uma das entrevistadas:

“No período da adolescência foi que os sinais da síndrome se intensificaram: ombros largos e corpo masculinizado”.

A paciente relata que não sofreu muito porque residia no sítio. Entretanto, entre os 17 e os 27 anos foi o período em que ela mais sofreu preconceito. Sobretudo, porque engravidou. Era muito musculosa e, quando grávida, as pessoas perguntavam: “como

você engravidou, traveco?” e afirmavam “macaca travesti!”. Além disso, perguntavam ao seu esposo:

“E você, com tanta mulher no mundo, não tem vergonha de sair com um traveco, não?!”.

O preconceito também se evidencia no discurso de um rapaz entrevistado:

“As pessoas às vezes me chamavam de anão, cara amassada e teve alguém que me perguntou certa vez: ‘Ei boy, essa sua cara amassada foi um acidente?’”

Diante disso, podemos observar que o sofrimento é das pessoas com SBS, seus parceiros (se houver) e demais familiares. A solidão é o sentimento mais recorrente entre os entrevistados, tanto pelas poucas amizades que possuem, como pelo fato de estarem solteiros há muito tempo ou por que nunca conseguiram sequer firmar um sólido relacionamento amoroso. Diante disso, dois aspectos foram essenciais para entender os sentimentos dos participantes, que são: escassez de laços de amizade e espaço limitado em vivências sociais. A maioria das pessoas com a SBS convivem apenas com o grupo familiar que, por vezes, sente dificuldade em enxergá-los como pessoas dotadas de potencialidades e, por cuidado excessivo, acabam protegendo-os consideravelmente de contatos externos. O segundo aspecto se refere à dificuldade das próprias pessoas com a SBS em estabelecer laços afetivos, principalmente devido ao sentimento contínuo de que são diferentes das outras pessoas, o que pode ser justificado pelo recorrente preconceito sofrido e ainda pelo desconhecimento da maior das pessoas sobre a SBS.

A ASPOSBERN desenvolve um importante papel divulgando informações e conhecimento científico sobre a SBS, proporcionando melhoria nas condições de existência dessas pessoas, devido à significativa relativa divulgação que tem sido realizada. Atualmente, as pessoas começaram a obter conhecimento sobre a SBS por meio da referida associação, facilitando o convívio das pessoas com a SBS com seus familiares e demais membros da

sociedade (Figura 2), como expressa um dos entrevistados em seu discurso:

“A associação trouxe muitos benefícios, inclusive no sentido de que as pessoas passaram a conhecer um pouco sobre a síndrome que, até então, era desconhecida”.

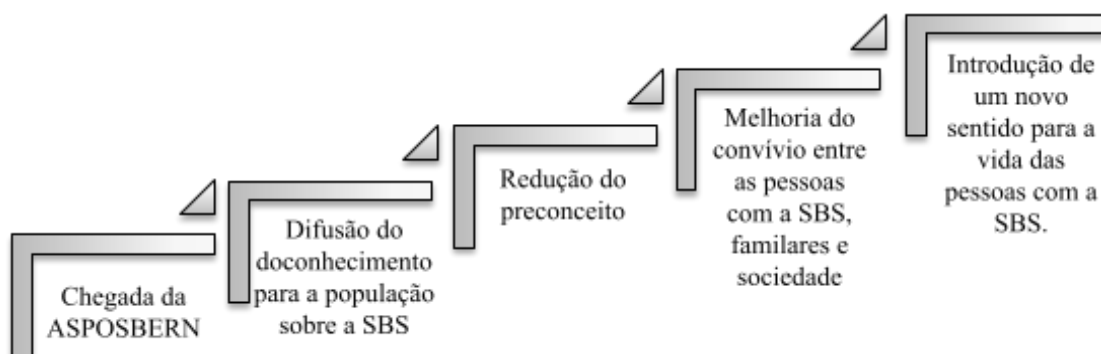
Ratificando a relevância da ASPOSBERN na vida das pessoas com a SBS, uma outra entrevistada relatou ainda que:

“Antes da associação me sentia perdida, hoje consigo me encontrar. Me valorizar. Me aceitar.” (Mulher com a Síndrome de

Berardinelli, 44 - Só descobriu o que tinha a SBS aos 42 anos de idade).

Dos pacientes entrevistados apenas dois são usuários somente de álcool, nove são usuários de drogas, seis são usuários de álcool e drogas, apenas um não respondeu. Quatorze pacientes disseram que tinham a participação da família no tratamento e que tinham encaminhamentos visando a reinserção social, quatro dos pacientes não responderam.

Figura 2- A ASPOSBERN e sua relevância na vida das pessoas com a SBS.



Considerando a prospecção e a qualidade de vida das pessoas com a SBS, buscamos também compreender quais seriam os seus planos para o futuro. Dentre os relatos, destacamos os planos de ter saúde, uma vez que a saúde desses pacientes é bastante fragilizada; construir uma família, considerando a acentuada dificuldade em desenvolver e fortalecer laços de amizade ou amorosos; e estudar para se profissionalizar, na medida em que muitas pessoas ainda oferecem determinado descrédito às capacidades de trabalho e desenvolvimento pessoal e profissional. Muitas vezes, a profissionalização se deve ao fato das pessoas com SBS terem abandonado os estudos ou não terem concluído devido às altas incidências de preconceito sofrido no período escolar inicial.

“Construir uma família e ter saúde para assim viver uma vida longa. Não planejo muito e prefiro viver a vida intensamente. Gostaria de ter uma profissão melhor, mas enquanto tiver os meus pais junto de mim, tudo está ótimo”.

Esse momento de integração entre os discentes de diferentes áreas da saúde tem extrema importância para estimular as práticas interdisciplinares e multiprofissionais na FACISA e, posteriormente, no ambiente de trabalho, o que auxiliará na promoção em saúde mais adequada para as pessoas com a SBS. Fica evidente que atividades realizadas por uma equipe multiprofissional têm grande relevância e muitas vantagens, tais como: integração da equipe; atendimento e assistência humanizada; fortalecimento nas relações entre a equipe multiprofissional e maior coesão e produtividade no trabalho realizado.

5. Conclusão

Através da realização dessas ações de extensão foi possível verificar que a atuação de uma equipe multidisciplinar tem permitido um acompanhamento mais eficaz das pessoas com SBS através da realização de inúmeras intervenções em saúde e mudanças de hábitos cotidianos. A partir

desse projeto, ficou clara a necessidade de manter o processo interativo “pessoa com a SBS-família-equipe interdisciplinar” como fonte primordial para o cuidado em saúde apropriado, bem como a realização do aconselhamento genético para essas famílias, tendo em vista que tal equipe atua de forma ativa no desenvolvimento das pessoas com SBS.

Tendo em vista a elevada prevalência de pessoas com a SBS no RN, a realização das atividades extensionistas desse projeto junto à ASPOBERN tem permitido a ampliação das oportunidades educacionais das pessoas

com a SBS e seus familiares, a fim de melhorar o processo de ensino-aprendizagem desse público. Por meio desse projeto também foi possível proporcionar oportunidades educacionais para o desenvolvimento das competências e habilidades dos discentes de graduação da FACISA, bem como o desenvolvimento social e o espírito crítico necessários para uma atuação multiprofissional eficaz, o que vem resultando em uma maior interação entre a universidade, as pessoas com SBS e seus familiares.

REFERÊNCIAS

- (1) AGARWAL, A. K.; GARG, A. Genetic Disorders of Adipose Tissue Development, Differentiation, and Death. *Annual Review of Genomics and Human Genetics*, v. 7, n. 1, p. 175–199, 2006.
- (2) BALDUCCI, S. et al. Physical Exercise as therapy for type II diabetes. *Diabetes/Metabolism Research and Reviews*, v. 32, n. 30, p. 13–23, 2014.
- (3) BELTRAND, J. et al. Resistance to leptin-replacement therapy in Berardinelli-Seip congenital lipodystrophy: An immunological origin. *European Journal of Endocrinology*, v. 162, n. 6, p. 1083–1091, 2010.
- (4) BERARDINELLI, W. An undiagnosed endocrinometabolic syndrome: report of 2 cases. *J Clin Endocrinol Metab*, v. 14, n. 2, p. 193–204, 1954.
- (5) BRASIL. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Princípios e Diretrizes). Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2008.
- (6) DANTAS, V. K. C. Estudo sobre o conhecimento dos profissionais de Enfermagem acerca da Síndrome de Berardinelli – Seip (BSCL) em dois hospitais do Estado do Rio Grande do Norte [Monografia]. 2015.
- (7) GARG, A. Lipodystrophies. *The American Journal of Medicine*, v. 108, n. 2, p. 143–152, 2000.
- (8) KLAININ-YOBAS, P. et al. Effects of relaxation interventions on depression and anxiety among older adults: a systematic review. *Aging & Mental Health*, v. 19, n. 12, p. 1043–1055, 2015.
- (9) LIMA, J. G. et al. Clinical and laboratory data of a large series of patients with congenital generalized lipodystrophy. *Diabetology & Metabolic Syndrome*, v. 8, n. 23, 2016.
- (10) MACHADO, P. V. et al. Do you know this syndrome? Berardinelli-Seip syndrome. *Anais brasileiros de dermatologia*, v. 88, n. 6, p. 1011–1013, 2013.
- (11) MEDEIROS, L. B. A. et al. High prevalence of Berardinelli-Seip Congenital Lipodystrophy in Rio Grande do Norte State, Northeast Brazil. *Diabetology & Metabolic Syndrome*, v. 9, n. 80, 2017.

MEDEIROS, J. E. L. de; DANTAS, M. L. F.; BEZERRA, B. C.; LIMA, K. L. da S.; SARMENTO, A. S. C.; CAMPOS, J. T. A. de M.

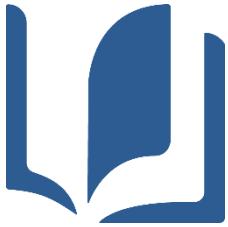
(12) OMS. Child growth standards and the identification of severe acute malnutrition in infants and children. World Health Organization, p. 1–12, 2009.

(13) PASCHOALICK, R. C.; LACERDA, M. R.; CENTA, M. D. L. Gênero Masculino e Saúde. *Cogitare Enfermagem*, v. 11, n. 1, p. 80–86, 2006.

(14) PATNI, N.; GARG, A. Congenital generalized lipodystrophies—new insights into metabolic dysfunction. *Nature Reviews Endocrinology*, v. 11, n. 9, p. 522–534, 2015.

(15) SANTOS, L. G. B. Conhecimentos dos profissionais de enfermagem acerca da Síndrome de Berardinelli-Seip em Unidades Básicas de Saúde do Seridó – RN [Monografia]. 2017.

(16) SEIP, M.; TRYGSTAD, O. Generalized Lipodystrophy. *Archives of Disease in Childhood*, v. 38, p. 447–453, 1963.



CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE BUCAL DE CUIDADORES DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA, CEARÁ

INSTITUTIONALIZED CHILDREN AND THE ORAL HEALTH KNOWLEDGE AMONG CAREGIVERS

BARBOZA, M. L.

Universidade Federal do Ceará (UFC)

SILVEIRA, P. D.

Universidade Federal do Ceará (UFC)

SARAIVA, A. C. da S.

Universidade Federal do Ceará (UFC)

BEZERRA, F. S. A.

Universidade Federal do Ceará (UFC)

PASSOS, V. F.

<https://orcid.org/0000-0001-5121-0436>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

FERREIRA, R. L. G. A.

Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Durante os primeiros anos de vida, as crianças incorporam hábitos de higiene e de cuidados com a saúde oral, especialmente aqueles advindos de pais, responsáveis e cuidadores. O objetivo do presente estudo é descrever o conhecimento de cuidadores de crianças institucionalizadas sobre saúde bucal. Realizou-se um estudo descritivo, transversal, de natureza quantitativa, com a participação de 40 cuidadores, de sete instituições que abrigam crianças até 12 anos. As informações foram coletadas em janeiro de 2019, por meio de um questionário estruturado, inseridas no programa Excel® e analisadas estatisticamente no programa Statistical Package for the Social Sciences® (SPSS) versão 17.0 para Windows®. A maioria dos cuidadores eram mulheres (90%), entre 31 e 40 anos (35,9%), com o Ensino Médio completo (27,5%). Entre os respondentes, 70% escovavam os dentes das crianças duas vezes ao dia e 34,2% cobriam todas as cerdas da escova com dentífrico. Segundo 39,5% dos cuidadores, a placa bacteriana pode ser removida por meio de bochechos e somente 5,3% responderam acertadamente que a placa pode ser removida com escova e fio dental. Os cuidadores possuíam conhecimento sobre a etiologia da cárie, entretanto, desconheciam aspectos importantes relativos à higiene oral das crianças, remetendo à necessidade de se implementarem programas educativos direcionados a essa clientela.

PALAVRAS-CHAVE: saúde bucal; criança institucionalizada; cuidadores.

ABSTRACT

During their first years of life, children acquire hygiene and oral health care habits, especially those coming from parents, guardians, and caregivers. The aim of this study is to describe the knowledge caregivers of institutionalized children have concerning oral health. A descriptive cross-sectional quantitative study was conducted with the participation of 40 caregivers from seven institutions sheltering children up to 12 years old. Information was collected in January 2019, by means of a structured questionnaire, entered into the Excel® program and statistically analyzed in the Statistical Package for the Social Sciences® (SPSS) version 17.0 for Windows®. Most caregivers were women (90%), between 31 and 40 years old (35.9%), with complete high school education (27.5%). Among the respondents, 70% brushed the children's teeth twice a day and 34.2% covered all the toothbrush bristles with dentifrice. According to 39.5% of caregivers, plaque can be removed by rinsing, and only 5.3% answered correctly that plaque can be removed by using toothbrush and dental floss. The caregivers had knowledge about the etiology of caries; however, they were unaware of important aspects related to the oral hygiene of children, referring to the need to implement educational programs directed to this clientele.

Keywords: oral health; institutionalized children; caregivers.

1. Introdução

A cárie dentária é uma doença que envolve um desequilíbrio no processo desmineralização-rem mineralização, com perda de minerais dos tecidos dentários, pela ação de microrganismos (COLAK et al., 2013; MILLS; MOSES, 2010; MOREIRA et al., 2015). O último levantamento epidemiológico realizado pelo Ministério da Saúde (SB Brasil 2010) mostrou dados alarmantes sobre a saúde bucal da população brasileira ao revelar que, aos cinco anos de idade, uma criança brasileira tinha, em média, 2,43 dentes cariados e apenas 46,60% das crianças brasileiras estavam livres de cárie, percentual este distante da meta preconizada pela Organização Mundial da Saúde, na qual 90% das crianças de cinco e

seis anos de idade deveriam estar livres da doença no ano de 2010. O referido levantamento também demonstrou que, aos 12 anos, 56,5% das crianças estavam acometidas pela doença (Ministério da Saúde, 2012).

Antunes e colaboradores (2006) mostraram que a presença de cavitação por cárie nos dentes anteriores foi o mais forte preditor de cárie para os dentes posteriores, na dentição decídua, o que justifica a aplicação de medidas preventivas também em crianças na primeira infância, como boa forma de prevenir a cárie ou, caso já esteja instalada, de controlá-la. Sabendo-se que a cárie pode interferir na qualidade de vidas das crianças (Boeira et al. 2012), preconiza-se

o uso de dentifrícios fluoretados como uma das mais amplas formas de utilização do flúor no combate a essa doença, aumentando o efeito da escovação mecânica sobre o seu controle (CURY e TENUTA, 2013).

Nesse contexto, programas educativo-preventivos fundamentados na orientação de higiene bucal, no aconselhamento dietético e no uso racional do flúor têm sido um forte aliado na prevenção da cárie dentária, considerando-se o baixo custo, bem como o impacto odontológico no âmbito público e coletivo (ANTUNES et al., 2008; PAREDES et al., 2014). Vale ressaltar que os programas de educação em saúde bucal destinados a crianças devem ser estendidos aos seus responsáveis, pois a atenção em saúde bucal nessa faixa etária está diretamente relacionada a atividades voltadas a grupos que estão em contato com o público infantil (MARIN e LEITE, 2011; SANTOS et al., 2011).

Durante os primeiros anos de vida, as crianças incorporam hábitos de higiene e comportamentos saudáveis, considerando-se dos quatro aos sete anos a faixa de idade em que ocorre o maior aprendizado (ANTUNES et al., 2008; MARIN e LEITE, 2011; CARVALHO et al., 2013). É nessa fase que se conseguem consideráveis mudanças de hábitos ou práticas que levam à preservação e à manutenção da saúde bucal, já que os modelos de comportamento adquiridos nessa faixa etária são fortemente incorporados e resistentes a alterações (VENNCIO et al., 2011).

Pais e cuidadores se constituem referência para as crianças no que concerne à adoção de práticas rotineiras, inclusive aquelas relacionadas à manutenção da saúde. Sendo a remoção mecânica do biofilme o principal fator para a prevenção da cárie e da gengivite (BROFFITT et al., 2013; AMINABADI et al., 2014), é importante que esses atores tenham conhecimento sobre os aspectos relativos à saúde bucal, especialmente no que concerne à higiene oral da criança (SOARES et al., 2013; BASKARADOSS et al., 2019).

Os cuidados da criança institucionalizada em abrigos ou creches são realizados, rotineiramente, por funcionários intitulados cuidadores. Em um estudo transversal com 670 crianças de 3 a 5 anos de

idade, Wulaerhan e colaboradores (2014) observaram que, além da influência de variáveis sociodemográficas, hábitos dietéticos e comportamentos relacionados à higiene dental das crianças, o conhecimento geral de saúde bucal dos cuidadores também apresentou associação significativa com a cárie dentária.

Considerando-se que a criança institucionalizada cresce afastada da vida familiar, poderá apresentar dificuldades para reproduzir hábitos rotineiros, haja vista que os cuidadores precisam dividir sua atenção e empenho entre várias crianças (HUTZ e SILVA, 2002). Pesquisas acerca da visão desses profissionais quanto aos limites e oportunidades colocados em seu ambiente de trabalho revelam a necessidade de se conhecer seu perfil, bem como suas condições de trabalho e o que pensam acerca da saúde e do desenvolvimento das crianças que estão sob seus cuidados. Esses dados podem fornecer importantes subsídios para a implantação de políticas públicas voltadas a esse público (VERÍSSIMO e FONSECA, 2003; MAGALHÃES et al. 2011).

Diante do exposto, e considerando-se o influente papel do cuidador sobre a incorporação de hábitos saudáveis nas crianças sob seus cuidados, em especial aqueles relativos à manutenção da saúde oral, realizou-se este estudo, cujo objetivo é descrever o conhecimento de cuidadores de crianças institucionalizadas acerca da saúde bucal. A pesquisa foi conduzida no âmbito da ação de extensão intitulada “Núcleo de Pesquisa e Extensão em Clínicas – NUPEC”, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará, tendo como pesquisadores alunos de graduação em Odontologia, coordenados por uma professora do curso.

2. Materiais e métodos

Trata-se de estudo descritivo, observacional, transversal, de natureza quantitativa, cuja população de estudo foram cuidadores de crianças de instituições de acolhimento infantil cadastradas no município de Fortaleza, Ceará. A princípio, foram selecionadas sete instituições nas quais o projeto de extensão NUPEC costuma

atuar, por meio de atividades de promoção e educação em saúde, e que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: estar cadastrada na Secretaria de Desenvolvimento Social do município e acolher crianças de 0 a 12 anos. Desse modo, as seguintes instituições foram selecionadas, por conveniência, e deram a anuência formal para que a pesquisa se realizasse em suas dependências: Casa de Apoio Sol Nascente, Casa do Menor São Miguel Arcanjo, Abrigo Santa Gianna, Lar Santa Mônica, Casa de Jeremias, Lar Batista e Missão Vida em Foco.

Em cada instituição foram convidados a participar da pesquisa todos os seus cuidadores, e, após o seu aceite, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estabeleceu-se a amostra não probabilística, obtida por conveniência, composta por 40 profissionais, tendo sido critério de inclusão: atuar diretamente nos cuidados com as crianças, incluindo aqueles relacionados à higiene oral. Não houve recusas por parte dos cuidadores.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um questionário estruturado, aplicado por uma estudante de Odontologia, devidamente treinada por uma cirurgiã-dentista, docente do curso de Odontologia da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE), da Universidade Federal do Ceará (UFC). O questionário possibilitou definir o perfil sociodemográfico dos cuidadores e descrever seu conhecimento acerca de tópicos relativos à saúde bucal, tais como: o que ocasiona a cárie, definição de placa bacteriana, uso de fluoretos, higiene oral (frequência de escovação, quantidade de dentifício, uso do fio dental etc.), se recebeu orientação prévia sobre saúde bucal, dentre outros. A pesquisa ocorreu durante o mês de janeiro de 2019.

Vale salientar que, para melhor adequação do conteúdo e validação do questionário, este foi submetido a um pré-teste, que foi aplicado a cuidadores de crianças de outras instituições (creches), que não participaram da pesquisa. A elaboração do formulário teve como base a literatura acerca do conhecimento de pais e/ou responsáveis pelas crianças sobre saúde bucal, tendo sido adaptado para o presente estudo (MASSONI et al. 2010; SANTOS et al.

2011; MARTINS e JETELINA, 2016; GISLON et al. 2017).

Os dados coletados foram tabulados no Microsoft Excel, exportados para o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 17.0 para Windows, e, posteriormente, foram submetidos à análise estatística descritiva, sendo as variáveis descritas por meio de suas frequências absolutas e percentuais.

Seguindo a Resolução CNS N° 466, de 12 de dezembro de 2012, que rege as pesquisas com seres humanos, submeteu-se o estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, tendo sido aprovado sob o parecer N° 3.066.369.

3. Resultados e discussões

Conforme pode se ver na Tabela 1, os 40 cuidadores de crianças institucionalizadas que participaram da pesquisa, eram, na maioria, do sexo feminino (90,0%), corroborando os achados de Nagarajappa e colaboradores (2013) e de Patrocínio e Bortolin (2014), onde, respectivamente, 62,4% e 82% dos participantes eram mulheres.

Em relação à idade, a maior parte dos cuidadores (64,1%) tinham de 21 a 40 anos de idade, sendo de 31 a 40 anos a faixa etária mais prevalente, conforme a Tabela 1. Esses resultados corroboram aqueles apontados por Baskaradoss e colaboradores (2019), onde a faixa etária de maior prevalência dos cuidadores foi de 30 a 45 anos.

Essa “feminização” das atividades profissionais de cuidado infantil está de acordo com os resultados de Silveira e colaboradores (2019), que analisaram o cuidado de crianças com desenvolvimento atípico, com os de Veríssimo e Fonseca (2003), que conduziram estudos em ambiente educacional. A realidade histórica apresentada por esses autores mostra a presença secular de um contingente expressivo de mulheres encarregadas do cuidado e da educação de crianças em tenra idade, muitas delas em situação de acolhimento institucional (CAVALCANTE e CORREA, 2012).

No que se refere à escolaridade, mais da metade dos respondentes tinha cursado o Ensino Médio completo ou incompleto

(52,5%), havendo também uma parcela de analfabetos (7,5%) entre os cuidadores. Chamou atenção o fato de alguns deles terem concluído o Ensino Superior (7,5%) e cursado pós-graduação (2,5%). A maioria dos sujeitos (74,5%) declarou possuir renda familiar de até dois salários-mínimos mensais (Tabela 1). Na pesquisa conduzida por Bispo e colaboradores (2015), a maior parte dos profissionais (58,2%) possuía Ensino Médio completo, o que representa mais que o dobro de sujeitos do presente estudo nesse nível de escolaridade.

Tem-se observado a influência da renda familiar e do nível educacional, entre outros fatores, sobre os conhecimentos, atitudes e práticas de saúde bucal de cuidadores infantis. Por falta de maturidade, as crianças, especialmente na primeira infância, não conseguem assimilar as orientações sobre higiene bucal advindas diretamente do cirurgião-dentista, tendo os cuidadores importante papel na promoção da saúde bucal dessa clientela (ADAMS et al., 2012; GONZÁLEZ et al., 2013; BASKARADOSS et al., 2019).

Uma parcela de 65% dos respondentes exercia a função de cuidador no abrigo há, no máximo, dois anos, conforme a Tabela 1. Segundo Cavalcante e Corrêa (2012), a criança institucionalizada em abrigos, por se

encontrar longe da família, necessita de atenção e apoio físico e emocional, buscando construir relações com as pessoas que estão mais próximas de si.

Quando questionados sobre seus conhecimentos sobre saúde bucal, a maioria dos cuidadores (70%) considerou bom o seu nível de conhecimento sobre o assunto. De maneira positiva, pôde-se verificar, por meio das respostas ao questionário, que 79,5% dos sujeitos da pesquisa relataram ter recebido alguma orientação prévia sobre saúde bucal (Tabela 1).

A definição de placa bacteriana como uma “massa amarelada nos dentes” foi a resposta de 25% dos participantes (Tabela 2), percentual inferior aos 38,2% apontados por Bispo e colaboradores (2015), em estudo semelhante. Ainda com relação à placa bacteriana, 15,0% dos participantes afirmaram que esta consiste em restos de alimentos e 25,0% não responderam ou não souberam informar. Segundo 37,5% dos cuidadores, a placa pode ser removida por meio de bochechos (Tabela 2), e, embora 75% dos cuidadores terem qualificado seu nível de conhecimento em saúde bucal como bom/ótimo (Tabela 1), somente 5,0% responderam acertadamente que a placa bacteriana pode ser removida com escova e fio dental.

Tabela 1- Perfil sociodemográfico de cuidadores de crianças institucionalizadas em abrigos. Fortaleza (CE), 2019.

	N	%
Idade (n=39)		
21 a 30 anos	11	28,2
31 a 40 anos	14	35,9
41 a 50 anos	09	23,1
51 a 60 anos	05	12,8
Sexo (n=40)		
Masculino	04	10,0
Feminino	36	90,0
Estado Civil (n=39)		
Solteiro	12	30,8
Casado	21	53,8
Divorciado	02	5,1
Víuvo	01	2,6
União Estável	02	5,1
Separado	01	2,6
Escolaridade (n=40)		
Analfabeto	03	7,5
EF incompleto	07	17,5

EF completo	02	5,0
EM incompleto	10	25,0
EM completo	11	27,5
ES incompleto	03	7,5
ES completo	03	7,5
Pós-Graduação	01	2,5
Tempo na Instituição (n=40)		
0 a 2 anos	26	65,0
3 a 5 anos	07	17,5
6 a 8 anos	03	7,5
9 a 10 anos	03	7,5
Mais de 10 anos	01	2,5
Renda Familiar (n=36)		
Menor ou igual a 1 SM	17	47,2
1 a 2 SM	12	33,4
3 a 4 SM	07	19,4
Recebeu alguma orientação sobre saúde bucal(N=39)		
Sim	31	79,5
Não	08	20,5
Nível de conhecimento em saúde bucal (N=40) (autoavaliação)		
Ótimo	02	5,0
Bom	28	70,0
Regular	08	20,0
Insuficiente	02	5,0
Total	40	100

EF= Ensino Fundamental EM= Ensino Médio ES= Ensino Superior SM= salário-mínimo
 Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 2- Conhecimento de cuidadores de crianças institucionalizadas em abrigos sobre placa bacteriana. Fortaleza (CE), 2019.

	N	%
O que é a placa bacteriana (N=40)		
Restos de alimentos	06	15,0
Massa amarelada nos dentes	10	25,0
Grupo de bactérias	09	22,5
Grupo de bactérias e massa amarela	05	12,5
Não sabe informar/Não respondeu	10	25,0
Como pode ser removida a placa bacteriana (N=40)		
Pelo dentista no consultório	18	45,0
Com bochechos com soluções	15	37,5
Escova e fio dental	02	5,0
Não sabe informar/Não respondeu	05	12,5
Total	40	100

Fonte - elaborada pelos autores.

Sabe-se que a remoção da placa é feita de maneira mecânica, por meio da escovação e do uso do fio dental (DEMARI et al., 2016), entretanto, no presente estudo, apenas 30,0% dos cuidadores responderam

que o fio dental deve ser usado regularmente nas crianças (Tabela 3).

Ao serem indagados sobre os fatores relacionados às causas da cárie dentária, os respondentes tiveram a possibilidade de escolher mais de uma opção (Tabela 3). Açúcar (80,0%), falta de higiene (77,5%) e bactérias (37,5%) foram as mais assinaladas, o que denota razoável conhecimento dos cuidadores. Quando se indagou sobre o que poderia favorecer o surgimento da cárie, 52,5% dos entrevistados afirmaram ser a má escovação associada ao açúcar em excesso. De fato, o controle deficiente do biofilme dental associado a uma dieta rica em açúcares, ocasiona o aumento da prevalência de cárie na população infantil brasileira (GOLDENFUM et al. 2019).

Ainda com relação à cárie dentária, cerca de 25% dos cuidadores acreditavam no envolvimento de fungos ou de vírus na sua etiologia (Tabela 3). Contrariamente aos achados do presente estudo, Garcia e colaboradores (2010), apontam que apenas 9% dos respondentes mencionaram a importância do binômio “dieta rica em açúcar e má higiene oral” para o surgimento da cárie. Entretanto, na pesquisa de Bispo e colaboradores (2015), 85,5% dos participantes citaram o açúcar como o principal alimento relacionado à lesão cariada, e somente 40% associaram o surgimento da cárie à escovação não adequada. Contribuindo com este debate, Medeiros e colaboradores (2015) demonstraram que crianças que tiveram introdução precoce da sacarose, aos seis meses de vida, tiveram mais cáries aos três anos de idade, motivo pelo qual se deve retardar o contato da criança com alimentos doces, pelo menos até os dois anos.

A respeito do flúor, constatou-se que a maioria dos cuidadores (57,5%) respondeu corretamente sobre o papel dos fluoretos de tornar os dentes mais resistentes à cárie. Da mesma forma, 72,5% deles também responderam positivamente, ao serem indagados sobre o uso do dentifrício fluoretado na escovação das crianças (Tabela 3). Existe comprovação científica de que não há sentido na recomendação de dentifrícios não fluoretados ou de baixa concentração para crianças de pouca idade, pois isso as impede de receber o comprovado benefício dos fluoretos na prevenção de cárie (Chedid

et al., 2013). A recomendação é que o dentifrício fluoretado seja empregado em todas as faixas etárias, a partir do primeiro dente decíduo (CURY e TENUTA, 2013). Dessa forma, considera-se fundamental avaliar se essa recomendação está sendo colocada em prática, especialmente considerando crianças institucionalizadas em abrigos.

Em um estudo conduzido por Jagher e colaboradores (2016), quase a totalidade das crianças participantes utilizavam dentifrício fluoretado de forma adequada, com a concentração mínima de 1.100 ppm de flúor. Entretanto, apenas 31,8% dos pais/responsáveis relataram ter introduzido o dentifrício fluoretado antes de um ano de idade (fase em que ocorre a erupção dos primeiros dentes decíduos).

Com base na melhor evidência científica disponível sobre estratégias para o controle de cárie, recomenda-se que um dentifrício fluoretado tenha, no mínimo, 1.100 ppm de flúor, e seja utilizado pelo menos duas vezes ao dia, como coadjuvante da limpeza dos dentes de todas as crianças, principalmente direcionada aos dentes com alto risco de cárie, tais como os primeiros molares decíduos e permanentes em erupção (CURY e TENUTA, 2013). Desmistifica-se, pois, a crença de que crianças não devem usar creme dental fluoretado, devido ao risco de fluorose (BISPO et al., 2015). É indispensável, entretanto, a supervisão da escovação por um responsável, e a quantidade a ser usada deve ser pequena, sendo um esfregaço, para crianças abaixo de 3 anos, e do tamanho de uma ervilha, para crianças entre 3 e 6 anos de idade (AAPD, 2014; OLIVEIRA; SANTOS; NADANOVSKY, 2012).

No intuito de modificar o padrão de comportamento de crianças pertencentes a famílias de baixa renda e melhorar o conhecimento de saúde bucal de cuidadores, Menegaz e colaboradores (2020) realizaram um estudo controlado e randomizado, baseado em intervenções pautadas na promoção de saúde. Os autores demonstraram efeitos positivos dessas intervenções, tanto sobre o comportamento das crianças, quanto sobre o conhecimento dos cuidadores, representando, segundo os pesquisadores, o passo inicial para a prevenção de doenças bucais, como a cárie.

Tais resultados respaldam a necessidade de se implementarem medidas educativas junto aos cuidadores de crianças, haja vista a existência de lacunas de conhecimentos sobre saúde bucal.

Com relação ao momento para se iniciar a limpeza da boca da criança, cerca de 75% responderam ser após a erupção do primeiro dente (Tabela 4). Existe a crença de que é desnecessário higienizar a boca do bebê antes da erupção dentária, entretanto, a higiene oral da criança deve ser iniciada a partir dos primeiros dias de vida, com a finalidade de remover o leite estagnado no interior da boca e nas comissuras labiais, além de massagear a gengiva etc. (BRASIL, 2012 b). A ausência da alternativa (“antes da erupção dentária”), como uma das opções de resposta a esta pergunta, no questionário empregado na presente pesquisa, consistiu numa falha, já que este seria o momento adequado de se iniciar a higiene oral, o que

impediu uma análise mais acurada desta questão. Por outro lado, o fato de a maioria ter apontado a necessidade de iniciar a higiene oral logo após a erupção do primeiro dente, é indicativo do conhecimento sobre a importância da limpeza dos dentes do bebê.

Ao serem questionados sobre a quantidade ideal de dentífrico a ser colocada na escova dental (crianças até cinco anos), 7,5% dos cuidadores afirmaram, erroneamente, que deveria cobrir todas as cerdas da escova, e igual percentual afirmou a necessidade de fazer bastante espuma. Do mesmo modo, quando indagados acerca do fator mais importante para uma boa escovação, 32,5% mencionaram, de modo equivocado, a colocação de dentífrico cobrindo todas as cerdas (Tabela 4). Fica evidente, pois, a falta de conhecimento dos cuidadores sobre aspectos básicos relativos à higiene oral das crianças.

Tabela 3 – Conhecimento dos cuidadores de crianças institucionalizadas em abrigos sobre cárie e métodos preventivos. Fortaleza (CE), 2019.

	N	%
O que você acha que causa a cárie* (n=40)	04	10,0
Vírus	15	37,5
Bactéria	06	15,0
Fungo	32	80,0
Açúcar	31	77,5
Falta de higiene	03	7,5
Não sabe informar/Não respondeu	10	25,0
O que pode favorecer o surgimento da cárie* (n=40)	07	17,5
Escovação inadequada	21	52,5
Alimentação rica em açúcar	05	12,5
Má escovação e açúcar em excesso	05	12,5
Não soube informa/Não respondeu		
Para que serve o flúor (n=40)		
Clarear os dentes	08	20,0
Fortalecer os dentes e combater a cárie	23	57,5
Tornar hálito agradável	04	10,0
Não sabe informar/não respondeu	05	12,5
Deve-se utilizar pasta fluoretada na escovação das crianças (n=40)		
Sim	29	72,5
Não	06	15,0
Não sabe informar/não respondeu	05	12,5
Deve-se utilizar o fio dental na higiene oral das crianças (n=40)		
Sim (regularmente)	12	30,0
Não	06	15,0

Às vezes	03	7,5
Somente pelas crianças que sabem usar o fio dental	07	17,5
Não soube informar/Não respondeu	12	30,0
	40	100

* O respondente pôde escolher mais de uma opção.

Fonte: elaborada pelos autores.

É fundamental que os cuidadores sejam orientados sobre a quantidade adequada de dentifrício a ser colocada sobre a escova dental, de acordo com a faixa etária da criança. Embora não esteja padronizada a quantidade exata de dentifrício a ser depositada na escova, estudos demonstram que pequenas quantidades (cerca de 0,3 g) são indicadas para crianças menores de 7 anos de idade (CURY e TENUTA, 2013). Quando se reduz a quantidade de dentifrício aplicado na escova, está sendo reduzida a dose de exposição sistêmica ao fluoreto, sem comprometimento do seu efeito preventivo, considerando-se que o dentifrício está sendo utilizado em uma área restrita: a cavidade bucal da criança (CHEDID et al., 2013).

Baseadas em evidências científicas, a American Academy of Pediatric Dentistry (AAPD, 2014) e a American Dental Association (ADA, 2014) recomendam o uso de dentifrícios fluoretados, sob supervisão, em quantidades pequenas, como uma fina camada sobre a escova ou similares, em volume correspondente a um “grão de arroz”, para crianças menores de três anos, e a um “grão de ervilha”, para aquelas de três a seis anos de idade. Dessa forma, se garante o benefício anticariogênico do fluoreto, sem o risco de ocasionar fluorose dentária. Considerando-se os fatores envolvidos no desenvolvimento da cárie e o efeito do flúor no seu controle, não há razão para privar crianças abaixo de cinco anos da utilização do dentifrício fluoretado (TENUTA et al., 2011).

Jagher e colaboradores (2016) observaram que a quantidade de dentifrício colocada na escova das crianças foi superior à recomendada para a faixa etária, sendo um

indicativo de que pais e crianças têm dificuldades de assimilar as orientações oferecidas apenas verbalmente pelos profissionais. Os referidos autores destacam a importância de os cirurgiões-dentistas instruírem seus pacientes e familiares, utilizando também métodos alternativos, tais como ilustrações e demonstrações visuais das quantidades apropriadas de dentifrício para cada faixa etária.

No presente estudo, a escovação duas vezes ao dia foi apontada por 70% dos cuidadores, assim como 42,5% mencionaram que a quantidade de dentifrício para uma criança de cinco anos deveria ser equivalente a um grão de ervilha (Tabela 4), percentual este inferior aos 50,9% encontrados por Bispo e colaboradores (2015).

Estudos demonstram que o conhecimento, as crenças e as atitudes de pais e responsáveis em relação à saúde bucal exercem influência sobre o comportamento saudável das crianças (WINNIER et al. 2015; MARTINS e JETELINA, 2016; SHETTY et al. 2016). Indubitavelmente, tem havido uma ampliação do conhecimento da população acerca da saúde bucal, entretanto, ainda há muito a ser esclarecido com relação a este tema, para que pais e responsáveis possam atuar de modo eficaz na prevenção das doenças bucais.

Cabe salientar que o nível socioeconômico interfere no acesso à informação, como apontado por diversos autores. Sendo assim, é fundamental que haja a oferta de programas de educação em saúde para pais/responsáveis de crianças de diferentes classes sociais (ALMEIDA et al. 2011; CASTILLO et al. 2013; MEDEIROS et al. 2015).

Tabela 4 – Conhecimento dos cuidadores de crianças institucionalizadas em abrigos sobre higiene oral. Fortaleza (CE), 2019.

	N	%
Idade para iniciar a higiene oral (n=40)		
Após erupção do 1º dente	30	75,0

Após erupção de vários dentes	05	12,5
Não sabe informar/não respondeu	05	12,5
Frequência com que os dentes devem ser escovados (n=40)		
Uma vez por dia	01	2,5
Duas vezes por dia	28	70,0
Três vezes por dia	11	27,5
Quantidade de dentifrício na escova para crianças de até 05 anos (n=40)		
Equivalente a um grão de arroz cru	10	25,0
Equivalente a um grão de ervilha	17	42,5
Cobrindo todas as cerdas da escova	03	7,5
Quantidade para bastante espuma	03	7,5
Não soube informar/não respondeu	07	17,5
Como devem ser os movimentos da escova (n=39)		
Horizontais	01	2,6
Verticais	06	15,4
Circulares	09	23,0
Verticais e circulares	06	15,4
Horizontais e circulares	02	5,1
Horizontais, verticais e circulares	15	38,5
O que é mais importante para uma boa escovação (n=40)		
Usar a escova na posição correta e fazer os movimentos corretos	08	20,0
Usar força na hora de escovar	02	5,0
Colocar creme dental cobrindo todas as cerdas	13	32,5
Escova na posição correta, movimentos corretos e quantidade correta de dentifrício	13	32,5
Não sabe informar/Não respondeu	04	10,0
Total	40	100

Fonte - elaborada pelos autores.

O presente estudo possui algumas limitações: o pequeno tamanho da população impede que os resultados sejam generalizados; a concentração do fluoreto utilizado pelas crianças não foi investigada por meio do questionário utilizado. Ademais, a ausência da alternativa: “antes da erupção dentária,” como uma das opções de escolha para se iniciar a higiene oral da criança, consistiu numa falha, impedindo uma análise mais acurada desta questão. Acrescenta-se o fato de que o instrumento de coleta de dados consistiu em um

questionário que, embora tenha sido aplicado pela pesquisadora, está sujeito à interpretação do respondente, portanto, sujeito a viés de memória.

4. Conclusão

Considerando-se os dados apresentados nesta pesquisa, foi possível constatar a existência de lacunas de conhecimento sobre saúde bucal entre os cuidadores de crianças institucionalizadas, especialmente no que diz respeito a aspectos relativos à higiene oral. Em contrapartida, os profissionais demonstraram conhecimento razoável sobre a etiologia da cárie dentária.

Os cuidadores possuem papel essencial na formação das crianças, podendo influenciá-las positivamente quanto à manutenção de hábitos saudáveis, especialmente aqueles relacionados à saúde bucal. Acredita-se, pois, na necessidade de se implementarem programas educativos eficazes direcionados a esses atores, no intuito de suprir tais lacunas e potencializar o papel do cuidador de influenciar positivamente a saúde das crianças.

REFERÊNCIAS

- (1) ADAMS, S.H.; ROWE, C.R.; GANSKY, S.A.; CHENG, N.F.; BARKER, J.C.; HYDE, S. Caregiver acceptability and preferences for preventive dental treatments for young African-American children. *J Public Health Dent*, v. 72, n. 3, p. 252-60, 2012.
- (2) ALMEIDA AL, BARBOSA AMF, MENEZES VA, GRANVILLE-GARCIA AF. Experiência de cárie entre mães e filhos: influência de fatores socioeconômicos e comportamentais. *Odontol. Clín. Cient*, v. 10, n. 4, p. 373-9, 2011.
- (3) AMINABADI, N.A.; GHOREISHIZADEH. A.; GHOREISHIZADEH. M.; OSKOU EI, S.G.; GHOUZADEH, M. Can child temperament be related to early childhood caries? *Caries Res*, V. 48, p. 3-12, 2014.
- (4) ANTUNES, L.S.; ANTUNES, L.A.A.; CORVINO, M.P.F. Percepção de pré-escolares sobre saúde bucal. *Rev Odontol USP*, v. 21, n. 1, p. 52-9, 2008.
- (5) BASKARADOSS, J.K.; AITHUNAVAN, M.F.; ALESSA, J.A.; ALOBAIDY, S.S.; ALWAKEEL, R.S.; ALSHUBAIKI, A.H.; ALHUDAVRIS, R.S.; ALMOTLAG, S.K.; GEEYARGHESE, A. Relationship Between Caregivers' Oral health Literacy and their Child's caries Experience. *Community Dent Health*, v. 36, n. 2, p. 111-17, 2019.
- (6) BISPO, J.R.; VALENTE, A.G.L.R.; ANDRADE; L.H.R.; TANNURE, P.N. Conhecimento dos educadores do abrigo Tereza de Jesus sobre saúde bucal infantil. *Rev. Odontol. Univ. Cid. São Paulo*, v. 27, n. 3, p. 201-9, 2015.
- (7) BOEIRA, G.F.; CORREA, M.B.; PERES, K.G.; PERES, M.A.; SANTOS, I.S.; MATIJASEVICH, A. et al. Caries is the Main Cause for Dental Pain in Childhood: findings from a birth cohort. *Caries Res*, V. 46, N. 5, P. 488-95, 2012.
- (8) BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. *Cadernos de Atenção Básica*, nº 33. Brasília, DF, 2012.
- (9) BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. SB Brasil 2010: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

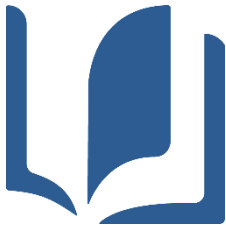
- (10) BROFFITT, B.; LEVY, S.M.; WARREN, J.; CAVANAUGH, J.E. Factors associated with surface-level caries incidence in children aged 9 to 13: the Iowa Fluoride Study. *J. Public. Health Dent. V.* 73, n. 4, p. 304-10, 2013.
- (11) CARVALHO, T.H.L.; PINHEIRO, N.M.S.; SANTOS, J.M.A.; COSTA, L.E.D.; QUEIROZ, F.S.; NÓBREGA, C.B.C. Estratégias de promoção de saúde para crianças em idade pré-escolar do município de Patos-PB. *Rev Odontol Unesp*, v. 42, n. 6, p. 426-31, 2013.
- (12) CASTILLO, A.R.; MIALHE, F.L.; BARBOSA, T.S.; PUPPIN-RONTANI, R.M. Influence of family environment on children's oral health: a systematic review. *J Pediatr*, v. 89, n. 2, p. 116-23, 2013.
- (13) CAVALCANTE, L.I.C.; CORRÊA, L.S. Perfil e Trajetória de Educadores em Instituição de Acolhimento Infantil. *Cad Pesqui*, v. 42, n. 146, p. 494-517, 2012
- CHEDID, S.J.; TENUTA, M.; CURY, J.A. O Uso de Fluoretos em Odontopediatria
- COLAK, H.; DÜLGERGIL, C.T.; DALLI, M.; HAMIDI, M.M. Early childhood caries update: A review of causes, diagnoses, and treatments. *J Nat Sci Biol Med*, v. 4, n. 1, p. 29-38, 2013.
- (14) CURY, J.A.; TENUTA, L.M.A. Evidence-based Recommendation on Toothpaste Use. *Braz Oral Res*, v. 12, n. 17, p. 1-7, 2013.
- (15) DEMARI, S; MARQUES, C; OLIVEIRA, R. S., PEREIRA, J. T; WERLE, S. Avaliação do conhecimento sobre higiene bucal dos responsáveis por crianças de 0-6 anos de idade. *Rev Fac Odontol Lins*, v. 26, n. 1, p. 11-18, 2016.
- (16) GARCIA, P.P.NS.; SANTOS, P.A.; CASTRO, C.F.; OLIVEIRA, A.L.B.M.; DOTTA, E.A.V. Conhecimento de cárie dental e doença periodontal de professores do ensino fundamental segundo o tipo de instituição (pública ou privada). *Odonto*, v. 18, n. 36, p. 155-63, 2010.
- (17) GISLON, L.c.; BOTTAN, E.R.; STAIMBACH, C.O.; RAFAELI, C. Conhecimento de mães sobre saúde bucal na infância. *Journal of Oral Investigations*, v. 6, n. 2, P. 1-6, 2017.
- (18) GOLDENFUM, G.M.; SILVA, N.C.; ALMEIDA, I.A.; MOURA, M.S.; SILVA, B, B.; JARDIM, J.J.; RODRIGUES, J.A. Risk indicators of caries lesion activity in children. *Eur J Paediatr Dent*. v. 20, n. 3, p.179-82, 2019.
- (19) GONZÁLEZ, M.F.; HERNÁNDEZ, S.L.; CORREA, M.K. Representaciones sociales sobre higiene bucal en madres y cuidadores de hogares infantiles. *Rev Cub Salud Publica*, v. 39, n. 1, p. 59-68, 2013.
- (20) HUTZ, C.S.; SILVA, D.F. Avaliação psicológica de crianças em situação de risco. *Aval Psicol.* v. 1, p. 73-79, 2002. JAGHER, A.C.; RIPPLINGER, T.; PINTO, G.S.; MAGALHÃES, COLINO, C.M.; COSTA, L. N.; CAVALCANTE, L. I.C. Percepção de educadores de abrigo: o seu trabalho e a criança institucionalizada. *Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Hum*, v. 21, n. 3, p. 818-31, 2011.
- (21) MARIN, K.K.; LEITE, I.C.G. Prevalência de cárie dentária em escolares de 05 e 06 anos de idade atendidos pelo programa saúde da família em uma cidade de porte populacional médio de Minas Gerais – Brasil. *Rev APS*, v. 14, n. 2, p. 170-76, 2011.
- (22) MASSONI, A. C. L. T.; PAULO, S. F.; FORTE, F. D. S.; FREITAS, C. H. S. M.; SAMPAIO, F. C. Saúde Bucal Infantil: Conhecimento e Interesse de Pais e Responsáveis. *Pesq Bras Odontoped Clin Integr*, v. 10, n. 2, p. 257-64, 2010.

- (23) MEDEIROS, P.B.; OTERO, S.A.; FRENCKEN, J.E.; BRONKHORST, E.M.; LEA, S.C. Effectiveness of an oral health program for mothers and their infants. *Int J Paediatr Dent*. V. 25, N. 1, P. 29-34, 2015.
- (24) MENEGAZ, A.M.; QUEVEDO, L.A.; MUNIZ, L.C.; FINLAYSON, T.L.; AYALA, G.X.; CASCAES, A.M. Changes in Young Children's Oral Health-Related Behaviours and Caregiver Knowledge: a cluster randomized controlled trial in Brazil. *Community Dent Oral Epidemiol*, v. 48, p. 81-77, 2020.
- MILLS, L.W.; MOSES, D.T. Oral health during pregnancy. *Am J Matern Child Nurs*, v. 27, n. 5, p. 275-80, 2002.
- (25) MOREIRA, J.C.; GALLINARI, M.O.; PELLIZZER, E.P.; MENDONÇA, M.R.; OKAMOTO, R. Resina infiltrativa para tratamento de lesão de mancha branca: revisão de literatura. *Rev Odontol Araçatuba*, v. 36, n. 1, p. 30-5, 2015.
- (26) NAGARAJAPPA, R.; KAKATKAR, G.; SHARDA, A. J.; ASAWA, K.; RAMESH, G.; SANDESH, N. Infant oral health: knowledge, attitude and practices of parents in Udaipur, India. *Dent Res J (Isfahan)*. V. 10, n. 5, p. 659-665, 2013.
- (27) OLIVEIRA, B.H.; SANTOS, A.P.P.; NADANOVSKY, P. Uso de dentifrícios fluoretados por pré-escolares: o que os pediatras precisam saber? *Resid. Pediat.*, v. 2, n. 2, p. 12-9, 2012.
- (28) PAREDES, S.O.; GALVÃO, R.N.; FONSECA, F.R.A. Influência da saúde bucal sobre a qualidade de vida de crianças pré-escolares. *RBSP*, v. 38, n. 1, p. 125-139, 2014.
- (29) PATROCÍNIO, M.C.; BORTOLIN, G.C. Avaliação do conhecimento dos pais em relação à saúde bucal de crianças institucionalizadas. *Clipe Odonto*, v; 6, n. 1, p. 18-27, 2014.
- (30) SANTOS, Y.M.; RAMOS-JORGE, M.L.; PAIVA, S.M.; FERREIRA, M.C. Avaliação do conhecimento e práticas dos pais quanto à saúde bucal dos filhos de 3 a 9 anos de idade: um estudo piloto. *Arq Odontol* v. 47, n. 4, p. 219-229, 2011.
- (31) SHETTY, R.M.; DEOGHARE, A. RATH, S.; SARDA, R.; TAMRAKAR, A. Influence of mother's oral health care knowledge on oral health status of their preschool child. *Saudi J Oral Sci*, v. 3, n. 1, p.12-6, 2016.
- (32) SILVEIRA, M.S.; FARIAS, Y.B.; SOUZA, R.D.C. Uma Análise Generificada de Cuidadoras de Crianças com Desenvolvimento Atípico. *PSI UNISC*, V. 3, N. 2, P. 101-14, 2019.
- (33) SOARES, J.; VOLPATO, L.E.R.; CASTRO, P.H.C.; LAMBERT, N.A.; BORGES, A.H.; CARVALHOSA, A.A. Assessment of oral health knowledge of parents and caregivers of children and teens with disabilities. *J Health Sci Inst*, v. 31, n. 3, p. 239-43, 2013.
- (34) TENUTA, L.M.; CHEDID, S.J.; CURY, J.A. Uso de fluoretos em odontopediatria: mitos e evidências. In: Maia LC, Primo, L. G. *Odontopediatria clínica integral*. São Paulo: Ed. Santos; 2011.
- (35) VEN NCIO, D.R.; GIBILINI, C.; BATISTA, M.J.; GONÇALO, C.S.; SOUSA, M.L.R. Promoção da saúde bucal: desenvolvendo material lúdico para crianças na faixa etária pré-escolar. *J Health Sci Inst*, v. 29, n. 3, p. 153-6, 2011.
- (36) VERÍSSIMO, M.O.R.; FONSECA, R.M.G.S. O cuidado da criança segundo trabalhadores de creches. *Rev Latino-Am Enfermagem*, v. 11, n. 1, p. 28-35, 2003.

BARBOZA, M. L.; SILVEIRA, P. D.; SARAIVA, A. C. da S.; BEZERRA, F. S. A.; PASSOS, V. F.; FERREIRA, R. L. G. A.

WIGEN, T.I.; WANG, N.J. Parental influences on dental caries development in preschool children. An overview with emphasis on recent Norwegian research. *Nor. Epidemiol.*, V. 22, N. 1, P. 13-9, 2012.

(37) WULAERHAN, J.; ABUDUREYIMU, A.; BAO, X.L.; ZHAO, J. Risk determinants associated with early childhood caries in Uygur children: a preschool-based cross-sectional study. *BMC Oral Health*, v. 14, n. 136, p. 1-8, 2014.



CURSO DE EXTENSÃO EM TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA: ANÁLISE DO PERFIL DISCENTE

EXTENSION COURSE IN COMPUTED TOMOGRAPHY: ANALYSIS OF THE STUDENT PROFILE

SILVA, C. da

<https://orcid.org/0000-0003-0761-4358>
Instituto Federal de Santa Catarina

EJIDIKE, A. B.

<https://orcid.org/0000-0001-7920-2155>
Instituto Federal de Santa Catarina

ALVES, M. L. de S.

<https://orcid.org/0000-0002-0764-3047>
Instituto Federal de Santa Catarina

MÜLLER, J. S.

<https://orcid.org/0000-0002-8593-304X>
Instituto Federal de Santa Catarina

SOUZA, D. C. B. de

<https://orcid.org/0000-0001-6511-8024>
Instituto Federal de Santa Catarina

RESUMO

Os cursos de extensão são instrumentos que garantem a formação em saúde. Na prática laboral dos profissionais das técnicas radiológicas é obrigatória a educação permanente. Logo, surge a demanda da oferta de cursos específicos desta área. Considerando a necessidade de mapear os profissionais que buscam esta capacitação correlacionando com seu eixo formativo, emergiu este estudo com objetivo de caracterizar o perfil dos discentes (eixo formação acadêmica e atuação profissional) do curso de extensão no formato on-line com carga horária de 40 horas, denominado “Exposições Médicas em Tomografia Computadorizada” ofertado pelo Curso Superior de Tecnologia em Radiologia de uma Instituição Federal. Pesquisa quantitativa do tipo seccional de natureza exploratória descritiva. A amostra foi de 61 discentes (profissionais das técnicas radiológicas). Observou-se predominância do sexo feminino, representado 52,45% dos participantes. A região que apresentou o maior número de participantes foi a sudeste com cerca de 40,89%, seguida da região sul com aproximadamente 31,14%. Dos profissionais técnicos e tecnólogos, houve uma aderência maior dos tecnólogos em radiologia representando 63% e 11% apresentaram ambas formações. Da amostra, 80,32% realizaram a formação em instituições privadas, onde 60,65% realizaram estágio extracurricular com destaque ao setor do radiodiagnóstico representando 42,62% dos participantes, sendo que a maioria (80,42%) não realizou estágio extracurricular em tomografia computadorizada. Na atuação profissional, cerca de 50,81% da amostra atuam na área do radiodiagnóstico, destes 44,26% atuam no setor de tomografia computadorizada. Os participantes da capacitação foram, em sua maioria, tecnólogos em radiologia,

evidenciando a necessidade de cursos de formação continuada a esta categoria.

PALAVRAS-CHAVE: relações comunidade-instituição; área de atuação profissional; formação acadêmica; educação em saúde; radiologia.

ABSTRACT

The extension courses are instruments that guarantee health training. In the working practice of radiological technician professionals, continuing education is mandatory. Therefore, the demand for specific courses in this area arises. Considering the need to map the professionals who seek this training, correlating it to their training axis, this study has emerged with the objective of characterizing the profile of the students (academic background and professional activity) of the extension course in online format, 40 hours long, called "Medical Exposures in Computed Tomography", offered by the Superior Course of Technology in Radiology of a Federal Institution. The sample was 61 students (professionals in radiological techniques). A predominance of females was observed, representing 52.45% of the participants. The region that presented the highest number of participants was the southeast with approximately 40.89%, followed by the south region with approximately 31.14%. Of the technical and technologist professionals, there was a greater adherence of radiology technologists, representing 63%, and 11% had both educations. Of the sample, 80.32% were trained in private institutions, where 60.65% did extracurricular internships, with emphasis on the radiodiagnostic sector, representing 42.62% of the participants, and the majority (80.42%) did not do extracurricular internships in computed tomography. About 50.81% of the sample work in the field of diagnostic radiology, of which 44.26% work in the CT sector. The training participants were, in their majority, radiology technologists, highlighting the need for continued education courses for this category.

Keywords: professional practice location; teaching; health education; radiology.

1. INTRODUÇÃO

As diretrizes para a efetivação da extensão na educação superior são fornecidas pela Resolução nº 7 do Ministério da Educação [1]. Essa Resolução estabelece os cursos como uma atividade extensionista que pode ser integrada na execução dos projetos políticos pedagógicos. A partir disso, os cursos de extensão ganham espaço como uma ferramenta de ensino que proporciona a formação continuada e a educação permanente tanto de forma presencial como a distância [2].

A educação continuada é conceituada como um processo que extrai da experiência profissional do indivíduo essencialmente seus saberes relacionados à prática, de forma que o conhecimento e a prática sejam executados de maneira concomitante [3]. Ainda na perspectiva das práticas educacionais, temos a educação permanente conceituada como a aprendizagem no trabalho, onde o aprender e o ensinar se somam às práticas laborais [4].

Considerando o cenário pandêmico de COVID-19, os cursos de extensão a distância oferecidos pelas instituições federais de ensino se mostram um instrumento que garante a educação e formação em saúde. A estratégia está de acordo com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), que visa promover a transformação das práticas do trabalho, fundamentados nas demandas dos processos em saúde [5]. Assim como os cursos de extensão direcionados aos profissionais da saúde, a PNEPS objetiva a qualificação e aperfeiçoamento do processo de trabalho em vários níveis do sistema, permitindo a qualidade na prestação da assistência médica.

Ainda nesta perspectiva, o ensino a distância no âmbito da PNEPS é uma estratégia para a capacitação destes profissionais, uma vez que permite oportunidades de qualificação de modo a flexibilizar o tempo disponível e a autonomia do discente no gerenciamento do seu processo educativo [6]. Entre os trabalhadores da área da saúde, encontram-se os profissionais das técnicas radiológicas, subdivididos de acordo com o

nível de formação em técnicos e tecnólogos em radiologia [7].

A profissão de técnico em radiologia é regulamentada pela Lei nº 7.394 de 29 de outubro de 1985 e pelo Decreto nº 92.790 de 17 de junho de 1986 [8,9]. Entretanto, para os tecnólogos não há uma lei específica que regule seu exercício profissional, logo, os mesmos são incluídos na normativa dos técnicos em radiologia. O técnico em radiologia é qualificado para atuar nos serviços de radiodiagnóstico conforme consta no catálogo nacional de Cursos Técnicos [10]. Enquanto que a formação acadêmica do tecnólogo ocorre a partir do Curso Superior de Tecnologia, sendo uma formação de nível superior do tipo tecnológica [11].

O diferencial entre a formação técnica e tecnológica está ligada às diferentes cargas horárias destinadas a disciplinas e estágios curriculares, bem como a área de atuação desses profissionais. Para o curso superior é exigido uma carga horária mínima de 2.400 horas de duração, segundo o Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia [11], o que lhe oferece um leque maior de opções para atuação no mercado de trabalho.

Para ambas formações, seja no nível médio ou superior, a educação permanente e formação continuada exerce papel fundamental no currículo profissional, em diversos aspectos: possibilidade de atuar nas especialidades radiológicas, a garantia de uma assistência em saúde de qualidade, bem como o acompanhamento do constante desenvolvimento tecnológico na área da radiologia, o que torna os cursos de aperfeiçoamento ou de pós-graduação uma frente que permite que o profissional esteja mais preparado para o mercado de trabalho. Por meio desta jornada formativa adquirem-se novos saberes e experiências que contribuem para o exercício de seu trabalho.

Os profissionais das técnicas radiológicas atuam com as tecnologias emissoras de radiação ionizante (RI). Neste contexto, as exposições médicas consistem na exposição de pacientes à radiação ionizante decorrente de modalidades como

radiografias ou tomografias computadorizadas (TC). Essas exposições, apesar de permitidas devido seus benefícios, precisam ser controladas, visto que, quando usadas de forma descontrolada, podem aumentar os riscos aos indivíduos expostos [12].

A maior fonte de exposição médica na atualidade são os exames de tomografia computadorizada. Isso ocorre devido sua valiosa contribuição nos diagnósticos médicos, que tem resultado no aumento expressivo dessa modalidade diagnóstica [13]. Por isso, os órgãos reguladores internacionais na área de proteção radiológica estabelecem que as autoridades reguladoras de cada país devem exigir dos profissionais das técnicas radiológicas formação e especialização adequadas para exercer suas funções e responsabilidades nas exposições médicas [14,15].

Na radiologia, o programa de educação permanente é requisito obrigatório tratado na Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 611 [16], entretanto, apesar de estar bem fundamentada teoricamente, ainda não são uma prática dos serviços os seus pressupostos pedagógicos e metodológicos. Fato que é facilmente observado nos serviços de radiologia e diagnóstico por imagem, pois estes possuem saberes e práticas específicas no seu processo de trabalho e, mesmo sendo setores com características especiais, pouca ênfase é dada a esse conhecimento específico [17].

Considerando a educação permanente como uma ferramenta para garantir a praxis laboral segura dos profissionais das técnicas radiológicas e a necessidade de mapear tais profissionais que buscam este tipo de capacitação correlacionando com seu eixo formativo, emergiu a necessidade da oferta de um curso de extensão específico da área da tomografia computadorizada com ênfase nas exposições médicas. Logo, este estudo tem como objetivo geral: caracterizar o perfil dos discentes de um curso de extensão denominado “Exposições Médicas em Tomografia Computadorizada” ofertado pelo Curso Superior de Tecnologia em Radiologia de uma Instituição Federal de ensino. Entende-se como perfil discente, a formação acadêmica e a atuação profissional dos alunos participantes do referido curso.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa com uma abordagem metodológica quantitativa do tipo seccional de natureza exploratória descritiva. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número de parecer 4.804.197.

Adotou-se como critério de seleção dos participantes, a amostragem não probabilística denominada por conveniência, na qual todos 749 profissionais das técnicas radiológicas, técnicos e tecnólogos, inscritos no curso de extensão “Exposições Médicas em Tomografia Computadorizada” foram convidados por meio de formulário eletrônico a participar do estudo. Desses, 61 inscritos no curso aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídos da amostra os participantes do curso que responderam o campo de formação com os seguintes itens: cursando radiologia, superior incompleto, superior, pós-graduação, bacharel em enfermagem, biomedicina, bacharel em física médica e nível médio. Este critério foi adotado, uma vez que o foco da pesquisa são os profissionais das técnicas radiológicas formados.

A pesquisa foi desenvolvida por via eletrônica e on-line, por meio da ferramenta Google Forms. Inicialmente todos os dados foram organizados e categorizados com auxílio do software Excel. No segundo momento foi utilizado o programa estatístico R para tabulação dos dados e para apresentação dos resultados a partir de uma abordagem da estatística descritiva.

3. RESULTADOS

A amostra da pesquisa compreendeu 61 (sessenta e um) profissionais das técnicas radiológicas, dentre os quais 52,45% eram mulheres, evidenciando a predominância do sexo feminino entre os discentes. Na análise de idade, a média entre os participantes do sexo feminino foi de 35,19 anos e do sexo masculino 36,45 anos, percebeu-se uma proximidade entre o desvio padrão (DP) em ambos os sexos. As regiões Sul e Sudeste, conforme apresentado na Tabela 1, concentram o número maior de participantes sendo 25 no total.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra

Variáveis Contínuas	Média	Desvio padrão (DP)
Idade	(em anos)	
Homens	36,45	8,99
Mulheres	35,19	9,11
Variáveis Categóricas		
Sexo	N	% (relativa)
Feminino	32	52,45
Masculino	29	47,54
Região de residência		
Centro		4.91
Oeste	3	
Nordeste	12	19.67
Norte	2	3.27
Sudeste	25	40.98
Sul	19	31.14
Total	61	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os resultados encontrados demonstraram a presença de profissionais de todas as regiões do país. Sendo que o maior número de participantes foi da região Sudeste com 40,98% (25), seguidos da região Sul 31,14% (19), Nordeste 19,67% (12), Centro Oeste 4,91% (3) e Norte 3,27% (2).

No quesito formação profissional, o curso apresentou tanto profissionais de nível técnico quanto de superior, bem como participantes com ambas formações. O curso atendeu 37 profissionais com formação de nível superior (tecnólogo), cerca de 61% da mostra; 17 de profissionais com formação de nível médio (técnico) representando 28% da amostra; 7 profissionais com ambas as formações com 11% da amostra.

As características relacionadas à formação acadêmica e inserção no mercado dos discentes são visualizadas na Tabela 2. Tratando-se da formação acadêmica, afirma-se que a maioria da amostra, 80,32% dos participantes, obteve sua formação acadêmica em instituições privadas. Destes, cerca de 60,65% realizaram estágios extracurriculares, no qual houve maior concentração no Setor do Radiodiagnóstico¹, representando 42,62%. Vale ressaltar que para esta pesquisa, o setor de radiodiagnóstico inclui a área da tomografia computadorizada, escopo do curso de extensão.

Tabela 2 - Formação acadêmica e atuação profissional da amostra

Variáveis Categóricas	n	% (relativa)
Instituição de ensino		
Pública	12	19.67
Privada	4 9	80.32
Estágio extracurricular		
Sim	3 7	60.65
Não	2 4	39.34
Área do estágio extracurricular		
Radiodiagnóstico	2 6	42.62
Alta complexidade	4	6.55
Em ambas as áreas	4	6.55
Outras áreas	1	1.63
Não se aplica	2 6	42.62
Estágio extracurricular na tomografia computadorizada		
Sim	12	19.67
Não	4 9	80.32
Atuação profissional		
Radiodiagnóstico ¹	31	50.81
Alta complexidade ²	2	3.27
Docência e/ou pesquisa ³	2	3.27
Docência e na assistência ⁴	11	18.03
Atua em mais de uma área da assistência ⁵	3	4.81
Outras áreas ⁶	1	1.63
Não se aplica	10	18.18
Atuação profissional na tomografia computadorizada		
Sim	2 7	44.26

Não

3
4

55.73

¹Radiodiagnóstico: raios X, TC, RM, mamografia, densitometria óssea, odontológica, veterinária.

²Alta complexidade: medicina nuclear, radioterapia e radiologia intervencionista.

³Docência e/ou pesquisa: professor, preceptor de estágio.

⁴Docência e na assistência: docência, radiodiagnóstico e/ou alta complexidade.

⁵Atua em mais de uma área na assistência: radiodiagnóstico e alta complexidade.

⁶Outras áreas: Metrologia das Radiações Ionizantes, Hospital área administrativa.

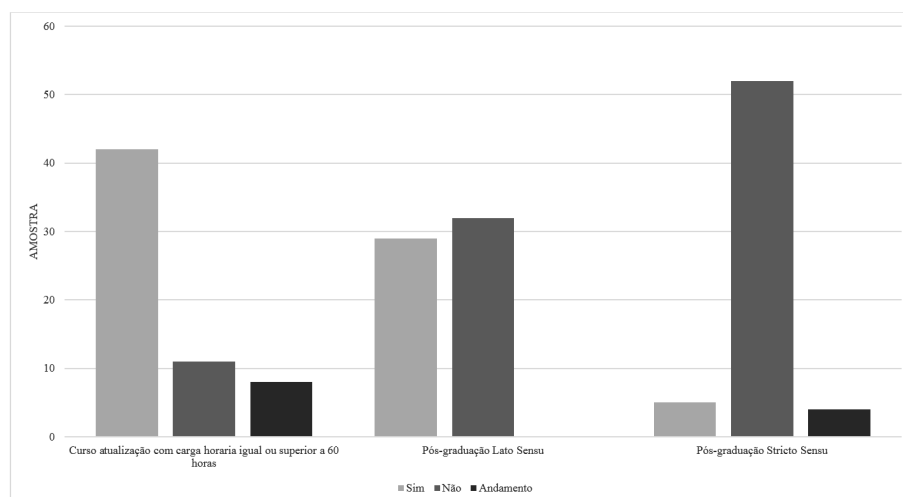
Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Outro achado desta pesquisa refere-se aos participantes do curso de extensão, no qual 42,62% (26) realizaram estágio na área do radiodiagnóstico. Entretanto, apenas 19,67% (12) efetuaram o estágio na área de tomografia computadorizada. Neste contexto, a atuação profissional dos extensionistas revelou que 44,26% atuam no setor de tomografia computadorizada. Logo, o curso de extensão ofertado pode

proporcionar a este público uma capacitação no âmbito de sua prática laboral.

Sobre a verticalização do ensino, a maior parte da amostra possui curso de atualização com carga horária igual ou inferior a 60 horas. Já comparando os programas de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, a maioria dos participantes não possui esta formação, conforme observa-se abaixo na Figura 1.

FIGURA 1



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O curso de extensão “Exposições Médicas em Tomografia Computadorizada” enquadra-se como curso de atualização, a partir dos achados, destaca-se que os participantes do estudo buscam este tipo de aperfeiçoamento profissionais como forma de educação continuada. Destaca-se que esta demanda pode estar relacionada à oferta do curso no formato a distância, bem como a carga horária de 40 horas totais.

4. DISCUSSÕES

O curso obteve um número maior de tecnólogos participantes quando comparado

ao número de técnicos, além disso, destaca-se que 11% apresentam ambas formações. De acordo com os dados do Conselho Nacional Técnicos em Radiologia (CONTER) [18], no quantitativo de profissionais das técnicas radiológicas, o número de pessoas com formação de nível técnico em radiologia é maior do que o número de pessoas com formação em nível superior em quase todos os estados do Brasil, apenas Minas Gerais se destaca com uma população maior de tecnólogos. Os achados da pesquisa apontam uma maior aderência a cursos de capacitação por parte dos profissionais do nível superior em radiologia.

Os profissionais das técnicas radiológicas possuem uma ampla área de atuação, conforme estabelecido pela Resolução nº 02, de 04 de maio de 2012 do CONTER [19], alterada mais tarde pela Resolução nº 10, de 07 de julho de 2015 [20], que institui e normatiza atribuições, competências e funções do profissional tecnólogo em radiologia. A normativa afirma que o profissional de radiologia com formação tecnológica pode atuar em diversas subáreas da radiologia, o fato corrobora com o achado da pesquisa.

Em relação à atuação profissional, o CONTER [19] define as áreas do tecnólogo, sendo as seguintes: radiologia convencional e digital, mamografia, hemodinâmica, tomografia computadorizada, densitometria óssea, ressonância magnética nuclear, medicina nuclear, litotripsia extracorpórea, estações de trabalho (workstation), ultrassonografia, PET (Tomografia por Emissão de Pósitrons), Scan ou PET-CT. Além disso, o profissional pode atuar: na implementação e execução do Programa de Garantia e certificação de qualidade dos serviços de radiologia; na implementação e execução do Serviços de Proteção Radiológica, do Programa de Gerenciamentos de Resíduos em Serviços de radiologia; na supervisão de estágio tanto técnico como tecnólogo e ainda participar de programas de educação sanitária e segurança do trabalho.

O perfil do técnico em radiologia é definido no catálogo nacional de cursos técnicos como: apto a atuar no setor de radiologia convencional e mamografia; podendo também atuar em serviços não destrutivos dentro do setor industrial, medidores nucleares e técnicas analíticas. O referido profissional pode aprimorar-se por meio da educação continuada para setores de tomografia computadorizada, ressonância magnética, densitometria óssea, radiologia forense e radiologia industrial [10]. Neste contexto, o curso “Exposições Médicas em Tomografia Computadorizada” é categorizado como uma forma de educação continuadas para os técnicos em radiologia.

Tendo em vista perfil acadêmico e profissional dos profissionais das técnicas radiológicas, o docente atuante na formação deste indivíduo precisa estar apto não

somente ao domínio teórico, mas também na experiência operacional da área tecnológica. Essa formação procura unir as teorias e experiências de formação continuada e/ou estágios em diferentes áreas de atuação das especialidades da radiologia, com objetivo de complementar as normas específicas expostas pelo Ministério da Educação e, assim, se tornar o profissional apto para o mercado de trabalho [21].

A pesquisa ainda apontou que a maioria dos profissionais das técnicas radiológicas deste estudo atuam em sua área de formação, ou seja, existe uma parcela significativa de profissionais atuantes nas mais diversas possibilidades de áreas específicas da radiologia. Isso reflete diretamente no cenário profissional que o mercado de trabalho oferece, bem como, mostra os setores onde se concentram a maioria destes profissionais sejam eles técnicos, tecnólogos, estudantes ou auxiliares de radiologia [22].

Na perspectiva da verticalização do ensino, o Ministério da Educação define a pós-graduação lato sensu como um curso que compreende uma carga horária mínima de 360 horas com certificação após a conclusão. Já à pós-graduação stricto sensu refere-se aos programas de Mestrado e Doutorado, no qual é emitido um diploma após a conclusão [23]. Quando se trata dos profissionais das técnicas radiológicas, o profissional técnico pode realizar cursos de especialização técnica de nível médio com carga horária mínima de 25% da respectiva habilitação profissional, além de cursos de atualização e de aperfeiçoamento profissional que são realizadas como formação continuada [24], tal como o curso ofertado. Destaca-se que o tecnólogo em Radiologia é um profissional que pode se candidatar a cursos de pós-graduação. A oferta do curso de extensão “Exposições Médicas em Tomografia Computadorizada” para os profissionais da área da radiologia mostrou-se positiva. Já que a capacitação constitui uma importante ferramenta para atualização de conhecimentos em suas áreas de atuação e valorização profissional, cursos on-line que oferecem educação à distância podem ser uma modalidade de ensino proveitosa que permite o atendimento de um número maior de alunos que estejam

em busca de capacitação ou atualização profissional [25,26].

Por fim, é importante que os serviços atuantes na área da radiologia e aplicação da radiação ionizante facilitem o acesso dos trabalhadores a cursos de treinamento, assim como o preparo de materiais educativos elaborados por profissionais qualificados, como a figura do docente. Por meio da educação permanente, os trabalhadores de saúde podem fazer uso das radiações ionizantes em seu processo de trabalho de forma mais segura e otimizada [17].

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de trabalho em saúde exige dos profissionais, entre estes técnicos e tecnólogos em radiologia, a educação permanente como requisito fundamental para a garantia da segurança e qualidade na práxis laboral. Neste sentido, o curso de extensão “Exposições médicas em Tomografia Computadorizada” se apresenta como uma proposta que objetiva proporcionar a educação em saúde aos profissionais atuantes na área da tecnologia radiológica. Apesar da análise do perfil discente contemplar uma amostra de 61 participantes, o curso contou com 749 profissionais das técnicas radiológicas inscritos, revelando a necessidade deste formato de capacitação direcionada a este público.

Destaca-se que a inserção profissional está relacionada à formação acadêmica, e, conseqüentemente, às atividades práticas executadas na jornada formativa do discente,

tal como os estágios em serviços de saúde. Neste aspecto, o estudo evidenciou que cerca de 60,65% realizaram estágio extracurricular com destaque ao setor do radiodiagnóstico representando 42,62% dos participantes. Apesar do curso de extensão ter como foco a tomografia computadorizada, cerca de 80,32% da amostra não realizou estágio extracurricular nesta especialidade. Na atuação profissional, cerca de 50,81% da amostra atuam na área do radiodiagnóstico, sendo que 44,26% atuam em tomografia computadorizada.

Sobre a formação acadêmica, houve uma maior adesão de tecnólogos em radiologia representando cerca de 61% da amostra, sendo que 11% dos participantes possuem ambas as formações (nível médio e superior). A partir do fato, infere-se a existência de um cenário, no qual há uma demanda de cursos de formação continuada para os profissionais de nível superior que permita uma capacitação nas áreas específicas do radiodiagnóstico.

6. CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Os autores C.S., D.C.B.S. e J.S.M. contribuíram na concepção do estudo, elaboração do projeto submetido ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos, e correção e/ou revisão da redação do texto final. Os autores A.B.E. e M.L.S.A. realizaram a coleta e análise dos dados, bem como redação do trabalho. Os autores C.S. e J.S.M. atuaram na orientação dos estudantes na execução da pesquisa, e contribuíram na interpretação dos resultados.

REFERÊNCIAS

- (1) Brasil. Ministério da Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/201. Brasília, 2018.
- (2) Pissaia, L. F., Pino, J. C. D., Quartieri, M. T., & Marchi, M. I. (2018). Relato de experiência: Qualificação da extensão universitária na área da saúde por meio de estratégias de ensino contemporâneas. *Research, Society and Development*. 2018;7(2):1-16.
- (3) Collares, C. A. L., Moysés, M.A. A. e Geraldi, J. W. Educação continuada: a política da descontinuidade. *Educação & Sociedade*.1999; 20(68): 202-219.
- (4) Ceccim, R. B. Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. *Debates*. 2005; 9(16): 161-168.

- (5) Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento? 1. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- (6) Cezar, D. M., Costa, M. R., Magalhães, C.R.. Educação a distância como estratégia para a educação permanente em saúde? **Em Rede**: Revista de educação a distância. 2017; 4(1): 106-115.
- (7) Brasil. Ministério da Saúde. Portaria: nº 827, de 05 de maio de 2004. Cria a Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde e dá outras providências. Brasília: 2004.
- (8) Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 7.394, de 29 de outubro de 1985. Regula o Exercício da Profissão de Técnico em Radiologia, e dá outras providências. Brasília: 1985.
- (9) Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 92.790 de 17 de junho de 1986. Regulamenta a Lei nº 7.394, de 29 de outubro de 1985 Brasília: 1986.
- (10) Brasil. Ministério da Educação. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. 3. ed. Brasília: 2016. 290 p.
- (11) Brasil. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação. Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia. 3. ed. Brasília: 2016. 194 p.
- (12) United Nations Scientific Committee On The Effects Of Atomic Radiation. Report: 2019 "Sources and effects of ionizing radiation". United Nations, 2020.
- (13) United Nations Scientific Committee On The Effects Of Atomic Radiation. "Sources and effects of ionizing radiation". Report to the General Assembly, with Scientific Annexes A and B. United Nations, 2010.
- (14) International Atomic Energy Agency. Radiation Protection and Safety in Medical Uses of Ionizing Radiation. Specific Safety Guide - SSG-46. Vienna, 2018.
- (15) Souza D.C.B de, Collares AT da S, Contini CLF, Silveira E da, Voltolini JR. Proteção radiológica nas exposições médicas: aspectos legais e históricos. Research, Society and Development. 2022; 11(3):e54511326736.
- (16) Brasil. Resolução RDC nº 611, de 9 de março de 2022. Estabelece os requisitos sanitários para a organização e o funcionamento de serviços de radiologia diagnóstica ou intervencionista e regulamenta o controle das exposições médicas, ocupacionais e do público decorrentes do uso de tecnologias radiológicas diagnósticas ou intervencionistas. Brasília, 2022.
- (17) Flôr, R.C., Gelbcke, F. L. Tecnologias emissoras de radiação ionizante e a necessidade de educação permanente para uma práxis segura da enfermagem radiológica. Revista Brasileira de Enfermagem. 2009; 62(5): 766-770.
- (18) Conselho Nacional Técnicos em Radiologia. Quantitativo De Profissionais Em Radiologia: profissionais ativos identificados nas remessas em 27/04/2021. [Internet] S.I: Conselho Nacional de Técnicos em Radiologia, 2021. [acesso em: 22 ago. 2021]. Disponível em:<http://contertransparencia.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Quantitativo-de-Profissionais.pdf>.
- (19) Conselho Nacional Técnicos em Radiologia. Resolução CONTER nº2, de 4 de maio de 2012. Brasília: 2012.

- (20) Conselho Nacional Técnicos em Radiologia. Resolução CONTER nº10, de 07 de julho de 2015. Brasília: 2015.
- (21) Rodrigues, G. O., Ramos, C. G., Wyrwalska, E. d. S., & Maapelli, D. A. (2017). Práticas pedagógicas dos cursos de nível tecnológico em Radiologia: Uma análise da literatura. Boletim Técnico do Senac. 2017; 43(3): 104-125.
- (22) Tomaz, L.C. . A situação da Radiologia no Brasil. Revista Curie&Röntgen. 2017; 1(1): 4-9.
- (23) Brasil. Ministério da Educação. Qual a diferença entre pós-graduação lato sensu e stricto sensu? [Internet]. 2021. [acesso em 10 ago. 2021]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu>.
- (24) Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP N° 1, de 5 de janeiro de 2021. Defini as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Brasília: 2021.
- (25) Bussotti, E. A. et al. Capacitação on-line para profissionais da saúde em três regiões do Brasil. Revista Brasileira de Enfermagem. 2016; 69(5): 981-985.
- (26) Fratucci, M. V. B. et al. Ensino a distância como estratégia de educação permanente em saúde: impacto da capacitação da equipe de estratégia de saúde da família na organização dos serviços. Rbaad; 2016; 15:61-79.



INTERPROFISSIONALIDADE NO SUS: PERCEPÇÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

**INTERPROFESSIONALITY IN BRAZILIAN PUBLIC HEALTH SYSTEM: PERCEPTIONS ABOUT
COMMUNICATION AND CONFLICT RESOLUTION**

RANGEL, C. D.

<https://orcid.org/0000-0002-3099-227X>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

OLIVEIRA, M. G. C. de

<https://orcid.org/0000-0002-9669-5999>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

TORRES, E. S. de O.

<https://orcid.org/0000-0002-8079-0385>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

MEDEIROS, L. F. de

<https://orcid.org/0000-0002-6754-7217>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

GARCIA, L. R. S.

<https://orcid.org/0000-0002-6039-481X>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

A prática interprofissional colaborativa tem sido recomendada para promover melhorias no processo de trabalho e na qualidade do cuidado em saúde no SUS. O objetivo deste trabalho é relatar as experiências e percepções dos discentes e preceptores integrantes do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde/interprofissionalidade) em dois serviços públicos de saúde, analisando como as competências da comunicação e resolução de conflitos se articulam na construção da prática colaborativa, interprofissional e no cuidado em saúde. Trata-se de um relato de experiência, a partir de registros em diários de campo, discussões de casos e entrevistas semiestruturadas (profissionais do SUS) entre junho de 2019 e fevereiro de 2020. Foram observadas dificuldades na comunicação e a existência de ambientes conflituosos nos serviços, além de visões tradicionais perante o conflito, o que implica em uma aversão sistemática ao que seja a ele relacionado. Também se constatou a prevalência do desconhecimento sobre educação interprofissional e a prática colaborativa entre os profissionais. Considerando que os conflitos eram mais recorrentes em virtude dos problemas na comunicação, o PET-Saúde possibilita a formação de um novo fazer saúde pelos profissionais, à medida que trabalha modelos de comunicação assertivas e a mediação de conflitos nos processos de trabalho, articulando tais competências colaborativas para a promoção da interprofissionalidade e a qualificação do cuidado em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: educação interprofissional; educação permanente; prática colaborativa; cuidado em saúde.

ABSTRACT

Collaborative interprofessional practice has been recommended to promote improvements in the work process and in the quality of health care in the SUS. The objective of this work is to report the experiences and perceptions of students and preceptors who are part of the Education Program for Work for Health (PET-Health/Interprofessionality) in two public health services, analyzing how the skills of communication and conflict resolution are articulated in the construction of collaborative, interprofessional and health care practice. This is an experience report, based on records in field diaries, case discussions and semi-structured interviews (with SUS professionals) between June 2019 and February 2020. It was observed difficulties in communication and the existence of conflicting environments in the services, in addition to traditional views on the conflict, which implies a systematic aversion to what is related to it. It was also found the prevalence of lack of knowledge about interprofessional education and collaborative practice among professionals. Considering that conflicts were more recurrent due to problems in communication, the PET-Health/Interprofessionality enables the formation of a new health practice by professionals, as it works with assertive communication models and the mediation of conflicts in work processes, articulating such skills collaborative efforts to promote interprofessionalism and the qualification of health care.

KEYWORDS: interprofessional education; permanent education; collaborative practice; health care.

1. Introdução

Desde que as ciências da saúde começaram a apreender o modelo biopsicossocial, e assim, ampliar sua compreensão para além dos fatores biológicos, seu foco passou a divergir do binômio saúde-doença e do modelo curativista. Isso contribuiu para uma visão mais integralizada do indivíduo. [1] Nessa perspectiva, novas alternativas de cuidado em saúde precisaram ser desenvolvidas, uma vez que as demandas voltadas para as dimensões do cuidado em saúde e o olhar para a individualidade de cada ser humano

não eram supridas apenas com o cuidado uniprofissional. [2]

A prática interprofissional colaborativa tem sido recomendada como um dos principais métodos de melhoria à qualidade do cuidado em saúde, contribuindo para a percepção, compreensão e eficácia do trabalho em equipe nos serviços. Nessa prática, a interação entre profissionais com formações distintas permite o compartilhamento de conhecimentos e habilidades que promovam, em conjunto, uma assistência mais integralizada e centrada no paciente. [3]

O processo de construção da prática interprofissional está longe de ser uma proposta simples e fácil de ser aplicada. Há diversos pontos que podem nortear esse debate, principalmente a discussão no

âmbito conceitual. Nomeadamente, ao que recai a lógica empregada no atual paradigma de cuidado em saúde, que é circunscrito em um cuidado fragmentado e sobreposto por diversas categorias profissionais - (neo) positivismo. [4]

É necessário frisar que a interprofissionalidade não anula a especificidade de cada campo do saber. Pelo contrário, implica em uma consciência dos limites e potencialidades de cada campo, para que se possa haver uma abertura em direção a um fazer coletivo, possibilitando trocas – a questionar e a ser questionado. [5]

Sendo assim, considerando a colaboração interprofissional como um elemento necessário para a qualidade da atenção em saúde, foram construídas competências a serem desenvolvidas no exercício profissional e em prol da educação interprofissional em saúde. Essas competências são a comunicação interprofissional; o cuidado centrado no usuário, na família e na comunidade; a clareza de papéis profissionais; o trabalho em equipe; a resolução de conflitos e a liderança colaborativa. [6]

Nessa lógica, qualquer uma dentre as competências colaborativas pode servir como indicador para investigar práticas não recomendáveis e, portanto, contribuir para o conhecimento e posterior aprimoramento da prática interprofissional. Neste trabalho, foi escolhido especificamente as competências da resolução de conflito e da comunicação para um relato sobre a realidade teórico-prática para o desenvolvimento de um exercício interprofissional eficiente. Para isso, é preciso entender como ambas as competências se inter-relacionam em virtude do seu carácter processual e de sua totalidade enquanto fenômeno. [7]

Parece razoável afirmar que uma das forças mais restritivas ao bom desempenho de um grupo é a falta de comunicação eficaz. As fontes de conflitos pessoais muitas vezes decorrem de falhas de comunicação, tais como equívocos na compreensão da mensagem ou falta de precisão durante a emissão. [7]

A origem da palavra comunicar está no latim *comunicare*, que tem por significado “por em comum”. Ela pressupõe o entendimento das partes envolvidas, e

sabe-se que não existe entendimento se não houver, anteriormente, a compreensão. E para que a comunicação ocorra de maneira efetiva tem-se que ser coerente nos discursos e em toda a comunicação não verbal, que envolve tanto as expressões faciais, como as posturas corporais. [8]

Conforme citado por Previato e Baldissera, [2] a comunicação é descrita como um aspecto fundamental para a criação de um canal aberto entre os constituintes de uma equipe de saúde, permitindo a criação de um senso comum de realização e de prática colaborativa eficaz. [2] Também é importante para dispor de informações sobre os pares (colegas de equipe, usuário e comunidade), já que quanto maior a habilidade em correlacionar esses saberes, melhor o desempenho da transmissão do conteúdo e da informação. [9]

Quando pautada segundo os domínios da prática interprofissional, a comunicação é destacada por proporcionar o compartilhamento de inquietações e vitórias geradas no dia a dia do trabalho entre os profissionais, bem como contribui com resultados satisfatórios do ambiente de trabalho e dos usuários daquele serviço. [2]

De acordo com Ferreira e Reis, [10] as origens de divergências e a instauração de modelos de trabalho e organização social são diversas, no entanto é destacado que em frente aos tipos de conflitos majoritariamente recorrentes na saúde (correspondente a 40%), o principal aspecto destacado como disfuncional (ou em falta de consonância) foram problemas com a comunicação.

Sendo assim, o conflito, que a priori era lido pelas organizações como danoso e devia a todo custo ser suprimido e evitado, atualmente é percebido como um acelerador para o crescimento e desenvolvimento organizacional, além de servir como catalizador no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes centrais no domínio profissional e no trabalho assertivo. Portanto, os efeitos negativos do conflito são abonados pelo tipo de tratamento dado a ele, pois, quando adequado, pode melhorar a gestão, a performance e a motivação dos trabalhadores. [7]

Paralelo a isso, Robbins [7] destaca que o conflito pode ser percebido de três maneiras. A primeira, uma visão mais tradicional, entende o conflito como algo a ser evitado e fruto de um desfecho disfuncional (geralmente associado a má comunicação). A segunda, uma visão mais interacionista, percebe-o como catalisador para desenvolvimento de desempenho (mobilidade, autocrítica e criatividade) sendo, portanto, incentivado. Por fim, a terceira forma, uma visão de conflito gerenciado, indicado como alternativa mais recente, reconhece que o conflito é inevitável na maioria das organizações, centrando-se, portanto, na resolução de conflitos produtivos (funcionais).

Barros [9] reitera que o processo de mediação de conflitos tem como finalidade o estímulo e a facilitação à comunicação. Entendendo, nessa acepção, que restaurar a comunicação das partes, envolve a redução de obstáculos emocionais, de ruídos, além da promoção de reflexões sobre o conflito até o estabelecimento de uma consciência baseada na razão e na flexibilidade.

Complementarmente, Oliveira e Sagy [1] indica a importância da resolução de conflitos para a condução de soluções participativas e abrangentes entre as partes, possibilitando a criação de oportunidades de desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional.

Diante dessas considerações, o principal objetivo desse trabalho foi descrever a experiência extensionista em serviços públicos de saúde e como as competências da comunicação e da resolução de conflitos se articulam, na construção da prática colaborativa, interprofissional e no cuidado em saúde.

2. Métodos

Este trabalho versa sobre a experiência extensionista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), de iniciativa do Ministério da Saúde para qualificação de profissionais e estudantes da área da saúde, em ações práticas de iniciação ao trabalho. O PET-Saúde se desenvolve como um dispositivo de promoção e fortalecimento de ações de integração ensino-serviço-comunidade.

Sendo assim, é um estudo descritivo, no formato de relato de experiência. A vivência foi realizada por estudantes dos cursos de psicologia, enfermagem, nutrição e fisioterapia, e os tutores da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairí (FACISA/UFRN), em dois serviços de saúde do município de Santa Cruz - RN, sendo um serviço de atenção básica (Unidade Básica de Saúde) e outro serviço correspondente à atenção psicossocial especializada (Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II).

O PET-Saúde, em sua nona edição, reconhece a interprofissionalidade como demanda atual e necessária na implementação de uma atenção integral no cuidado em saúde. As atividades do Pet-Interprofissionalidade se iniciaram no segundo trimestre do ano de 2019, a partir do embasamento teórico-metodológico, inicialmente associado a um componente curricular facultativo semestral, intitulado “Promoção de Saúde na Comunidade”, e, posteriormente, com encontros semanais, envolvendo capacitações, visitas in loco, debates e apresentações de análises e propostas de aperfeiçoamento da rede municipal de saúde e das políticas públicas de saúde.

Os encontros semanais desenvolvidos aconteceram tematicamente seguindo as referências das seis competências colaborativas para a prática interprofissional (comunicação interprofissional; o cuidado centrado no usuário, na família e na comunidade; a clareza de papéis profissionais; o trabalho em equipe; a resolução de conflitos e a liderança colaborativa), de junho de 2019 a fevereiro de 2020 e com carga horária semanal de 20/horas. Dentre muitas proposições e dados levantados na literatura, foi demonstrada a correlação da influência entre as competências em formulações problemáticas de organização de trabalho e, principalmente, no cuidado em saúde. [10]

A partir da inserção da participação dos profissionais da rede no processo da construção e desenvolvimento do projeto PET juntamente com discentes e docentes, mais uma vez, se mostrou decisório na abertura e contextualização das realidades do serviço. Sobretudo, no acompanhamento

e tutoria na participação das atividades e inserção no serviço.

Com isso em mente, durante todo o percurso do projeto foram desenvolvidos encontros que subsidiaram o planejamento das ações e atividades do projeto, bem como as discussões dos encaminhamentos dos processos da pesquisa frente às atribuições do campo. Nesses momentos, a equipe recebia informações sobre questões éticas e metodológicas para a abordagem dos profissionais, realização de entrevistas e registro de atividades de campo.

Paralelamente, todas as competências da prática interprofissional foram trabalhadas e discutidas nas reuniões semanais do PET, oportunizando espaços de construção coletiva cruciais na reorientação e estruturação dos recursos humanos e materiais. Logo, o relato de experiência por ora apresentado tem como base essas vivências.

Diante disso, o instrumento adotado pela equipe no registro e acompanhamento das atividades e práticas dos profissionais nos serviços foi o diário de campo, o que possibilitou reflexões sobre o trabalho em equipe, a organicidade e resolutividade do serviço, tão quanto no contato entre os estudantes, o campo e suas afetações.

As entrevistas, por sua vez, foram construídas mediante os apontamentos nas orientações da equipe, desempenhou o papel de aprofundar e explorar o contexto e como as interfaces do atual modelo de trabalho tem sido percebida, acompanhada e avaliada em termos de práticas, atribuições e responsabilidades éticas para os profissionais. Para realização das entrevistas contou-se com a disponibilização de salas prestadas pelos serviços, na preocupação quanto à garantia ao sigilo das informações prestadas e a utilização de um roteiro semiestruturado de entrevista, não validado.

Sendo, portanto, possível inferir, que as perguntas estabelecidas em tom de diálogo, mobilizaram reflexões sobre a trajetória acadêmica e de vida profissional dos participantes. Sobretudo, a entrevista enquanto um espaço propício para essa retrospectiva laboral profunda e atenta, sendo percebida, segundo eles, como um momento de escuta e acolhimento, talvez determinante na sensação de segurança no

que era dito, bem como, de gratidão pelas conquistas na profissão.

O roteiro da entrevista contou com as categorias de histórico profissional, caracterização da atividade (atribuições, competências prescritas, potencialidades e dificuldades na atuação, composição de equipe, natureza do trabalho), condições de trabalho (condições físicas, ergonômicas, de gestão, psicossocial, regime de trabalho) e conhecimento das competências colaborativas. Especificamente sobre comunicação e redes de contatos foram explorados os canais, as fragilidades, o contato com a rede e as sugestões de aperfeiçoamento (tanto subjetivo como coletivo). Quanto à resolução de conflito foram explorados os aspectos de cultura organizacional (visão e valores sobre o conflito), as estratégias utilizadas, limites e possibilidades na otimização do conflito, com fim na seguridade do trabalhador e na garantia da prestação do serviço com qualidade.

Com isso em mente, o contexto foi analisado a partir da literatura sobre análise contextual, adotando a divisão em 4 sub-níveis somente a título de interpretação e discussão, em função da complexidade e das interfaces do objeto. Sendo eles: o contexto imediato, o contexto específico, o contexto geral e o metacontexto. [11]

As análises dessas dimensões envolveram uma interpretação de aspectos relevantes no presente (contexto imediato), relações com as pessoas, com o tempo e ambiente compondo as dimensões específicas (contexto específico), a subjetividade dos indivíduos e histórias de vida (contexto geral) e com os elementos sociopolíticos e normorreguladores que agem sobre o fenômeno (metacontexto). [12]

Dentre os serviços visitados, encontram-se o serviço da Atenção Básica, onde atuam 32 (74,41%) sujeitos na Unidade Básica de Saúde, e o Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II, onde atuam 11 (25,58%) profissionais. No tocante aos cargos ocupados, a maioria possui formação na saúde (39 - 90,69%), seguidos da coordenação de serviços (2 - 4,65%) e de serviços gerais (2 - 4,65%).

A equipe do CAPS II - Chiquita Bacana era composta por um profissional de cada

categoria, sendo estes, assistente social, psicóloga, nutricionista, médico, educadora física, enfermeiro, técnica de enfermagem, coordenadora, auxiliar de coordenação e uma copeira, além de contar com uma artesã que exercia atividades de arteterapia com os usuários, totalizando 11 indivíduos. Já a Unidade Básica de Saúde (UBS), composta de 32 profissionais, era representada por duas equipes multiprofissionais, com médica, enfermeiros, técnicos em enfermagem, dentista, auxiliares de saúde bucal e os agentes comunitários de saúde (ACS). A amostra total dos entrevistados foi constituída dos profissionais que compõem o projeto de extensão, sendo 15 (34,88%) destes.

3. Resultados

O CAPS II - Chiquita Bacana atendia cerca de 83 usuários regularmente, e mais de 200 com renovação de receita. E embora a atenção de uma equipe de saúde deva ser voltada majoritariamente para o usuário e o processo de cuidado, foi possível perceber que, muitas vezes, essa atenção se tornava secundarizada em detrimento dos interesses pessoais de cada profissional. O que, pela dinâmica do trabalho, acabava por gerar falhas na comunicação e comportamentos indesejáveis dentro do grupo (contexto geral).

Frente a isso, notaram-se fatores não interessantes para uma convivência harmoniosa, tais como sentimentos de ambição e comportamentos individualistas por parte dos profissionais em hierarquia superior - seja essa hierarquia real ou irreal. Além disso, foram observados, também, exemplos de práticas individualistas - por parte de alguns profissionais - frente a suas funções, o que por vezes era considerado por outros colegas como desempenho insuficiente. Ocasionalmente, nesse sentido, reclamações internas entre os demais profissionais e tornando o conflito, em virtude de tais comportamentos, uma pauta constante na equipe.

Logo, a presença do clima conflituoso foi evidente na maioria das falas dos profissionais entrevistados. O que, gradualmente, demonstrou o modo como o conflito era visto, não o enxergando como

possibilidade para reassegurar a cultura e os objetivos organizacionais-pessoais, mas como algo desagradável e que deve, a todo custo, ser evitado.

Dando seguimento nas reuniões da equipe, os problemas não eram expostos a fim de uma resolução, e quando eram explanados, os demais envolvidos não reagiam de maneira assertiva nos debates, alguns consideravam apenas preocupações pessoais e acabavam sendo tardios em oferecer uma escuta qualificada para com os seus colegas de trabalho, recorrendo, muitas vezes, a recursos de uma comunicação passivo-agressiva. Por isso, o processo de trabalho continuava a sofrer engasgos, o canal de comunicação se via fragilizado e cheio de ruídos e as tomadas de decisões não favoreciam o serviço como um todo (contexto específico).

Paralelamente a isso, percebeu-se que parte dos conflitos que ocorriam no serviço eram frutos de processos estruturais (metacontexto), relacionados estritamente ao baixo financiamento e suporte oferecidos pela gestão nos diferentes níveis. Notou-se como fatores desencadeantes de conflitos, além das problemáticas já mencionadas, a alta rotatividade, o tipo de vínculo empregatício, a falta de recursos materiais e a falta de domínio de alguns profissionais sobre a política de saúde mental, que condicionavam as relações de trabalho ao enfrentamento e à desmotivação. Muito embora já se tenham planejado intervenções a nível institucional, até a produção do presente artigo, os profissionais não avaliaram mudanças expressivas em nível atitudinal.

Já na UBS, o clima conflituoso que ocorria era apontado em função do desgaste quanto à comunicação e diálogo entre os profissionais e/ou entre as equipes de saúde. De forma que os conflitos eram ocultados e não expostos a fim da resolução dos problemas (contexto imediato). Além disso, foi notório que a comunicação entre as equipes ocorria apenas por meio de reuniões mensais para o planejamento das ações desenvolvidas no local. Sendo assim, a falha na comunicação dos profissionais - tanto no que tange os debates acerca do próprio funcionamento de suas equipes quanto das discussões de casos de pacientes -

resultaram em atendimentos por vezes fragmentados, onde cada profissional realizava sua função sem a articulação com as demais profissões, seja por ausência de tempo, planejamento ou até de hábito (contexto específico).

Quando trazido isso para o serviço, apesar de não haver um conflito nitidamente manifesto, em conversas com os profissionais, notou-se grande desconforto (contexto imediato). Os motivos trazidos referiam-se aos comportamentos de colegas de trabalho no desenvolvimento de suas funções, principalmente referente ao não desenvolvimento em conjunto de atividades de promoção da saúde/prevenção de doenças - competência de trabalho em equipe; da não execução do cuidado de forma integralizada; além da orientação para um modelo de cuidado hierarquizado e medicamentoso (contexto específico).

Nesse contexto, problemas relacionados à projeção de carreira se configuraram como grandes causadores de conflitos, já que perante o que foi relatado: “aqueles que estão aqui por cargos comissionados, que foi fulano que colocou (referência a indicação política), recebem mais apoio financeiro”. Geralmente, os conflitos ficavam na dimensão individual e não eram compartilhados entre as equipes como um todo, mas ainda assim afetavam diretamente o clima organizacional, a motivação, a comunicação e os demais processos no dia a dia do serviço.

Contudo, foi interessante observar como os profissionais assumiam papéis e modelos de trabalho e, conseqüentemente, de cuidado, diferentes uns dos outros, a partir do modelo de formação profissional que tiveram. Ao mesmo tempo em que administravam interesses pessoais e/ou organizacionais no hoje (contexto geral). Contundentemente, as dimensões humanas são produtoras de significados no fazer profissional e no cuidado em saúde e, por isso, precisam se ter sempre à vista.

Assim, a partir das experiências vivenciadas nos serviços supracitados, foi possível perceber que muitas problemáticas de organização nos processos de trabalho e no cuidado em saúde pareciam estar ligadas a um desconhecimento do que seria a prática interprofissional, especificamente no

que se refere à comunicação assertiva. Além da predominância de uma postura mais tradicional em relação ao conflito - ou seja, evitar problematizá-lo.

4. Discussão

No que tange às políticas que envolvem o CAPS, a Política Nacional de Saúde Mental compreende um conjunto de programas e intervenções realizadas por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), em busca de orientar essas ações através da promoção da saúde e autonomia dos usuários nos serviços. [13] A partir disso, ela vai além do cuidado e atenção aos usuários com transtornos mentais, abrangendo o cuidado a quadros de uso nocivo e dependência de substâncias psicoativas como álcool, cocaína, crack e outras drogas. [14]

Dentro de uma equipe, de acordo com Robbins, [7] a comunicação torna-se fundamental para que seus membros exponham sentimentos de satisfação e frustrações, atuando como um meio de expressão emocional e atendimento das necessidades sociais. Sendo assim, seu papel facilitador de tomada de decisões proporciona o esforço do comportamento desejável dentro de um grupo e se articula como feedback do progresso em relação às metas estabelecidas e as expectativas organizacionais e pessoais.

Na perspectiva da saúde pública, a comunicação desejada, leva em consideração os princípios e diretrizes do SUS, tais como descentralização, participação social, integralidade e universalidade. Desse modo, deve considerar o contexto, o lugar de interlocução, as condições sociais e subjetivas de produção de sentidos, os processos de estabelecimentos de prioridades, bem como a importância das relações de poder que determinam processos e práticas comunicativas. Também deve conferir relevância à pluralidade de vozes que expressam os diversos modos de pensar, compreender e praticar a saúde. Assim, a comunicação precisa escutar e entender os silêncios, as ausências, além de amplificar as vozes historicamente silenciadas por práticas autoritárias. [15]

Por conseguinte, as falhas na comunicação podem desempenhar aspectos

negativos para a organicidade do fazer saúde. Conforme Chiavenato [16] o imperativo nas relações entre profissionais em hierarquias distintas - sejam elas socialmente construídas ou institucionalmente instituídas - podem também ser um aspecto gerador de conflito (contexto geral).

Sendo assim, é importante ressaltar que, segundo Silva, [8] entender o ponto de vista do outro não necessariamente significa ter que concordar com ele, deve-se ser capaz de compreender os diferentes pontos de vista de uma determinada situação, e que a comunicação proporciona o entendimento destes diferentes ângulos e percepções para a tomada de decisões colaborativas. E ao pensar pela perspectiva de Robbins, [7] não expressar as frustrações desencadeadas no dia a dia pode prejudicar o funcionamento do serviço.

Nascimento [17] reforça a presença comumente de interferências nas rotinas estabelecidas pelas organizações no campo da saúde, no que tange principalmente aquelas consideradas informais. Logo, desentendimentos e hierarquia na área da saúde são geradores de conflitos entre as subculturas existentes, o que por muitas vezes acontece devido ao comportamento competitivo ou aversão às regras e rotinas estabelecidas, interferindo significativamente nos interesses e processos cotidianos da instituição.

Deste modo, é possível fundamentar as causas dos conflitos gerados no CAPS, seja pela falta de interesse no comprometimento das rotinas instituídas, comportamentos individualistas, bem como a ausência de vínculos com os demais profissionais que o compõem.

Segundo Ferreira e Reis [10] 3 tipos de conflitos são destacados como centrais no entendimento da alçada do cuidado em saúde e demonstram ser representativos com resultados obtidos. Sendo eles, a falta de clareza na definição de papéis, o manejo do trabalho e as responsabilidades éticas requeridas. Para além deles, também são destacados a infraestrutura física, organização do ambiente de trabalho, privilégios de funcionários, descontentamento e desenvolvimento de pessoal, levando à insatisfação. Dessa forma,

o conflito na cultura organizacional tem relevância em nível macro como estruturador na viabilidade (coesão, potência e burnout) e no desempenho (criatividade e atendimento ao usuário), já que fornece pistas sobre a eficaz gestão e o efetivo manejo e superação de entraves.

A adoção de um suporte mediador de conflito, nesse caso, pode promover o bem-estar e reduzir o rotativismo desses profissionais. Mais especificamente, um canal aberto de comunicação direta, o respeito, a atenção, a intervenção de lideranças e a instituição de protocolos de gestão se configuram como estratégias a serem implementadas para a resolução de conflitos. [10]

Quanto aos embargos institucionais e estruturais, de acordo com Berg, [18] mudanças organizacionais podem gerar demissões e reestruturações, contribuindo para a propagação do medo e resistência. Por isso podem representar uma fonte repleta de conflitos. Além disso, a escassez dos recursos é motivo de muitos atritos e desentendimentos, uma vez que podem restringir o desempenho tanto de funcionários quanto dos departamentos (leia-se serviços).

Tendo isso em mente, o que observou-se enquanto estrutura de análise perante os fatores-causas de conflitos, foi hegemonicamente referente aos conflitos de tarefa e de processo, correspondendo ao contexto específico. O que, portanto, corrobora com a análise de que as implicações ético-políticas do cuidado em saúde - e, principalmente, no tocante a saúde mental - requerem para além do conhecimento técnico, o respeito e comprometimento com as diretrizes e bases de uma ethos e práxis antimanicomial.

No âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), a dinâmica do trabalho da UBS é de responsabilidade da Estratégia Saúde da Família (ESF), por meio da colaboração dos profissionais e da inserção dos Agentes Comunitários de Saúde nas comunidades, para que ocorra a criação de um maior vínculo entre os trabalhadores de saúde e os usuários da APS. [19] Nessa acepção, embora as reuniões para planejamento de ações e discussões de casos nas equipes de saúde sejam momentos formais de comunicação

interprofissional e podem ser considerados fortes aliados da prática comunicativa para auxiliar o cuidado, estes momentos não podem ser considerados meios exclusivos para o alcance desse domínio. [20]

Isto reforça a importância que a comunicação de um serviço de saúde possui entre os profissionais e para com os usuários. E que este domínio, quando exercido de forma colaborativa e eficaz, contribui para a atenção qualificada em saúde, além de evitar omissões ou duplicações do cuidado e conflitos. [2]

Em vista disso, os espaços organizacionais são compostos de distintos contextos e relações entre administradores, gestores e colaboradores, no qual, sua existência em meio a diferentes subculturas pode acarretar conflitos de interesse e de status, bem como por ego ou pontos de vista discordantes sobre determinada temática. Maioritariamente, os conflitos são relacionados às divergentes formas de trabalho, legitimidade e autoridade, por muitas vezes interpretados como inconciliáveis e incompatíveis. [17]

Logo, diversos podem ser os motivos que compõem e fundamentam as bases para um conflito - seja o caráter da tarefa/função, relacionamentos interpessoais e dos processos de trabalho. Isto posto, Robbins [7] explica que os conflitos de tarefa podem apresentar desdobramentos negativos e podendo acabar se configurando como um conflito de relacionamento (contexto específico). Deste modo e em função das vivências na UBS, quando comparado ao conflito de tarefas, foi possível inferir que o conflito de processo articulado ao comprometimento do cuidado em saúde apresenta também desdobramento similar, podendo se converter também em conflito de relacionamento.

Além disso, Nascimento [17] corrobora a hierarquia no âmbito da saúde como um dos fatores limitadores dos processos diários, ao passo que a maior problemática não é o desconhecimento do organograma, e sim a própria cultura organizacional. Dessa forma, exceder processos e estruturas organizacionais a partir de comportamentos hierárquicos, se constitui como um significativo elemento gerador de conflito. Que no caso da UBS, é evidenciado pela

hierarquia do cargo de supervisão frente a resolução de problemas, que por muitas vezes era dificultado devido à ausência de comunicação e diálogo entre os profissionais e equipes de saúde.

Quanto à gravidade dos conflitos que foram apresentados, Chiavenato [21] fundamenta que há três níveis, sendo eles o conflito percebido, experienciado e o manifesto. O conflito percebido, nesse caso, é representado a partir da divergência nos objetivos do cuidado em saúde e da dualidade entre os interesses individuais e coletivos. O conflito experienciado, se articula na medida em que se caracteriza como um conflito velado e ao passo em que provoca sentimentos de hostilidade, raiva, medo, descrédito entre uma parte e outra. Por fim, o conflito manifesto é qualificado explicitamente como o conflito aberto, mas não identificado durante as visitas.

Tais conclusões foram feitas, quando nas falas dos profissionais ficou evidente o descontentamento de como alguns dos seus colegas não tinham e/ou não entendiam os objetivos dos princípios da atenção primária, gerando conflitos quanto aos objetivos do cuidado em saúde. Com vista a isso, Robbins [7] aponta que quando profissionais em seus ambientes de trabalhos não entendem os objetivos organizacionais é comum que existam conflitos pelo que se espera que seja atingido, ficando a cargo da interpretação individual um entendimento que deveria ser coletivo (contexto geral).

Assim, quando algo está no domínio da interpretação individual é mais comum que sejam feitas más interpretações, criando conflitos de interesses e disputa de pontos de vistas, entrando no âmbito do que seria o conflito de relacionamentos (contexto geral).

A partir disso, ao considerarmos o âmbito do trabalho em saúde, é notório a presença de ambientes conflitantes e competitivos, o que, pode interferir de forma significativa na saúde e bem-estar dos sujeitos envolvidos, tornando ainda mais necessária a gestão especializada nas resoluções intrínsecas do conflito. Oliveira e Sagy [1] esclarecem que tem sido comum nas organizações o desenvolvimento de práticas de mediação para melhorar o ambiente. Por meio das práticas de mediação, os cooperados podem

desenvolver ações que auxiliam na solução amigável de conflitos próprios do local de trabalho, fazendo dessas crises oportunidades de desenvolvimento profissional e organizacional.

Tal explanação não afirma que a mediação de conflitos é algo simples, trata-se apenas de um relato do que foi visto na prática dos serviços, como processos de mediação não assertivos que se perduram ano a ano, mas sem de fato alcançar uma resolução.

No CAPS, a cada semestre o serviço recebe estagiários que sempre tocam nas mesmas questões, mas algo na lógica de uma resolução de conflito a curto prazo não parece de maneira nenhuma promissora. No caso da UBS, os conflitos produzem uma “resolução” relativa à hierarquia, onde muitas vezes aquele profissional no cargo de supervisão é quem decide sobre uma problemática.

Para além disso, é necessário destacar que em ambos os serviços o papel de mediador é muitas vezes associado aos cargos de direção e/ou aos psicólogos, denotando que os serviços não entendem a própria resolução de conflitos como uma competência interprofissional e necessária de ser desenvolvida e introduzida no seu modo de trabalho.

Isto posto, a atenção fragmentada e o não conhecimento sobre as práticas colaborativas são dois entre os muitos indicadores problemáticos que necessitam ser repensados no modelo atual de cuidado, já que são desafios impostos e que apontam para a busca de apoios institucionais. Logo, o PET-Saúde-Interprofissionalidade cumpre um papel chave nessa transição de paradigma na atenção em saúde, ao passo que implementa alternativas ao modelo de formação (estruturas curriculares e educação permanente), na qualificação docente e na atuação profissional.

Sendo assim, o PET-interprofissionalidade surge como um aliado aos serviços frente às problemáticas enfrentadas. Inserindo os serviços de saúde pelos preceptores - que conhecem com clareza as dificuldades de cada serviço - os participantes do projeto (a saber, alunos e tutores de diversas áreas de formação) tem a oportunidade de trabalhar cada

competência da interprofissionalidade a fim de alcançar soluções mais apropriadas a partir de cada contexto. Além disso, a participação no processo viabiliza uma formação voltada para esse tipo de prática, o que não é ainda comum no ensino superior brasileiro, seja ele na área da saúde ou não.

5. Conclusões

Nos serviços de saúde visitados prevalecia o desconhecimento sobre a prática interprofissional. Além disso, foram observadas dificuldades em desenvolver modelos de comunicação assertivas e a existência de ambientes conflituosos, à medida que predominava a postura de evitar problematizar o conflito.

Estas experiências advogam pela necessidade material do desenvolvimento de uma ethos e práxis interprofissional enquanto garantia de uma saúde pública estruturada, articulada e forte. Apoiado no rompimento da assistência fragmentada e no cuidado fragilizado, o PET-Saúde-Interprofissionalidade tem apresentado alternativas metodológicas e de atuação pautadas nas competências interprofissionais e nas práticas colaborativas, se constituindo como instrumento reformador no aperfeiçoamento e defesa do SUS.

Assim, conseguir o desenvolvimento e o domínio da prática interdisciplinar na saúde, é estar a par, então, das dificuldades da formação profissional, como também dos processos de precarização do trabalho, sucateamento e desvalorização política e social do modelo atual de saúde pública. Exemplificados, corriqueiramente, na escassez diária de recursos humanos e materiais, nos muitos cargos comissionados, além da fragilização dos serviços e na desassistência na atenção ao usuário.

Portanto, a interprofissionalidade é um modelo que pressupõe uma organização, uma articulação voluntária e coordenada das ações disciplinares orientadas por um interesse comum. Fica difícil apoiar uma mudança de sentido do cuidado em saúde e desenvolvimento da prática interprofissional com modelos de práticas colaborativas de forma ilhada, com serviços fragilizados e sem recursos, com equipes desmotivadas e com

alta rotatividade, e, obviamente, com formações e capacitações que não priorizam as competências colaborativas e a prática interprofissional.

No entanto, o processo de capacitação vem sendo desenvolvido há mais de 01 ano. As revisões das práticas, juntamente com o comprometimento no acompanhamento teórico, vêm se mostrando um diferencial no processo educativo do modelo interprofissional. Para os participantes

(alunos, preceptores e tutores), essa oportunidade é autoavaliada como decisória, já que a avaliação das práticas e dos modelos de cuidado, além desse contato com a formação, produzem experiências e, sobretudo, intencionalidades importantes na efetivação da integralidade na atenção à saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PET-Saúde/Interprofissionalidade pela concessão das bolsas de extensão e aos demais integrantes do projeto pela participação nas diversas etapas da formação teórico-metodológica em educação interprofissional.

REFERÊNCIAS

- (1) Oliveira JA, Sangy M. Mediação de conflitos: possibilidades de humanização para a promoção da saúde. Revista Tecer [online]. 2013[acesso em 16 out. 2020]; 6(11): 177-89. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15601/1983-7631/rt.v6n11p177-189>>.
- (2) Previato GF, Baldissera VDA. A comunicação na perspectiva dialógica da prática interprofissional colaborativa em saúde na atenção primária à saúde. Interface-Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2018[acesso em 16 out. 2020]; 22: 1535-47.
- (3) Batista REA, Peduzzi M. Prática interprofissional colaborativa no serviço de emergência: atribuições privativas e compartilhadas dos fisioterapeutas. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online], 2018[acesso em 16 out. 2020]; 22 (Suppl 2): 1685-1695. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0755>>.
- (4) Chaves MM. Educação das profissões da saúde: perspectiva para o século XXI. Rev Bras Educ Med [online]. 1996[acesso em 16 out. 2020]; 20(1): 21-87.
- (5) Assega ML, Lopes Júnior LC, Santos EV, Antoniassi RS, Padula MGC, Pirolo SM. A interdisciplinaridade vivenciada no PET-Saúde. Revista Ciência & Saúde [online]. 2010[acesso em 16 out. 2020]; 3(1): 29-33.
- (6) Silva JAM da, Peduzzi M, Orchard C, Leonello VM. Interprofessional education and collaborative practice in Primary Health Care. Rev. Esc. Enferm. USP [online]. 2015[acesso em 18 out. 2020]; 49(spe2):16-24. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/reeusp/article/view/112629>>.
- (7) Robbins SP. Conflito e Negociação. In: Robbins SP. Fundamentos do Comportamento Organizacional. 8ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2009.
- (8) Da Silva, MJP. O papel da comunicação na humanização da atenção à saúde. Revista Bioética [online]. 2009[acesso em 18 out. 2020]; 10(2).

- (9) Barros VA. Mediação: forma de solução de conflito e harmonia social. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Campos, Campos dos Goytacazes. 2007[acesso em 18 out. 2020]; 2(2): 1-10.
- (9) Ferreira CAA, Reis Neto MT. Gestão de conflitos nas organizações: um olhar para a saúde. Rev. Gestão e Saúde [on line]. 2015[acesso em 20 jul. 2021]; 6(3):2799-2818. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/3263>>.
- (10) Pinheiro MGC, Simpson CA, Tourinho FSV. Análise contextual do atendimento aos portadores de hanseníase na atenção primária à saúde. Rev Pesqui Cuid Fundam [online]. 2014[acesso em 18 out. 2020];6(supl):187-95.
- (11) Hinds PS, Chaves DE, Cypess SM. Context as a source of meaning and understanding. Qualitative health research [online]. 1992 [acesso em 18 out. 2020]; 2(1): 61-74.
13. Assis DAD, Silva AA, Torres T. Políticas de saúde mental, álcool e outras drogas e de criança e adolescente no Legislativo. Saúde em Debate [online]. 2017[acesso em 20 out. 2020]; 41(112): 255-272. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201711221>>.
- (12) Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Mental, álcool e outras drogas. 2018.
- (13) Araujo IS, Cardoso JM. Comunicação e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2007.
- (14) Chiavenato I. Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2003.
- (15) Nascimento DMM do. Mediação de conflitos na gestão da saúde (médica, clínica e hospitalar): humanização do direito médico. Cad. Ibero Am. Direito Sanit[on line]. 2020 [acesso em 20 jul. 2021]; 9(1):170-95. Disponível em: <<https://doi.org/10.17566/ciads.v9i1.605>>.
- (16) Berg EA. Administração de conflitos: abordagens práticas para o dia a dia. Curitiba: Juruá; 2012.
- (17) Peruzzo HE, Bega AG, Lopes APAT, Haddad MCFL, Peres AM, Marcon SS. Os desafios de se trabalhar em equipe na estratégia saúde da família. Esc. Anna Nery [online]. 2018[acesso em 20 out. 2020]; 22(4): e20170372. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0372>>.
- (18) Peduzzi M, Agreli HF. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. Interface (Botucatu) [online]. 2018 [acesso em 20 out. 2020]; 22 (supl. 2): 1525-34. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0827>>.
- (19) Chiavenato I. Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2008.



SEM DISTÂNCIA PARA O CUIDADO À CRIANÇA DURANTE A PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

NO DISTANCE FOR CHILD CARE DURING THE PANDEMIC: EXPERIENCE REPORT

COSTA, P. de A.

<https://orcid.org/0000-0003-1111-7733>
Universidade Federal de Campina Grande(UFCCG)

SILVA, L. C. L. da

<https://orcid.org/0000-0003-0542-3910>
Universidade Federal de Campina Grande(UFCCG)

BARBOSA, M. P. R.

<https://orcid.org/0000-0002-7642-3195>
Universidade Federal de Campina Grande(UFCCG)

DE PONTES, A. R. L.

<https://orcid.org/0000-0002-7881-6953>
Universidade Federal de Campina Grande(UFCCG)

DE SOUZA, A. E. B.

<https://orcid.org/0000-0003-2907-8904>
Universidade Federal de Campina Grande(UFCCG)

SANTOS, N. C. C. de B.

<https://orcid.org/0000-0002-1544-2181>
Universidade Federal de Campina Grande(UFCCG)

RESUMO

Objetivou-se descrever a vivência na implementação de um projeto de extensão à distância com familiares de crianças na primeira infância em tempos de pandemia. Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, desenvolvido por uma docente e acadêmicos do curso de Enfermagem de uma Instituição Federal de Ensino Superior na Paraíba, durante o ano de 2020. Foram contempladas 47 famílias de crianças até 6 anos de idade, cadastradas nas unidades de saúde do município sede da instituição. Foram contempladas ações assíncronas com postagens, e síncronas com lives e teleconsultas, utilizando ferramentas como software, plataformas virtuais (Google Meet), e aplicativos (Instagram e WhatsApp). Esse formato de extensão possibilitou um feedback positivo das famílias, a interação ultrapassou a distância e permitiu continuidade do cuidado infantil, apesar das dificuldades com acesso à internet e indisponibilidade de tempo. Portanto, percebe-se que poderá ser agregado ao princípio da presencialidade da extensão após a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento infantil; consulta remota; enfermagem; educação em saúde.

ABSTRACT

The objective was to describe the experience of implementing a distance extension project with family members of children in early childhood in times of pandemic. This is a descriptive study, experience report type, developed by a professor and academics from the Nursing course of a Federal Institution of Higher Education in Paraíba, during 2020. 47 families of children up to 6 years of age were covered, registered in the health units of the city where the institution is located. Asynchronous actions were contemplated with posts, and synchronous with lives and teleconsultations, using

tools such as software, virtual platforms (Google Meet), and applied ones (Instagram and WhatsApp). This extension format allowed for positive feedback from the families, the interaction went beyond the distance and allowed the continuity of child care, despite difficulties with accessing the internet and unavailability of time. Therefore, it is clear that it can be added to the principle of presence of extension after the pandemic.

KEYWORDS: child development; remote consultation; nursing; health education.

1. Introdução

O Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2), novo tipo de coronavírus da síndrome respiratória aguda grave, responsável por causar a infecção viral denominada de “coronavirus disease – 2019”, a COVID-19, foi detectado pela primeira vez em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Todavia, diante da rápida disseminação da doença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em 30 de janeiro de 2020, Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), e, em 11 de março do corrente ano, passou a caracterizar como pandemia, em consequência do aumento exponencial da COVID-19 no mundo.[1]

Este cenário exigiu dos países a adoção de medidas sanitárias de quarentena, isolamento/distanciamento social e funcionamento apenas de serviços essenciais, além da vigilância em saúde para detecção e controle dos casos no intuito de dirimir o contágio e controlar a velocidade da pandemia. [2,3]

Nesse sentido, a Atenção Primária à Saúde (APS), por meio da Estratégia Saúde da Família (ESF), ponto de entrada para as Rede de Atenção à Saúde (RAS), precisou reorganizar seu processo de trabalho para atuar no plano de gerenciamento de risco para enfrentamento desse cenário de crise, considerando as características de um modelo com foco na responsabilidade

territorial, orientação comunitária e fortalecimento de vínculo profissional-comunidade, mas também, conseguir dar continuidade às ações próprias do processo de cuidado em saúde.[4]

Todavia, apesar de prioritário nesse ponto da RAS, o cuidado ofertado à população infantil na primeira infância, por meio da consulta de puericultura realizada por profissionais de saúde, especialmente o enfermeiro, precisou ser interrompido, e as crianças deverão ser monitoradas por meio de telefone e/ou WhatsApp com agendamento de consulta presencial quando necessário. [5]

Ante a problemática, considerando a Resolução 634/2020 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) que autoriza a teleconsulta de enfermagem ou consulta remota, uma ferramenta tecnológica para garantir informação e comunicação entre profissional e paciente mesmo à distância, nas formas síncrona ou assíncrona, aponta-se a relevância de um olhar diferenciado para a primeira infância ou os primeiros seis anos de vida, neste momento de pandemia, perante as situações agravadas como desemprego familiar, violência intrafamiliar, negligência em saúde, déficit alimentar, falta de estimulação neuropsicomotora e socialização, e suas repercussões negativas para o crescimento e desenvolvimento saudável sejam a curto, médio ou longo prazo. [6]

Isso justifica a necessidade de empenho profissional em (re)inventar formas para o cuidado à distância, na direção de promover uma parentalidade positiva, por meio do envolvimento familiar no processo de

cuidado integral à saúde da criança, pois os cuidados parentais perpassam por um conjunto de ações para promoção de saúde física e mental, a partir das relações afetivo-sociais construídas.

Perante o exposto, emergiu a projeto de extensão intitulado “Sem distância: cuidado à criança em tempos de pandemia”, aprovado pelo Edital do Programa de Bolsas de Extensão - PROPEX, NO 007/2020, de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), na Paraíba. Considerando que as atividades de extensão objetivam contribuir para a formação acadêmica com foco na interação de saberes, numa relação social transformadora entre a Universidade e a sociedade (RESOLUÇÃO 02/2004), a proposta coordenada por uma professora doutora em enfermagem, teve como objetivo instrumentalizar a família para o cuidado à criança na prevenção da COVID-19 e a promoção do crescimento e desenvolvimento saudável diante do isolamento/distanciamento social, numa parceria entre graduandos de um Curso de Enfermagem da referida instituição e a secretaria municipal de saúde da cidade sede da referida Instituição Federal de Ensino Superior. [7]

Diante disso, objetivou-se descrever a vivência na implementação de um projeto de extensão à distância com familiares de crianças na primeira infância em tempos de pandemia.

2. Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, realizado mediante a vivência de uma docente e cinco acadêmicos do curso de Bacharelado em Enfermagem, diante da implementação do projeto de extensão “Sem distância: cuidado à criança em tempos de pandemia”. Este teve como público-alvo 87 famílias com crianças na primeira infância, ou seja, com até 6 anos de vida, cadastradas nas nove Unidades de Saúde da Família (USF) de um município no Curimataú Ocidental da Paraíba, Brasil, o qual sedia a 4ª Gerência Regional de Saúde da Paraíba, que

tem uma população de aproximadamente 20.334 habitantes, e 2048 crianças na primeira infância. [8]

Para implementação do projeto foram necessárias quatro etapas: capacitação da equipe de trabalho; sensibilização dos atores sociais; elaboração do material educativo; e implementação das ações. Diante da situação pandêmica da COVID-19, esse processo ocorreu de forma remota, no período de agosto a dezembro de 2020, por meio da plataforma virtual Google meet, aplicativo de mensagem WhatsApp, e o Instagram @projetosemdistancia.

No que diz respeito à implementação das ações, foi utilizada a ‘teleconsulta’ realizada pela plataforma de vídeo chamada Google Meet e aplicativo de mensagem WhatsApp, para abordagens das mães ou responsáveis pelas crianças. Para otimizar o contato diante dos encontros virtuais e continuidade na comunicação, as mães e/ou cuidadores foram divididos em dois grupos, um das crianças menores de 3 anos e outro daquelas de 3 a 6 anos. Os encontros foram realizados de setembro a outubro, quinzenalmente, sendo um total de 2 encontros por grupo.

Ademais, foi utilizada a rede social virtual ‘Instagram’ para proporcionar uma comunicação mais ativa e estreitar o vínculo com as famílias, bem como profissionais e Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) das Unidades de Saúde da Família (USFs), por meio de informações compartilhadas em forma assíncrona como post e de forma síncrona lives com convidados, abordando conteúdos relacionados à primeira infância em tempos de pandemia.

Todos os procedimentos realizados durante a vigência do projeto foram norteados a partir da Resolução 634/2020 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e da Resolução 002/2020 do Conselho Nacional de Educação (CNE). Para o qual foram considerados aspectos como respeito, confiabilidade, privacidade e proteção da imagem do (s) participante (s). [6,9] Ressalta-se que por não haver a exigência no edital PROPEX, NO 007/2020 o presente projeto não foi submetido ao comitê de ética e pesquisa.

3. Resultados e discussão

A primeira infância representa uma janela neuropsicossocial de oportunidades para um crescimento e desenvolvimento infantil saudável, a partir de um cuidado holístico e integral. É nessa fase que a criança encontra-se mais suscetível às influências de aspectos e estímulos externos, a exemplo da pobreza, violência, saúde e educação precárias, além da ausência de estímulos que podem levar a um desenvolvimento. [10,11]

Nessa perspectiva, a pandemia da COVID-19 pode apresentar impactos significativos no desenvolvimento infantil a curto, médio e longo prazo, tornando-se um fator preocupante mediante as repercussões biopsicossociais que podem acarretar em alterações funcionais e comportamentais nesta faixa etária. [12] Logo, contribuir para a continuidade do cuidado à criança no âmbito da atenção primária à saúde em tempos difíceis como este de restrições com o isolamento social, torna-se imprescindível para diminuição de possíveis impactos da pandemia da COVID-19 no contexto infantil, bem como na manutenção do desenvolvimento adequado.

Nesse sentido, a primeira etapa da extensão à distância contemplou a capacitação da equipe de trabalho, com estudo teórico sobre a COVID-19, medidas de prevenção, repercussões da pandemia na saúde da criança durante a primeira infância, e ações de educação em saúde como ferramenta para promoção de um crescimento e desenvolvimento saudável. Para tanto, foram utilizados manuais, artigos e textos dos órgãos governamentais vigentes como alicerce para construção de um conhecimento teórico-científico como subsídio à elaboração das ações. Após estudo do material, os extensionistas apresentaram os conteúdos utilizando metodologia ativas e didáticas que favorecessem a compreensão pela comunidade, por meio de linguagem clara e objetiva.

Ante o exposto foram elaborados três vídeos temáticos utilizando-se o aplicativo VideoScribe e a plataforma Powtoon, o que proporcionou apresentações ilustrativas e dinâmicas das temáticas propostas, favorecendo assim, discussão, reflexão,

aprofundamento e sistematização do conhecimento entre extensionistas e coordenação. Os encontros aconteceram por meio da plataforma Google Meet, em dia e horário previamente agendado, conforme disponibilidade de todos os integrantes.

A segunda etapa do projeto, caracterizada pela sensibilização dos atores sociais, correspondeu a criação de uma rede de contatos com os profissionais vinculados à Estratégia Saúde da Família do município de execução (Enfermeiros e Agentes Comunitários de Saúde), no intuito de sensibilizá-los a atuarem no projeto, e consequentemente aumentar o vínculo com as famílias. Assim, foi possível estabelecer contato com mães e/ou cuidadores por microárea de abrangência de cada unidade de saúde.

Para favorecer a adesão ao projeto, foi realizado o contato prévio com os pais/cuidadores, de maneira individualizada e em horário comercial, mediante mensagem padronizada, no intuito de apresentar o projeto, seu objetivo e os convidar a participarem. Diante daqueles com baixa escolaridade ou autodeclaração de analfabetismo, o texto foi adequado e enviado por mensagens de voz. A partir de então, fez-se o levantamento da quantidade de filhos e faixa etária, registrando-os em uma planilha virtual de comum acesso entre os membros da equipe.

Foram elencadas 84 famílias, as quais foram incluídas em dois grupos no WhatsApp de acordo com a faixa etária das crianças, menores de 3 anos e de 3 a 6 anos, correspondendo à primeira infância. No entanto, 47 famílias aderiram ao acompanhamento e orientações durante o projeto, o que foi considerado positivo, diante das dificuldades apresentadas, principalmente no acesso à internet, além da falta de êxito nos contatos telefônicos e recusas ao longo da vigência por alegação de indisponibilidade de horários.

Especificamente sobre não ter tempo, salienta-se que diante do fechamento de escolas e creches frente à pandemia, a falta de apoio da família no cuidado com as crianças, e em alguns casos, o trabalho em esquema de home office, tudo isso agregado as tarefas domésticas, contribuiu abruptamente para sobrecarga. Ademais,

pesquisa realizada em 16 países, dentre eles o Brasil, evidenciou que o abismo na divisão de tarefas como as domésticas aumentou ainda mais, e as mulheres passaram a acumular responsabilidades com o chamado trabalho doméstico triplo. [13]

A terceira etapa do projeto consistiu na elaboração do material educativo para comunicação com a comunidade participante, direcionados pelas publicações temáticas nas redes sociais. Foram organizadas cartilhas virtuais, post, lives com profissionais da saúde e vídeos interativos

contendo informações pertinentes à prevenção de doenças, promoção da saúde e continuidade do cuidado, encurtando a distância neste momento.

Assim, para facilitar a interação com as famílias e crianças, o projeto ganhou identidade no espaço do Instagram, com o @projetosemdistancia, tendo os organizadores personalizados em avatares, criados a partir do aplicativo Bitmoji e o software Photoshop versão online, o que proporcionou postagens mais lúdicas e criativas, por toda a vigência, conforme mostra a figura 01.

Figura 1 – representação dos avatares criados no projeto de extensão



Fonte - Arquivos do Projeto, 2021

Para a construção dos post e vídeos interativos, foi adotado os recursos da plataforma virtual Canva e dos programas CorelDRAW Graphics Suite 2020, Splice 4.12.0 e OBS Studios, para edição, criação e gravação de conteúdos. As postagens foram determinadas a partir de um cronograma programático (Quadro 01) pactuados entre os extensionistas e a coordenadora, os quais deveriam versar sobre as temáticas de relevância para o público alvo.

As postagens traziam em seu formato ilustrações e informações breves harmonizadas por diversas paletas de cores com intuito de permitir a compreensão rápida, lúdica e não cansativa, conforme representado nas figuras 02 e 03. As artes em formato de PNG eram compartilhadas em

momentos assíncronos, no perfil do Instagram e nos grupos do WhatsApp nos quais ficavam abertas para diálogo, discussão e questionamentos. A comunicação era realizada de maneira simultânea por mensagem de texto e/ou voz pelo aplicativo WhatsApp conforme demanda dos pais/cuidadores.

Para cada publicação utilizavam-se palavras-chave em hashtag associadas ao tópico em questão, como também uma mensagem incentivando ações de estímulo do desenvolvimento infantil e o contato via direct em caso de dúvidas ou sugestões. Essas estratégias favoreciam esclarecimentos, troca de experiências e educação em relação às necessidades individuais e coletivas das famílias. [14]

Fonte - Arquivos do Projeto, 2021.



Figura 2 – Capa ilustrativa, post nº 07.

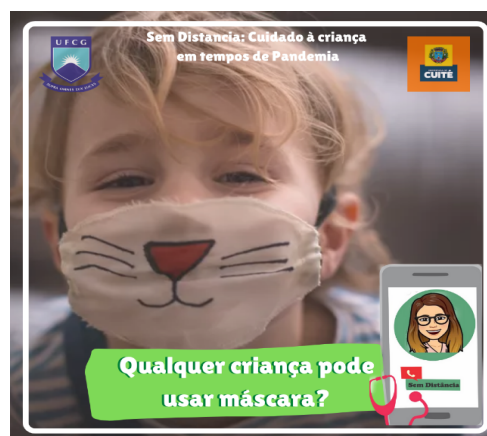


Figura 3 – Capa ilustrativa, post nº 12.

Para contemplar as demandas apresentadas foram elaborados 24 posts de diferentes formatos, divulgados no Instagram com intervalos de 3 dias. Assim, percebeu-se o interesse dos participantes, a partir do aumento no número de seguidores a cada nova postagem, não se limitando apenas ao público-alvo pré-definido no início da extensão, como também por acadêmicos, docentes e outros profissionais de saúde entre os que consumiam os conteúdos diariamente, com interações no perfil por pessoas das mais diferentes localidades.

Ademais, a criação de uma série de vídeos sobre a Caderneta da Criança no acompanhamento e estímulo do desenvolvimento e crescimento infantil. Ressalta-se que esse instrumento é essencial e indispensável para a continuidade do cuidado infantil, por meio do registro de dados de identificação, história obstétrica e neonatal, crescimento/desenvolvimento e situação vacinal, assim como informações sobre o aleitamento materno, alimentação, saúde bucal, visual, auditiva, prevenção de acidentes e violências, e crianças com necessidades especiais. Assim, representa uma ferramenta dialógica entre profissionais da saúde e familiares da criança. [15]

Na quarta e última etapa do projeto, as ações educativas remotas ocorreram de forma assíncrona por meio de lives nas redes sociais Instagram e WhatsApp, e de forma síncrona pela plataforma virtual Google Meet. As mesmas foram organizadas a partir de um cronograma planejado, no entanto, as consultas por videoconferência ou

teleconsulta foram agendadas conforme disponibilidade das famílias.

Os momentos virtuais foram imbuídos da importância da consulta de puericultura, o vínculo e a troca de saberes e experiências a partir da interação com as mães participantes. Destaca-se que a conversa ocorreu de forma harmoniosa, com participação ativa por áudio e vídeo diante de questionamentos, depoimentos pertinentes e escuta atenta. Percebeu-se que a preocupação e o interesse das mesmas em compreender melhor como cuidar e proteger os filhos, principalmente da pandemia, bem como agir ao identificar alterações como alergia ao leite de vaca, dificuldade na fala e comunicação da criança com a família e escola, e no desenvolvimento infantil foram a motivação para participarem até o final.

Ademais, vale ressaltar que o ambiente e a rotina domiciliar dificultam a atenção e concentração em algum momento, mas o fato de termos esclarecido no início que ficassem à vontade para interromper a conversa quando precisassem, ajudou a contornar a situação e mantermos a participação, inclusive com elogios e novos agendamentos individuais mediante qualquer necessidade.

No tocante às lives, totalizaram seis, ocorrendo uma a cada quinze dias, na plataforma do Instagram, mediadas por um membro da equipe e com a participação de profissionais especialistas nas temáticas: Enfermeira da ESF, Enfermeiro coordenador da imunização, Nutricionista, Educador Físico, Farmacêutica e Psicóloga. Para um maior alcance de público, as mesmas eram salvas e postadas no Instagram TV (IGTV) da

plataforma, facilitando assim a visualização posterior pelas pessoas que não tinham disponibilidade no horário em que ocorriam as lives.

Tendo em vista as limitações enfrentadas na implementação da extensão à distância, proporcionar momentos síncronos com as lives oportunizou um protagonismo mais próximo do que a presencialidade da extensão se propõe para interação com as famílias em tempo real, utilizando-se de ferramentas tecnológicas como celular, computador ou tablet. Portanto, cada profissional falava sobre um tema de sua área de atuação e elucidavam dúvidas, traziam exemplos e interagiam com os pais, mães e cuidadores presentes.

Em relação à teleconsulta em enfermagem, ocorreram mediante conversas virtuais de forma coletiva e/ou individual com pais/cuidadores, conduzidas por extensionistas e coordenadora, seguindo exigências éticas, de não divulgar informações, mantendo o vínculo entre os participantes e a equipe, dirimindo os riscos de constrangimento que pode ocorrer nesse contato. [6]

Apesar da equipe ter compartilhado um vídeo ilustrativo com o tutorial de como baixar e utilizar o aplicativo da plataforma Google Meet, bem como se colocado à disposição para realizar o treinamento e teste quando solicitado, a adesão dos pais/cuidadores às teleconsultas foi limitada devido ao déficit no conhecimento e uso de tecnologias digitais, além de ausência de recursos digitais e a indisponibilidade de horários diante das demandas domésticas neste momento.

Todavia, foi possível contribuir para o cuidado das crianças a partir de orientações adequadas às demandas apresentadas, como: a vacinação durante a pandemia, cuidados e prevenção à covid-19 em crianças, estimular a fala, lidar com as birras ou mudanças de comportamento e estresse vivenciados nesse momento, como iniciar a introdução alimentar e as necessidades diante da alergia à proteína do leite de vaca (APLV), além da importância de ler a caderneta da criança e entender como estimular o desenvolvimento neuropsicomotor infantil desde o primeiro mês de vida.

É pertinente ressaltar que isso exigiu da equipe mais criatividade e estratégias que pudessem potencializar os recursos utilizados e o aproveitamento desse momento de avaliação e identificação precoce de alguma alteração na saúde da criança, tendo em vista a ausência de consultas de puericultura nas unidades básicas de saúde. Diante da situação, buscou-se enfatizar a comunicação pelo Instagram, tornando-se a ferramenta principal, com alcance de 450 contas e mais de 4800 visualizações ao encerramento da vigência.

Ante o exposto, percebeu-se um feedback positivo perante o uso das mídias sociais para ações educativas desenvolvidas no projeto de distância, uma ferramenta para instrumentalizar pais/cuidadores na condução do cuidado adequado à criança, considerando essa fase de maior oportunidade para um desenvolvimento das potencialidades, que tem sido interrompido nesse momento atípico mundial; além de garantir escuta qualificada à família e contribuir para fortalecimento do olhar multiprofissional e integral à criança na primeira infância, essencial para os resultados obtidos.

Nessa perspectiva, vale ressaltar a importância dos instrumentos e dos espaços virtuais no processo de ensino-aprendizagem e na realização de práticas educativas diretas com a comunidade, no qual as plataformas digitais se configuram ferramentas contemporâneas e vantajosas, por serem eficientes, acessíveis e de fácil utilização. Portanto, tornam mais simples a gestão do tempo e facilitam a aprendizagem de maneira moderna, remota e transformadora. [3]

4. Conclusão

Descrever a vivência na implementação de um projeto de extensão à distância com familiares de crianças na primeira infância em tempos de pandemia oportunizou a equipe perceber a relevância de reinventar a extensão e adequar as ferramentas para garantir espaço de interação e voz para comunidade, família e pessoa, nesse momento de impotência e distanciamento

dos serviços e ações de promoção de saúde para a continuidade do cuidado, preteridas em relação à identificação e controle da covid-19, protagonista dessa época indescritível da história da humanidade.

Assim, a implementação do cuidado sem distância, a partir de ações realizadas de maneira remota, por uso das redes sociais associadas ao acompanhamento pelo teleatendimento em saúde, apesar de limitações apresenta-se como estratégia promissora, pois possibilitou a população de famílias acompanhadas ampliar o acesso a informações científicas e confiáveis, não somente sobre ao novo coronavírus, permitindo dirimir o risco de contaminação a partir da adesão das medidas de proteção, mas também sobre o seguimento do

crescimento e desenvolvimento infantil e os cuidados para identificar alterações e estimular a criança nesse período de pandemia. Ademais, a extensão nesse novo formato se mostrou uma experiência transformadora para a formação acadêmica com aprendizagem significativa, aprofundamento na temática de relevância epidemiológica atual, nas metodologias ativas e tecnologias leves de cuidado.

Portanto, veio para ultrapassar a distância e fazer diferença na saúde da criança, unindo humanização e criatividade para transformação social, ajudando a comunidade a construir estratégias para resolução de suas demandas, que poderá ser após a pandemia, agregada ao princípio da presencialidade da extensão.

REFERÊNCIAS

- (1) World Health Organization (WHO). WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19-11 March 2020 [Internet]. 2020 [cited 2021 may 21]. Available from: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>.
- (2) World Health Organization (WHO). Considerations for quarantine of individuals in the context of containment for coronavirus disease (COVID-19): interim guidance, 19 March 2020 [Internet]. 2020 [cited 2021 may 21]. Available from: [https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-quarantine-of-individuals-in-the-context-of-containment-for-coronavirus-disease-\(covid-19\)](https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-quarantine-of-individuals-in-the-context-of-containment-for-coronavirus-disease-(covid-19))>.
- (3) Neves VNS, Machado CJS, Fialho LMF, Sabino RN. Utilização de lives como ferramenta de educação em saúde durante a pandemia pela covid-19. Educ. Soc. [Internet]. 2021 [cited 2021 may 12]; 42(1). Available from:<<https://www.scielo.br/pdf/es/v42/1678-4626-es-42-e240176.pdf>
- (4) Giovanella L, Martufi V, Mendoza DCR, Mendonça HM, Bousquat AEM, Pereira RAG, et al. A contribuição da atenção primária à saúde na rede SUS de enfrentamento à Covid -19.Saúde Em Debate [Internet]. 2020 [cited 2021 may 16]. Available from:<<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/1286/2009/2115>>.
- (5) CONASS. Atendimento da Rede de atenção à saúde durante pandemia-COVID 19 [Internet]. 2020 [cited 2021 may 09]. Available from: <https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Atendimento-Da-Rede-De-Atencao-A-Saude-Pandemia.pdf>>.
- (6) COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução. 634/2020 [Internet]. 2020 [cited 2021 jun 08]. Available from:<http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-0634-2020_78344.html>.
- (7) BRASIL. Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Pró-Reitoria de Extensão. EDITAL 007/2020. Edital de apoio a projetos e cursos de extensão voltados ao enfrentamento do

COSTA, P. DE A.; DA SILVA, L. C. L.; BARBOSA, M. P. R.; DE PONTES, A. R. L.; DE SOUZA, A. E. B.; SANTOS, N. C. C. de B. coronavírus (covid 19), Campina Grande, jul. 2020 [Internet]. 2020 [cited 2021 jun 08]. Available from:<<http://extensao.ufcg.edu.br/editais/category/105-2020.html>>.

(8) BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cuité-panorama. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2019 [Internet]. 2019 [cited 2021 jun 08]. Available from:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuite/panorama>>.

(9) BRASIL. Resolução CNE/CP N° 2, de 10 de dezembro de 2020 [Internet]. 2020 [cited 2021 jun 08]. Available from:< <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-2-de-10-de-dezembro-de-2020-293526006>>.

(10) BRASIL. Câmara dos deputados. Avanços do Marco Legal da Primeira Infância [Internet]. 2016 [cited 2021 may 18]. Available from: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudos/pdf/obra-avancos-do-marco-legal-da-primeira-infancia>.

(11) BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança [Internet]. 2018 [cited 2021 may 12]. Available from: saude.pr.gov.br/arquivos/File/Politica_Nacional_de_Atencao_Integral_a_Saude_da_Crianca_PN_AISC.pdf.

(12) Iglesia, YR. Parentalidade e Desenvolvimento Infantil em tempos de Pandemia. *Filos.e Educ* [Internet]. 2020 [cited 2021 may 12]; 12(1):1578-1601 Available from:<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661983/25881>>.

(13) Sociedade Brasileira De Pediatria (SBP). Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de COVID-19 [Internet]. 2020 [cited 2021 jun 09]. Available from:<https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22420c-NAleria_Pais_e_Filhos_em_confinamento_COVID-19.pdf>.

(14) Gonçalves JSS, Santos TF. Projeto baby care: uma rede de apoio para gestantes e puérperas [Internet]. 2020 [cited 2021 jun 08]. Available from:<em:<<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1044/1/TCC%20Corrigido%20Final%20-Thayene%20e%20Joc%c3%a9lia.pdf>>>.

(15) Lima LG, Nobre CS, Lopes ACMU, Rolim KMC, Albuquerque CM, Araújo ME. A Utilização da Caderneta de Saúde da Criança no acompanhamento Infantil. *R. Bras. ci. Saúde* [Internet]. 2016 [cited 2021 jun 08]; 20(2):167-174. Available from:<<https://scielosp.org/pdf/sdeb/2019.v43nspe1/106-115/pt>>.



ALTERNATIVAS PARA UMA APOSENTADORIA COM PLANEJAMENTO FINANCEIRO E SAÚDE EMOCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

SOLUTIONS FOR RETIREMENT WITH FINANCIAL PLANNING AND EMOTIONAL HEALTH: CASE REPORT

RESUMO

OLIVEIRA, A. N. de

Universidade Federal de Ouro Preto

ROICE, A. da S.

Universidade Federal de Ouro Preto

MARQUETTI, I. T.

Universidade Federal de Ouro Preto

PATROCÍNIO, R. M.

Universidade Federal de Ouro Preto

SILVA, A.

Universidade Federal de Ouro Preto

MENDES, J. C.

Universidade Federal de Ouro Preto

A aposentadoria significa um merecido descanso depois de tantos anos dedicados ao trabalho. Entretanto, é alto o número de casos de depressão nessa transição, relacionados principalmente a interrupção da rotina, perda de contatos, solidão e estresse financeiro. Assim, o objetivo do presente projeto foi orientar pessoas de todas as idades em relação às diversas possibilidades de segurança financeira na aposentadoria. Especificamente, buscou-se incentivar os participantes a realizar um planejamento para esta fase da vida e estimular atividades de complementação financeira através do empreendedorismo. Para este fim, os autores desenvolveram um curso online, consistindo em videoaulas e indicações de material complementar para leitura, disponíveis na plataforma Moodle de sua instituição. O curso foi dividido em seis módulos, a saber: a importância da preparação para a aposentadoria; INSS; aposentadoria privada; FUNPRESP (para servidores públicos federais); investimentos financeiros e empreendedorismo. Ao todo, foram 437 inscritos, dos quais 97 finalizaram todos os módulos. Através da comparação entre o formulário de inscrição e de feedback, foi possível observar que os participantes do curso adquiriram maiores conhecimentos sobre os temas abordados e passaram a ver o empreendedorismo como uma importante estratégia pós-aposentadoria. Os participantes avaliaram positivamente o curso como um todo, demonstrando que o formato escolhido para o projeto foi satisfatório. Dessa forma, o curso contribuiu para que os participantes se aposentem com estabilidade financeira e saúde emocional, além de fomentar a cultura empreendedora no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: educação financeira; empreendedorismo; trabalho; bem-estar social.

ABSTRACT

Retirement means a well-deserved rest after so many years dedicated to work. However, the number of cases of depression in this transition is high, mainly related to interruption of routine, loss of contacts, loneliness, and financial stress. Thus, the goal of this project was to guide people of all ages in relation to the various possibilities of financial stability in retirement. More specifically, we sought to encourage them to carry out planning for this phase and to stimulate financial complementation activities through entrepreneurship. To this end, the authors developed an online course, consisting of video lessons and indications of complementary reading material, available on their institution's Moodle platform. The course was divided into six modules, namely: the importance of planning for retirement; INSS; private retirement; FUNPRESP (for federal public servants); financial investments and entrepreneurship. In all, 437 people signed up for the course, of which 97 completed all the modules. By comparing the registration form and the feedback form, we observed that the participants acquired greater knowledge about the topics covered in the course and began to see entrepreneurship as an important post-retirement strategy. Participants evaluated the course positively, demonstrating that the format chosen for the project was satisfactory. In this way, the course helped participants to retire with financial stability and emotional health, in addition to fostering an entrepreneurial culture in Brazil.

KEYWORDS: financial education; entrepreneurship; job; welfare.

1. Introdução

Para muitos aposentados(as), a saída do mercado de trabalho pode ser traumática. A falta de planejamento financeiro, característica das famílias brasileiras [1], a dificuldade de compreensão das regras previdenciárias necessárias à preparação para a aposentadoria [2, 3] e o afastamento do círculo social acabam por gerar sentimentos de improdutividade e inutilidade após a saída do ambiente de

trabalho. Esses fatores podem afetar a identidade pessoal, autoestima e o objetivo de vida dos(as) aposentados(as) [4].

Quando um(a) trabalhador(a) se aposenta, ocorrem mudanças em vários aspectos da sua vida: o ambiente de maior permanência se torna outro, há o distanciamento dos colegas de trabalho e normalmente aumenta-se o convívio com a família [5]. Indiretamente, a carga de responsabilidades é reduzida, a quantidade

de pessoas que dependem e contam com esta pessoa também, e, na maioria das vezes, o poder aquisitivo também é reduzido [5]. Além destes fatores, existem outros influentes estressores, como a exaltação do trabalho como obrigação moral e a perda da identidade e do papel social de trabalhador [6]. Essa supervalorização da atividade laboral desperta no indivíduo aposentado o sentimento de alguém que já não pode mais contribuir com a sociedade.

Assim, as grandes mudanças desse período, somadas à falta de planejamento, podem trazer consequências não só de ordem financeira, mas também de saúde, seja física, emocional ou mental. Em um estudo de Duarte e Melo-Silva [7] foram observados sinais de depressão em cerca de 20% da população acima de 65 anos. Os efeitos da depressão em idosos incluem acréscimo da incapacidade funcional, aumento do risco de suicídio, doenças psiquiátricas recorrentes, abuso de substâncias medicinais, degradação do comprometimento cognitivo e aumento da mortalidade por outras condições médicas [7,8]. Além da solidão e da interrupção da rotina [5], o estresse financeiro é reportado como um dos fatores mais influentes nos dados da depressão em aposentados(as), sendo mais comum em homens, por carregarem tradicionalmente consigo o papel social de provedor da casa [7].

Correia e Corrêa [8] apontam que os benefícios da previdência proporcionam aos indivíduos economicamente ativos uma certa segurança financeira; em caso de imprevistos como doenças ou acidentes. Entretanto, observa-se que, tipicamente, as pessoas não se planejam para a aposentadoria [2,3]. Pessoas recém-aposentadas comumente possuem dependentes, têm pouca educação financeira e não se preparam para o aumento do custo de vida ocasionado pelos gastos com a saúde. Nesse sentido, Rosenkoetter e Garris [3] concluem que os indivíduos que possuem maiores dificuldades para se adaptarem ao novo estilo de vida são aqueles que possuem maior dificuldade em pensar e refletir sobre a aposentadoria no período economicamente ativo da vida. Em resumo, é clara a necessidade de se promover a

educação financeira da comunidade adulta visando ao planejamento para a aposentadoria.

O objetivo do presente artigo é relatar o desenvolvimento do projeto “Alternativas para uma aposentadoria com planejamento financeiro e saúde emocional”, com foco em orientar pessoas de todas as idades em relação às diversas possibilidades de segurança financeira na aposentadoria, incentivá-las a realizarem um planejamento para esta fase e estimular atividades de complementação financeira pós-aposentadoria através de atividades empreendedoras.

Uma atividade empreendedora bem estruturada pode significar para o recém-aposentado uma renda extra, a manutenção de laços de trabalho e amizade e um sentimento de atividade e relevância na comunidade [4,5]. Dessa forma, a partir da necessidade de educar a sociedade no tocante aos riscos que as pessoas estão expostas ao se aposentarem sem o devido planejamento, os autores decidiram ressaltar neste projeto de extensão os benefícios do empreendedorismo e da concretização de iniciativas empreendedoras.

Atualmente existem em plataformas virtuais alguns cursos preparatórios para aposentadoria, por exemplo, cursos de iniciativa pública, como o do ENAP (Escola Nacional de Administração Pública) [10] e de diversas prefeituras e universidades, assim como os de iniciativa privada, disponíveis nas diversas plataformas voltadas à educação (como Udemy, Hotmart, Sympla). Entretanto, em sua maioria, esses cursos versam sobre questões financeiras, como investimentos e previdência privada. De acordo com levantamento prévio realizado pelos autores, poucos cursos enfatizam (ou sequer mencionam) a atividade empreendedora como uma alternativa de manutenção da saúde financeira e emocional, daí o caráter inovador deste projeto de extensão. Além disso, pesquisas como esta, que tratam de empreendedorismo, trabalho e bem-estar do trabalhador, seja na fase economicamente ativa ou da aposentadoria, podem gerar as bases para o desenvolvimento das necessárias políticas públicas nessa área.

2. Metodologia

Para alcançar o objetivo de educar a população brasileira sobre os riscos da falta de planejamento para a aposentadoria e as alternativas para essa importante etapa da vida, o trabalho foi dividido em três fases: a estruturação do projeto, elaboração das aulas e a aplicação do curso à população. A primeira fase iniciou-se com o planejamento do projeto, a partir da definição do público a ser atingido.

Originalmente, o presente projeto contemplaria palestras presenciais ministradas nas dependências da instituição dos autores, tendo como público-alvo a população economicamente ativa de Ouro Preto e região, independentemente de idade e grau de instrução. Entretanto, com a pandemia da COVID-19, optou-se por dar continuidade ao projeto migrando os cursos presenciais para aulas remotas, o que permitiu que fossem alcançadas pessoas em todo o Brasil, sem restrição de idade, classe social ou área de trabalho.

O curso abordou os seguintes conteúdos: a importância da preparação para a aposentadoria; o funcionamento do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS); opções de aposentadoria privada; o funcionamento da Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público da União (FUNPRESP) (para servidores públicos federais); os riscos e vantagens da utilização de investimentos financeiros como forma de aposentadoria e as oportunidades alcançadas através do empreendedorismo.

Com o intuito de receber as inscrições dos participantes e coletar dados referentes ao seu conhecimento prévio, elaborou-se um formulário através da ferramenta Google Forms, cujo objetivo era traçar o perfil do público interessado no assunto, de modo a adequar o formato das etapas subsequentes do trabalho. A divulgação do curso foi feita durante cinco semanas, nas quais foram realizadas ações de promoção em listas de e-mails institucionais de alunos e professores, em grupos de mensagens das associações de moradores das cidades dos membros do projeto, nas redes sociais do projeto e de seus membros, e no site oficial da universidade dos autores.

Com todas as informações prévias em mãos, os autores iniciaram a elaboração dos roteiros para as videoaulas, abordando os conteúdos mais atualizados possíveis sobre os temas abordados. Os roteiros foram feitos a partir de pesquisas bibliográficas em artigos, livros e sites de credibilidade, dando origem às videoaulas para cada um dos seis módulos abordados. A duração de cada videoaula ficou em torno de 15 minutos.

Os módulos foram estruturados de forma a transmitir, de forma clara e didática, os principais aspectos que poderão auxiliar os trabalhadores em sua transição para a aposentadoria, dando uma visão prévia do funcionamento e da dinâmica do processo de aposentadoria no Brasil. Eles compreenderam os seguintes temas e respectivos tópicos:

Módulo 1- A importância da preparação para a aposentadoria:

O que acontece quando você se aposenta em relação ao seu círculo social e suas finanças?

Quais podem ser as consequências dessas mudanças?

O que mudou com a reforma previdenciária?

Quais os benefícios de iniciar cedo o planejamento para a aposentadoria?

Módulo 2 – INSS:

Quais as faixas de contribuição mensal? É possível contribuir esporadicamente?

Quais as idades mínimas e condições para aposentar?

Qual é o procedimento e quais documentos preciso quando for aposentar?

Qual o valor da aposentadoria em relação ao meu salário original?

Por quantos anos eu vou ganhar essa aposentadoria?

O que acontece quando eu morrer? (dependentes)

Módulo 3 - Aposentadoria privada:

Qual a diferença da aposentadoria privada para o INSS?

Qual a diferença entre VGBL e PGBL? E entre regimes progressivo e regressivo?

Há como trocar de regime?

Quais as faixas de contribuição mensal? É possível contribuir esporadicamente?

Quais as idades mínimas e condições para aposentar?

Qual é o procedimento e quais documentos preciso quando for aposentar?

Por quantos anos eu vou ganhar essa aposentadoria?

O que acontece quando eu morrer? (dependentes)

Módulo 4 - Servidores públicos federais: FUNPRESP:

Todos os servidores federais são obrigados a adotar a FUNPRESP?

Quais as vantagens e desvantagens de aderir a esse fundo?

Quais os possíveis regimes? Há como trocar de regime?

Quais as faixas de contribuição mensal? É possível contribuir esporadicamente?

Quais as idades mínimas e condições para aposentar?

Qual é o procedimento e quais documentos preciso quando for aposentar?

Por quantos anos eu vou ganhar essa aposentadoria?

O que acontece quando eu morrer? (dependentes)

Módulo 5 - Investimentos como forma de aposentadoria:

Quais as vantagens e riscos de juntar meu dinheiro em investimentos?

Quanto eu preciso contribuir por mês?

Quando eu posso me aposentar? Quanto eu vou receber ao me aposentar?

Por quantos anos eu vou ganhar essa aposentadoria?

O que acontece quando eu morrer? (dependentes)

Módulo 6 – Empreender:

Quais as vantagens e riscos de iniciar um empreendimento após a aposentadoria?

É possível ser empreendedor formal e continuar recebendo INSS?

Que tipo de empreendimento devo escolher?

O que eu preciso fazer para ser um empreendedor de sucesso?

Para a gravação e edição dos vídeos, foram utilizados equipamentos amadores dos próprios envolvidos no projeto, como câmera do computador pessoal e microfone de fones de ouvido. A edição dos materiais foi feita através de programas gratuitos, como o Windows Movie Maker®, Lightowrks® e Camtasia®. A Figura 1 mostra capturas de tela das videoaulas. Todos os materiais audiovisuais, bem como os materiais escritos de apoio e sugestões de leitura complementar, foram inseridos na plataforma Moodle do Centro de Educação a Distância da instituição dos autores, onde foi oferecido o acesso ao curso propriamente dito.



Figura 1 – Capturas de trechos dos vídeos elaborados pela equipe. Fonte: Autores (2021)

Na terceira e última etapa, abrimos a plataforma ao público e acompanhamos o desenvolvimento dos cursistas. A plataforma e todos os materiais ficaram disponíveis por 60 dias, entre 05/10/2020 e 04/12/2020. Após assistir à aula de cada módulo, os cursistas deveriam responder a um fórum com questões dissertativas sobre cada tema estudado, visando a reflexão sobre o conteúdo e a troca de experiências entre os participantes. Nos fóruns, os participantes aproveitaram para sanar dúvidas e trocaram experiências uns com os outros e com os

instrutores dos módulos. As respostas dos participantes a todos os fóruns (um para cada módulo), atrelada à resposta do formulário de feedback, conferia-lhe o direito ao certificado de conclusão do curso, fornecido pela Pró-Reitoria de Extensão, com carga horária de 30 horas.

Por fim, o formulário de feedback foi elaborado de modo a mensurar a opinião dos participantes sobre o curso, além da efetividade no alcance dos objetivos deste trabalho. Ele também foi aplicado usando a ferramenta Google Forms.

3. Resultados e discussões

Nessa seção, apresentaremos o perfil dos inscritos, a evolução do conhecimento dos participantes com a realização do curso e a opinião geral dos participantes sobre o curso. Incluímos também as lições aprendidas para projetos futuros a partir do feedback dos cursistas.

Perfil dos inscritos

De maneira geral, a adesão ao curso foi muito satisfatória e atendeu a expectativa da equipe, com 437 inscrições válidas. Destes, 97 pessoas (22%) concluíram o curso. De acordo com a Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, esse número é satisfatório, visto que o comum é menos de 10% dos inscritos finalizarem os cursos que se inscrevem.

Entre os inscritos, observa-se que 58% do público tem menos de 30 anos de idade e 16% têm entre 31 e 40 anos. Esse resultado é positivo, dado que a preocupação recorrente dos estudiosos da área é o fato de muitas pessoas deixarem para planejar sua aposentadoria faltando pouco tempo para a concretização da mesma [11]. A maioria das pessoas declararam ter ouvido falar do curso pelo e-mail (37%), em segundo lugar pelas redes de divulgação da Universidade (30%) e em terceiro lugar, pelo WhatsApp (19%). Estes resultados mostram a contribuição da escolha dos canais de divulgação para a adesão de um público mais jovem.

Em relação à ocupação dos cursistas, 65,9% deles se declararam estudantes, 12,3% servidores públicos federais, 6,4% trabalhadores com carteira assinada, 5,9% servidores públicos municipais ou estaduais, 2,5% trabalhadores autônomos, 0,6% empresários ou trabalhadores informais, 0,4% aposentados ou pensionistas, 0,2% empresários formalizados e 2,7% outros (sem especificação). Destaca-se a porcentagem de estudantes que se inscreveram para o curso (65,9%). Esse fato é possivelmente devido à rede de contatos dos autores adotada para divulgação, mas mostra uma preocupação positiva de pessoas relativamente jovens com seu futuro financeiro. O ponto negativo fica para a baixa quantidade de empresários

e trabalhadores autônomos que se inscreveram no curso. Esperava-se um interesse maior dessa fatia de profissionais sobre esta temática, de modo que o módulo 2, sobre o “INSS”, contemplou um tópico exclusivo para esta classe.

Evolução do conhecimento dos participantes e do seu planejamento para a aposentadoria

No formulário de inscrição, ao serem perguntados sobre seu grau de conhecimento a respeito de tópicos importante para a aposentadoria, como riscos financeiros, funcionamento do INSS ou aposentadoria privada, uma proporção expressiva de pessoas declarou não ter nenhum ou muito pouco conhecimento sobre os temas abordados no curso em questão (Figura 2). Por exemplo, 49% dos inscritos afirmaram ter muito pouco ou nenhum conhecimento sobre os riscos aos quais estarão expostos ao se aposentarem sem planejamento; 69% desconhecem ou conhecem muito pouco a instituição do governo Federal que rege a previdência pública (INSS); 82% das pessoas desconhecem ou sabem muito pouco sobre as alternativas de contribuição através da previdência privada; 71% desconhecem a possibilidade de se aposentar através de investimentos (imobiliários, mercado financeiro, etc.) e 67% não sabiam ou sabiam muito pouco sobre a possibilidade de complementar sua aposentadoria oficial por meio do empreendedorismo. Vimos que a maioria dos inscritos (90%) desconhecia o FUNPRESP, o que é natural, visto que é um fundo de previdência exclusivo para os servidores federais.

Por outro lado, ao final do curso, na resposta ao formulário de feedback, a porcentagem dos participantes que declararam ter um grau de conhecimento baixo ou muito baixo para cada um dos temas centrais foi inferior a 14% (com exceção do módulo sobre a FUNPRESP, que foi obrigatório somente para servidores públicos federais). Ao final do curso, 38% dos participantes declararam ter um grau de conhecimento alto ou muito alto sobre o INSS (antes eram 5%), 24% sobre

aposentadoria privada (contra 3% dos inscritos), 44% sobre investimentos financeiros (contra 8% dos inscritos) e 58% sobre empreendedorismo (que na inscrição eram 8%).

Entre as perguntas feitas no formulário de inscrição, questionamos os participantes se eles refletiam sobre aspectos financeiros para a aposentadoria. No total, 29% afirmaram refletir bastante sobre o tema, 44% afirmaram pensaram um pouco a respeito e ocasionalmente, enquanto 27% nunca tinham pensado seriamente nisso. Em uma visão mais abrangente que a financeira, 48% dos inscritos afirmaram que não tinham nenhum planejamento de atividades, hobbies e fontes de socialização para a aposentadoria. Somente 10% deles afirmaram já ter pensado a respeito desses fatores, um dado alarmante. Isso revela uma desproporção com os cuidados de saúde física e mental para a aposentadoria, o que provavelmente leva ao crescente número de casos de idosos com depressão, conforme reportado na literatura [7,8].

Nesse sentido, o formulário de feedback mostrou que o curso promoveu uma mudança na mentalidade dos participantes. Inicialmente, mais da metade (71%) dos inscritos afirmaram não pensavam seriamente nos aspectos financeiros de sua aposentadoria. Além disso, em torno de 90% deles não se preocupava realmente em planejar atividades de socialização e descontração para quando chegasse o momento de se afastar das atividades laborais ou só tinha uma ideia vaga sobre o assunto. Após o curso, todos os participantes declararam entender a importância de um planejamento (havia uma opção que correspondia a não compreender essa importância, mas ninguém a marcou), e 92% deles consideravam pertinente colocar estratégias em prática desde já. Inclusive, 50% dos participantes que finalizaram o curso afirmaram que começaram a pensar seriamente sobre planejamento de atividades e hobbies e desenvolver estratégias para realizá-las, contra 10% dos inscritos iniciais. Isso é fundamental, pois a literatura mostra que pensar e planejar a aposentadoria com antecedência tem um impacto significativo na satisfação das pessoas a longo prazo [12].

Outra comparação interessante é a mudança na visão dos participantes sobre desenvolver atividades empreendedoras. Inicialmente, 64% dos inscritos não havia empreendido, porém já havia pensado em abrir seu próprio negócio. Após o término, 52% dos participantes afirmaram que o curso contribuiu para validar esta vontade. Em contrapartida, a proporção de 27% de inscritos que afirmaram não pensavam em abrir seu próprio negócio, caiu para somente 15% dos participantes ao final. Mais de um quarto dos participantes, 27% afirmaram que não pensavam em empreender antes, mas mudaram de ideia motivados pelo curso. Portanto, ratificamos a importância de cursos que fomentem a cultura empreendedora como um processo que também pode contribuir para uma aposentadoria saudável.

Satisfação com o curso

Analisando os objetivos dos cursistas no formulário de inscrição, notamos que grande parte (40%) dos matriculados buscavam aprender sobre métodos alternativos de aposentadoria, o que já se esperava, visto que nosso curso ocorreu em um contexto pós-reforma da previdência. Outra motivação bastante relevante foi a de garantir que outros aspectos de suas vidas sejam contemplados ao se aposentarem, o foi marcado por 30% dos cursistas. Quando questionados sobre quais objetivos foram alcançados ao final do curso (pergunta na qual era possível marcar mais de uma opção), 80 participantes marcaram que aprenderam sobre métodos alternativos de previdência para ter uma melhor saúde financeira ao aposentar; 73 afirmaram que entenderam importância de garantir que outros aspectos da vida (como vida familiar saúde física e saúde emocional) sejam contemplados ao aposentar, 35 declararam entender melhor como funcionam as estratégias de previdência que eles atualmente adotam e 31 afirmaram que puderam determinar se a contribuição que fazem atualmente é suficiente para garantir seu padrão de vida atual ao aposentar. Nenhum participante declarou não ter atingido nenhum objetivo ao final do curso.

Um questionamento levantado durante a etapa de planejamento do projeto seria se

haveria uma boa aceitação do curso no modelo online, o que os autores temiam que poderia ser uma barreira ao acesso. Contudo, somente 16 dos 97 participantes que finalizaram o curso (16%) indicaram ter tido um pouco de dificuldade com a plataforma escolhida. Nenhum cursista marcou a opção que indicava ter tido muita dificuldade. Esse baixo valor está provavelmente relacionado à faixa etária mais nova dos inscritos (74% abaixo de 40 anos) e ao fato de 92% deles já terem realizado um curso online antes. Esses dados confirmam a percepção da internet como uma ferramenta de democratização do ensino e demonstram que o uso da plataforma Moodle para a realização do curso foi eficaz.

Em relação a entrega do curso como um todo, 58% dos participantes consideraram-se satisfeitos quando questionados sobre o grau de satisfação global do curso e 34% afirmaram estar muito satisfeitos. Além disso, 81% dos cursistas afirmaram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com a aplicabilidade do curso no seu dia a dia.

Dos 97 participantes que concluíram o curso, 37 deixaram voluntariamente comentários no quadro opcional para esse fim. A maioria dos recados eram elogios e pedidos de novos cursos, como, por exemplo: “A duração dos vídeos (relativamente curta) e a forma com que foram feitos ajudaram muito no entendimento dos assuntos.”; “Muito satisfeita com o desempenho total do grupo, principalmente pela dedicação em esclarecer dúvidas tão importantes no atual contexto social” e “Que mais cursos em diversas áreas sejam disponibilizados”. Alguns comentários diziam respeito à qualidade dos áudios, como “Só gostaria de pedir um pouquinho de atenção aos áudios dos vídeos, em dois módulos em particular (no 2º e no 5º) achei o som muito baixo, tive que ouvir várias vezes certas partes para conseguir entender. No mais, o curso foi ótimo!”. Infelizmente, essa situação foi derivada do uso de equipamentos amadores para a gravação das videoaulas (já que a única verba disponível para a realização do presente projeto era uma bolsa para um dos alunos participantes).

4. Relato de experiência acerca do desenvolvimento do projeto

Considerando a pandemia da COVID-19 no momento de execução desse projeto, a alteração do formato de palestras presenciais para o curso online foi essencial para o seu desenvolvimento. Como vantagens desse novo modelo, podemos citar o alcance nacional e a maior flexibilidade (dado que cada participante poderia assistir aos vídeos no seu momento de preferência).

Por outro lado, a natureza remota do curso não permitiu uma grande interação entre os participantes e os instrutores além das respostas e comentários no fórum. Em projetos futuros, planeja-se o acréscimo de estratégias para gerar maior engajamento e troca de experiências, como rodas de conversa on-line.

Diversos participantes reclamaram da qualidade do áudio dos vídeos. Isso ocorreu devido ao fato de que os instrutores não dispunham de equipamento profissional de gravação. Para os próximos cursos, planejamos inserir legendas nos vídeos, o que também permitirá que pessoas com deficiência auditiva participem do projeto.

Os docentes e discentes participantes do projeto não possuíam familiaridade prévia com gravação e edição de videoaulas. Desta forma, os desafios superados para a realização desse curso se tornaram experiências importantes para a capacitação profissional dos envolvidos.

A plataforma Moodle foi considerada uma ferramenta adequada para a disponibilização das aulas. Nenhum participante declarou ter tido dificuldade com a plataforma, e ela permitiu aos instrutores um acompanhamento adequado do andamento do curso. Zen et al. [13] e Guarda et al. [14] também afirmaram ter tido experiências positivas com o a plataforma Moodle em seus projetos de extensão.

Em relação às e aos estudantes da UFOP que participaram do projeto, partindo de uma posição de autonomia para a criação dos próprios conteúdos, eles puderam aplicar conceitos vistos somente em sala de aula. Adicionalmente, a necessidade de instruir os participantes do curso online, que

tinham diferentes origens socioeconômicas e regionais/culturais, levou ao desenvolvimento de habilidades de comunicação e exigiu o domínio de tecnologias digitais de informação, características valorizadas no mercado de trabalho.

Assim, os(as) discentes que participaram do projeto relataram satisfação pessoal e desenvolvimento de hard skills (habilidades tangíveis, como técnicas de gestão financeira, edição de vídeos e estratégias de instrutoria) e soft skills (competências interpessoais, como gestão de projeto, trabalho em equipe, responsabilidade e comunicação digital). Com isso, acreditamos que o presente projeto promoveu uma formação holística, ética e socialmente contextualizada aos(as) alunos(as) participantes.

5. Conclusão

O presente projeto buscou instruir e alertar pessoas em idade economicamente ativa da importância do planejamento da aposentadoria para sua futura saúde financeira e emocional. Para isso, por meio de ferramentas virtuais para educação a distância, os membros da equipe desenvolveram módulos compostos de videoaulas e material didático sobre as principais alternativas de aposentadoria, a saber: a importância da preparação para a aposentadoria; INSS; aposentadoria privada; FUNPRESP (para servidores públicos federais); investimentos financeiros e empreendedorismo.

No total, 437 pessoas se inscreveram no curso. Como limitações da metodologia adotada, os autores optaram nessa edição por não perguntar sobre gênero, renda familiar e cidade dos inscritos, o que dificultou situar economicamente e regionalmente o alcance do curso. Apesar

desse fato, a opção pela realização do curso online, através da plataforma Moodle, e as ferramentas adotadas para divulgação (principalmente lista de e-mails, aplicativos de mensagens e redes sociais) permitiram que pessoas de todo o Brasil tivessem acesso ao conteúdo, o que não teria ocorrido em um curso presencial na instituição dos autores.

No final, 97 pessoas realizaram o curso em sua totalidade. A partir das respostas ao formulário de feedback, acredita-se que os objetivos do projeto foram atendidos: os módulos propostos foram satisfatórios para disseminar a importância do planejamento para a aposentadoria, e os participantes adquiriram noções de diversas estratégias para este fim. Dessa forma, acreditamos que o curso contribuiu para que os participantes se aposentem com estabilidade financeira e saúde emocional. Adicionalmente, 76 participantes (79%) declararam que o curso mudou positivamente sua visão sobre o empreendedorismo ou fortaleceram seu plano de empreender algum dia. Assim, esses futuros empreendedores poderão contribuir com desenvolvimento econômico e oportunidades para sua comunidade ao se aposentarem.

5. Contribuições de Cada Autor

Os autores A.N.O., A.S.R., I.T.M. e M.F.R.P. participaram do planejamento do projeto, elaboração do curso, gestão do aprendizado dos participantes, coleta de dados, análise dos dados e redação do texto. O autor A.L.S. realizou análise dos dados, revisão do texto e coordenação do projeto. A autora J.C.M. participou do planejamento do projeto, elaboração do curso, gestão do aprendizado dos participantes, coleta de dados, análise dos dados, revisão do texto, orientação da equipe e coordenação do projeto.

REFERÊNCIAS

- (1) Lima RAA, Figueiredo FNL, Júnior RV, Ventura AFA. Educação orçamentária familiar: uma ferramenta que promove qualidade de vida no Sertão Paraibano. Caminho Aberto;2016. (4):55-63.

- (2) Noone J, Alpass F, Stephens C. Do men and women differ in their retirement planning? Testing a theoretical model of gendered pathways to retirement preparation. *Research on Aging*, 2010. 32(6), 715-738.
- (3) Rosenkoetter MM, Garris JM. Retirement planning, use of time, and psychosocial adjustment. *Issues in Mental Health Nursing*. 2001 Oct 1;22(7):703–22.
- (4) Alves SCA, Alves CM. Aposentei e agora? Um estudo acerca dos aspectos psicossociais da aposentadoria na terceira idade. *Revista Kaleidoscópio*. 2011 Aug;2(2):01-16.
- (5) Santos SSC. Programa de preparação para aposentadoria na política nacional do idoso e participação da enfermeira. *Rev Enferm UFPE* 2010;1(1):88. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5221>
- (6) Baltes BB, Rudolph CW, Bal, AC. A review of aging theories and modern work perspectives. *The Oxford handbook of work and aging* 2012; 117-136.
- (7) Duarte CV, Melo-Silva LL. Expectativas diante da aposentadoria: Um estudo de acompanhamento em momento de transição. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. 2009;10(1):45-54.
- (8) Silva MM, Turra V, Chariglione IPFS. Idoso, depressão e aposentadoria: uma revisão sistemática da literatura. *Rev Psicol IMED*. 2018; 10(2):119.
- (9) Correia FNP, Corrêa DMMC. Impactos previdenciários na formalização do microempreendedor individual. *Revista Extensão em Ação*. 2018 Dec 27;2(16):139.
- (10) Escola Virtual.Gov [Internet]. Preparação para Aposentadoria - Caminhos [cited 2021 Aug 26]. Available from: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/200>
- (11) Sörensen S, Missell RL, Eustice-Corwin A, Otieno DA. Perspectives on Aging-Related Preparation. *J Elder Policy*. 2021;1(2).
- (12) Solhi M, Pirouzeh R, Zanjari N, Janani L. Dimensions of Preparation for Aging: A Systematic Review. *Med J Islam Repub Iran*. 2022 Jul 20;36-81.
13. Zen H, Silva JO, Machado GE, Brum RA, Brandão JB. Extensão através da utilização do Moodle em curso de formação em educação ambiental. *Anais do SIEPE - Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão: Salão de Extensão; Bagé/RS, 2020; 9(3)*.
- (13) Guarda VL, De Castro AL, Machado M, Costa A, Andrade A, Santos E, Silva A, Mendes J. Sabão Artesanal e Empreendedorismo: ações socioeducativas virtuais para a Proteção dos Recursos Hídricos e Combate à pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*. 2021. 12(1), 89-102.